



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**

Artes e Letras

# **O poder da imagem**

**Na reportagem de guerra e terrorismo**

**Anabela Cardoso de Carvalho**

Dissertação para obtenção do Grau  
de Mestre em

**Jornalismo**

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professora Doutora Anabela Maria Gradim  
Alves

**Covilhã, outubro de 2016**



## Dedicatória

Dedico este relatório aos meus pais, José Paulo e Madalena, por todo o esforço, compreensão e amor nesta etapa da minha vida.

Ao meu irmão pela paciência e apoio.

Ao meu namorado José Costa, por me ter apoiado e ouvido sempre.

E a toda a minha família que me apoiou até este momento tão importante da minha vida.



## Agradecimentos

Aos meus pais, José Paulo e Madalena, por todo o apoio ao longo de toda a minha formação, quer economicamente, quer psicologicamente. Ao meu irmão, Diogo, pela ajuda e amizade. E ao meu namorado, José Costa, por me ter acompanhado ao longo de toda a minha formação académica e por me incentivar a fazer sempre o meu trabalho bem feito.

À Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior e respetivos professores pela qualidade da formação e pela ajuda no meu crescimento profissional. E à minha orientadora, Anabela Gradim pela ajuda ao longo desta fase.

À Rádio Renascença (RR) que me acolheu durante três meses, um tempo de muita aprendizagem. Especialmente, à equipa do online da RR e ao editor Pedro Rios, pela integração na equipa, liberdade de trabalho e disponibilidade. Um agradecimento a todos os elementos da equipa do online que me acompanharam ao longo dos meses, pela disponibilidade e partilha de conhecimentos. Ao jornalista José Pedro Frazão e Maria João Cunha pela ajuda nas conclusões da dissertação.

Ao jornalista Humberto Trezzi pela disponibilidade na ajuda prestada.

À SIC pela disponibilidade e ajuda na recolha de dados para a finalização da dissertação de mestrado. Em especial aos jornalistas Henrique Cymerman e Cândida Pinto pela ajuda e partilha de saber.



## Resumo

A imagem tem neste momento um papel fundamental porque vivemos na época dos smartphones, tablets e computadores; da informação instantânea e repleta de imagens e conteúdos multimédia. Todos os jornais vivem da imagem. Grande parte das capas dos jornais são ocupadas por imagens e na internet, os sites noticiosos têm notícias sempre acompanhadas de imagens ou conteúdos multimédia, como vídeos por exemplo. Por norma, as reportagens de guerra/terrorismo são importantes exemplos da força e impacto que a imagem tem nos espectadores. Os primeiros relatos de guerra começaram a chegar muito cedo, primeiro através da Bíblia e depois, mais tarde, através de pinturas que descreviam os principais cenários de guerra na época. O jornalismo foi evoluindo, os primeiros jornais impressos nasceram e em 1821 surge a primeira figura do “correspondente de guerra”. William Howard Russel é um jornalista Irlandês que em 1854 foi como primeiro enviado especial para a Guerra da Crimeia. Vivemos, atualmente, numa época rodeada de informação vinda de jornais, televisão e rádio, mas não só. As redes sociais como Facebook e Instagram tornaram-se igualmente fontes de informação. Cada vez mais o jornalista precisa de saber selecionar e perceber a veracidade da informação que está a ver. Os jornalistas são profissionais responsáveis pela procura de informações e notícias e por divulgá-las junto do público em geral. É uma profissão que se rege sobretudo pelo código deontológico, por características como a verdade e a credibilidade. Hoje em dia a formação dos profissionais é feita através de cursos especializados na profissão, mas na verdade os primeiros cursos superiores de comunicação apenas surgiram em Portugal em 1979. As notícias divulgadas pelos jornalistas devem ser de utilidade pública, uma novidade para o seu público, e serem rigorosas, de forma a relatar apenas factos de maior interesse. Processo este último feito através dos *gatekeepers*, que selecionam a informação mais relevante e importante a ser transmitido, é o profissional que faz a pré-seleção das informações. E aqui acrescenta-se o papel da imagem, hoje o jornalista para além de recolher a informação necessária tem que se preocupar ainda em encontrar a verdade numa imagem que capte a atenção do seu espectador e demonstre toda a realidade dos locais.

## Palavras-Chave

Imagem, Correspondente de guerra, terrorismo e jornalista.



# Abstract

The image has today an important function because we live in the era of smartphones, tablets and computers; of instant information full of images and multimedia content. For all newspapers, image is very important. Most of front newspapers are occupied by images. And on the internet, the news websites have news always with images or multimedia content, such as videos for example. Very often, the reports of war / terrorism are important examples of the power and impact that the image has on audience. The first reports of war appeared first in the Bible and then later in paintings that described spaces of war. Journalism has evolved and the first printed newspapers were created. In 1821, appears the first figure of the "war correspondent." William Howard Russell is an Irish journalist who in 1854 was the first special journalist sent to Crimean War. Today, we live surrounded of information coming from newspapers, television and radio. But also the social networks - like Facebook and Instagram - have become sources of information. Now, journalists need to know how to select and understand what is real or not. Journalists are responsible for looking at news and spread it to the public. It is a profession regulated by the ethical code where the truth and credibility are important characteristics. Nowadays, professionals have specialized courses to access the profession. But in fact these courses only started in Portugal in 1979. The news should be a public utility, that offers new information to the audience and report accurately only events of interest. To transmit events of interest gatekeepers select the most relevant and important information to be transmitted. Journalists are the ones who make a pre-selection of information. And here it adds the important role of images. Now a journalist needs to collect the necessary information and needs to find the true image that captures the attention of his audience and that shows the whole reality of the places.

## Keywords

Image, terrorism, journalist and War correspondent.



# Índice

<b>Dedicatória .....</b>	<b>iii</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>v</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>vii</b>
<b>Lista de Figuras .....</b>	<b>xiv</b>
<b>Lista de Acrónimos.....</b>	<b>xvii</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>2</b>
<b>PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo 1. Contexto.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1. Contextualizando o jornalismo de guerra.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2. O jornalismo enquanto profissão e a sua relação com a Guerra .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1. Sobre o Jornalismo .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2. Funções do jornalista .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3. Jornalista de Guerra/Enviado Especial .....</b>	<b>18</b>
2.3.1. O que é um Jornalista de Guerra, um Jornalista Estrangeiro e um Enviado Especial?.....	18
2.3.2. Repercussões psicológicas e físicas .....	21
2.3.3. Traumas de guerra na primeira pessoa .....	24
<b>Capítulo 3. A instantaneidade do jornalismo .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1. A internet e as “notícias ao minuto” .....</b>	<b>28</b>
<b>Capítulo 4. O valor imagem .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1. Importância da imagem.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2. Desafios éticos no campo da imagem.....</b>	<b>38</b>
<b>4.3. Momentos marcantes ao nível imagético .....</b>	<b>42</b>
4.3.1. Ataques do 11 de setembro de 2001 .....	43
4.3.2. Atentados em Paris .....	50
<b>II. Estudo empírico .....</b>	<b>56</b>
<b>Capítulo 1. Caracterização da Empresa.....</b>	<b>58</b>
<b>1.1. Cronologia da história da Renascença.....</b>	<b>58</b>
<b>1.2. Estrutura R/Com – Renascença Comunicação Multimédia .....</b>	<b>61</b>
<b>1.3. Marcas do Grupo R/Com – Renascença Comunicação Multimédia .....</b>	<b>61</b>
1.3.1. Renascença .....	61
1.3.2. RFM .....	62
1.3.3. MEGA HITS.....	63
1.3.4. RÁDIO SIM.....	63
1.3.5. Página 1 .....	64
<b>1.4. Marcas paralelas ao grupo R/Com – Renascença Comunicação e Multimédia .....</b>	<b>64</b>
1.4.1. GENIUS Y MEIOS – Entretenimento e Formação, Lda.....	64
1.4.2. Clube Renascença .....	64

1.5. Estrutura da redação .....	64
1.6. Trabalho desenvolvido ao longo do estágio curricular .....	66
<b>Capítulo 2. Metodologia e Desenho da Investigação.....</b>	<b>68</b>
2.1. Tema e problema .....	68
2.2. Objetivos e Hipóteses .....	69
2.3. População e Amostra .....	70
2.4. Metodologia da Investigação .....	70
2.4.1. Realização e características das entrevistas .....	70
<b>Capitulo 3. Apresentação dos resultados .....</b>	<b>72</b>
3.1. Conclusões das entrevistas.....	72
3.2. Conclusões da dissertação.....	79
<b>Referências .....</b>	<b>85</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>91</b>
Anexo 1. Entrevista Henrique Cymerman – SIC (11-09-2016).....	92
Anexo 2. Entrevista Cândida Pinto - SIC (12-09-2016).....	98
Anexo 3. Entrevista Humberto Trezzi – Jornalista Brasileiro (1-07-2016).....	102
Anexo 4. Entrevista Maria João Cunha – Secção online RR (20-09-2016) .....	104
Anexo 5. Entrevista José Pedro Frazão – Jornalista Rádio Renascença (26-09-2016) .....	106



# Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Novo modelo de notícia para a WEB .....	30
<b>Figura 2:</b> Jornal Público - 29 de julho .....	33
<b>Figura 3:</b> Jornal Público - 14 de agosto .....	33
<b>Figura 4:</b> Jornal Público - 31 de agosto .....	34
<b>Figura 5:</b> Jornal Público - 7 de setembro .....	34
<b>Figura 6:</b> Jornal Correio de manhã - 29 de julho .....	34
<b>Figura 7:</b> Jornal Correio da manhã - 11 de agosto .....	34
<b>Figura 8:</b> Jornal Correio da manhã - 31 de agosto .....	35
<b>Figura 9:</b> Jornal Correio da manhã - 12 de setembro .....	35
<b>Figura 10:</b> Jornal de Notícias - 29 de julho .....	35
<b>Figura 11:</b> Jornal de notícias - 14 de agosto .....	35
<b>Figura 12:</b> Jornal de notícias - 31 de agosto .....	36
<b>Figura 13:</b> Jornal de Notícias - 7 de setembro .....	36
<b>Figura 14:</b> Notícia Rádio Renascença de 29 de agosto .....	36
<b>Figura 15:</b> Site Rádio Renascença - notícias de última hora .....	37
<b>Figura 16:</b> Secção multimédia do site da Rádio Renascença .....	37
<b>Figura 17:</b> "Menina de Napalm" .....	40
<b>Figura 18:</b> Menina afegã .....	40
<b>Figura 19:</b> Menino Sírio .....	41
<b>Figura 20:</b> 11 de setembro .....	41
<b>Figura 21:</b> Guerra do Golfo .....	42
<b>Figura 22:</b> Esquema dos Voos do 11 de setembro .....	43
<b>Figura 23:</b> Embate nas torres gémeas .....	45
<b>Figura 24:</b> Sobreviventes do 11 de setembro .....	46
<b>Figura 25:</b> "The Falling Man" (O Homem em Queda) .....	46
<b>Figura 26:</b> Quedas das Torres Gémeas .....	47
<b>Figura 27:</b> Pessoas a fugirem do local .....	47
<b>Figura 28:</b> George W. Bush recebe a notícia .....	47
<b>Figura 29:</b> Explosões na Torres Gémeas .....	48
<b>Figura 30:</b> Bombeiros em busca de sobreviventes .....	48
<b>Figura 31:</b> Descoberta de pessoas entre os destroços .....	48
<b>Figura 32:</b> Esqueleto das Torres Gémeas .....	49
<b>Figura 33:</b> Pessoas a assistirem no local .....	49
<b>Figura 34:</b> Capas de jornais dos dias seguintes ao 11 de setembro .....	49
<b>Figura 35:</b> Polícia a retirar as pessoas da Sala de espetáculos .....	51
<b>Figura 36:</b> Agentes policiais e bombeiros .....	52
<b>Figura 37:</b> Stade de France .....	52

<b>Figura 38:</b> Bombeiros ajudam um ferido .....	52
<b>Figura 39:</b> Equipas de resgate ajudam um ferido .....	53
<b>Figura 40:</b> Forças de segurança obrigam a recuar .....	53
<b>Figura 41:</b> “Le Carillon” .....	53
<b>Figura 42:</b> Homenagens .....	54
<b>Figura 43:</b> Bataclan no final do massacre .....	54
<b>Figura 44:</b> Capas de jornais dos dias seguintes ao atentado.....	55
<b>Figura 45:</b> Estúdio da Rádio Renascença .....	62
<b>Figura 46:</b> Estúdio RFM .....	62
<b>Figura 47:</b> Estúdio Mega FM .....	63
<b>Figura 48:</b> Estúdio Rádio SIM .....	63
<b>Figura 49:</b> Antigas e novas instalações da Rádio Renascença .....	64
<b>Figura 50:</b> Esquema da Redação .....	65
<b>Figura 51:</b> Imagem da redação .....	65



## Lista de Acrónimos

a.C. - Antes de Cristo  
EUA - Estado Unidos da América  
UNL - Universidade Nova de Lisboa  
JN - Jornal de Notícias  
KCTV - *Korean Central Television*  
CBS News - *Columbia Broadcasting System News*  
Faculdade ICESP - Instituto do Câncer do Estado de São Paulo  
APA - *American Psychiatric Association*  
RSF - *Reporters Sans Frontières*  
CNN - *Cable News Network*  
BBC - *British Broadcasting Corporation*  
INSI - *International News Safety Institute*  
IPI - Instituto Internacional da Imprensa  
FIJ - Federação Internacional de jornalistas  
SIC - Sociedade Internacional de Comunicação  
RTP - Rádio e Televisão de Portugal  
TVI - Televisão Independente  
UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola  
CM - Correio da manhã  
RR - Rádio Renascença  
ONU - Organização das Nações Unidas  
RFM - Renascença FM



# Introdução

Os conteúdos multimédia tornaram-se temas fundamentais no mundo do jornalismo, e como parte integrante desses conteúdos temos a imagem. Desde há muito tempo que a imagem faz parte do dia-a-dia dos profissionais de jornalismo, mas na verdade o tempo encarregou-se de tornar a imagem numa peça fundamental para os espectadores. E esta peça torna-se importante nos diferentes meios de comunicação: rádio, televisão e imprensa.

A televisão é o meio que mais requer a imagem porque todas as notícias precisam de imagens e vídeos a acompanhar o noticiário, quer sejam recolhidos pelos jornalistas da estação ou até imagens recolhidas por outras estações televisivas no caso de acontecimentos fora do país. Na imprensa, não é obrigatório a imagem acompanhar a notícia nos jornais, mas a verdade é que é cada vez mais frequente isso acontecer. Sobretudo porque vivemos numa era em que todos podem fotografar e filmar, a partir de um telemóvel ou de uma câmara fotográfica, tudo está simplificado, e os jornalistas conseguem sempre recolher imensa “informação multimédia”. As capas dos jornais são um bom exemplo, de predominância da imagem. Ainda dentro da imprensa, podemos encontrar os sites noticiosos, e aí podemos partir como exemplo o site da Rádio Renascença, onde a imagem é uma predominante, sobretudo na página inicial do site. Todas as notícias ou praticamente todas têm uma imagem que acompanha a notícia, o site possui um BackOffice que tem um “armazém” de imagens recolhidas. Para além, das imagens que a agência lusa disponibiliza. Por fim, a rádio que é um meio diferente porque na verdade as imagens são criadas através da voz do jornalista.

A parte I apresenta o enquadramento teórico da dissertação. No primeiro capítulo é feita uma descrição da história do jornalismo de guerra, como surgiram as primeiras formas de transmissão de informação até chegar aos primeiros jornais e ao surgimento do primeiro repórter de guerra.

No segundo capítulo faz-se uma descrição das principais características do jornalismo e regras que os profissionais devem seguir, a evolução da profissão e o nascimento dos primeiros cursos. Neste capítulo também é possível compreender que o jornalismo, para que funcione em pleno, tem necessidade de se encaixar num regime democrático, o único que lhe permite trabalhar segundo as características e padrões éticos da profissão. Sem democracia não é possível ter um profissional do jornalismo que corresponda tal e qual à verdadeira definição da atividade, no seu sentido mais nobre.

Ainda no segundo capítulo faz-se a distinção entre o que é um jornalista de guerra, um enviado especial e um jornalista estrangeiro, focando as principais dificuldades e

desafios por que passam e relatando os problemas psicológico e físicos que estes jornalistas ultrapassam.

O terceiro capítulo concentra-se mais sobre o jornalismo atual: um jornalismo mais focado na atualidade, na atualização ao minuto da informação e na rapidez com que se transmitem as notícias de qualquer parte do mundo. Faremos isto especificando as mais recentes características do jornalismo: hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade.

No último capítulo do enquadramento teórico aborda-se a importância da imagem no jornalismo atual, quer nas televisões (com vídeos e fotografias), nos jornais impressos (fotografias), jornais online (imagens e vídeo), e ainda na rádio (imagens formadas através da voz). Ainda na mesma secção surgem dois exemplos com imagens marcantes: o 11 de setembro e os atentados em Paris no ano 2015.

Numa segunda parte da dissertação, no enquadramento do estágio, primeiro temos uma descrição do local do estágio - Rádio Renascença.

No segundo capítulo surge a metodologia e desenho da investigação. Para poder responder às minhas hipóteses a metodologia utilizada serão as entrevistas, tendo em conta que são os que lidam diretamente com a necessidade de encontrar imagens certas e ao mesmo tempo sabem quais são as imagens e informações que devem recolher não só para captar a atenção do público, mas também para informar convenientemente.

Para esta dissertação, e explicado no capítulo 2 da II parte tracei o seguinte problema: “Qual é a importância da imagem no mundo do jornalismo?”. E do qual surgem três questões fundamentais:

**Q1:** O jornalismo já não consegue viver sem imagens?

**Q2:** Que género de imagens é que os espectadores mais procuram, o que é que capta mais audiências no presente?

**Q3:** Há imagens que não são utilizadas por serem demasiado fortes? É necessário por vezes fazer uma seleção das imagens?

E tracei ainda os seguintes objetivos para atingir ao longo do tempo:

**O1:** Clarificar a história do jornalismo e o nascimento da figura jornalista de guerra;

**O2:** Perceber se as imagens têm importância para o jornalismo atual;

**O3:** Compreender de que forma os jornalistas escolhem e recolhem certas imagens para ilustrar um tema;

**O4:** Saber se a escolha que os jornalistas fazem das imagens influencia a atenção prestada à notícia.

Por fim, as hipóteses desta dissertação são as seguintes:

**H1:** O jornalismo atual está ligado ao conteúdo multimédia (Imagem e vídeo);

**H2:** A imagem é escolhida pelos jornalistas segundo aquilo que estes consideram ser o mais apelativo, mais interessante para os espectadores, e mais suscetível de caracterizar a realidade que se pretende mostrar;

**H3:** As imagens mais marcantes e mais “chocantes” captam mais a atenção do público.

Para finalizar, o trabalho apresenta as respetivas conclusões do problema colocado, onde através das entrevistas aos jornalistas se pretende compreender qual a importância da imagem no mundo do jornalismo.

A dissertação conta com 5 anexos onde estão as entrevistas completas feitas aos jornalistas da SIC, RR e um jornalista brasileiro.



# **PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



# CAPÍTULO 1. CONTEXTO

Este capítulo faz uma contextualização histórica do jornalismo, começando com o aparecimento das primeiras formas de transmissão de informações, como pinturas, até ao nascimento dos primeiros jornais na Europa. O capítulo explora também o aparecimento do primeiro correspondente de guerra e da evolução deste género de jornalismo.

## 1.1. Contextualizando o jornalismo de guerra

Os primeiros exemplos de relatos de guerra surgiram na Bíblia, no Antigo Testamento. Na Bíblia podemos encontrar, “pontos de vista claramente tendenciosos, principalmente quando se tratava de narrar os combates do povo hebreu contra os filisteus, egípcios ou qualquer outro povo” (Morreti, 2003: 92). De seguida, os relatos de guerra foram produzidos em “forma de poemas como a *Ilíada* de Homero e outros na forma de crônicas, como as campanhas de Júlio César na Inglaterra” (Morreti, 2003: 92).

A partir do final do século XIX e início do século XX, as memórias da guerra eram sobretudo retratadas por imagens, através de pinturas de que “os quadros de Goya e outros artistas nos deixaram testemunho eloquente” (Pereira, 2005:37). Todas as novidades e relatos do que se passava nas guerras estavam a cargo dos oficiais e apenas tinham a “função de registos para a posteridade ou elementos de propaganda” (Pereira, 2005:37).

“(…) seus redatores eram anónimos. O primeiro correspondente de guerra que merece tal nome só apareceu no século XIX, especificamente na Guerra da Crimeia (1854), que envolveu a Inglaterra e a Rússia numa disputa de fronteiras. O papel de correspondente era atribuído a jovens soldados que mandavam cartas das frentes de batalha, expediente bastante insatisfatório, pois não apenas esses soldados-correspondentes eram altamente seletivos com o que escreviam, como mal entendiam o processo jornalístico.” (Morreti, 2004: 92)

Pinturas, poemas, Bíblia, tudo formas de descrever as guerras e os conflitos no mundo ao longo do tempo, até ao surgimento do jornal, das televisões e da rádio.

O jornal enquanto meio de transmissão de informações e notícias surgiu em 59 a.C. em Roma, a *Acta Diurna*. Este foi criado pelo imperador romano Júlio César e tinha como principal função informar os romanos dos acontecimentos sobre a sociedade e política. Mas foi em 1447 que, com Johann Gutenberg, nasceu o jornal como meio de comunicação impresso, através da tecnologia da prensa móvel, que junta a imagem e a escrita num mesmo meio. Os jornais nascem aqui como forma de transmissão não de conhecimento, mas como forma de transmitir informação essencial e necessária.

“Segundo Sousa, o sucesso da imprensa deveu-se ao aperfeiçoamento contínuo das técnicas de tipografia, à diminuição dos custos e ao aumento das tiragens (que estimulou a leitura), ao incentivo, à instrução e ao gosto de ler, motivado por livros, revistas e jornais, e ao aumento da curiosidade e vontade de adquirir conhecimento sobre assuntos do mundo em geral” (Melo, 2005: 4). A aptidão para contar uma história sempre foi intrínseca às capacidades humanas. As cartas foram a principal e primeira forma que o ser humano arranhou de contar histórias. A partir da Idade Média surgiram as crónicas que narravam factos relevantes e eram enviadas aos nobres e às personalidades importantes. De seguida surgiram na Europa as folhas volantes e as gazetas, que descreviam tanto informações verdadeiras, como informações fantasiosas. Já no século XV “surgiu uma variedade de folhetos informativos, polémicos, descrevendo eventos particulares, desastres naturais, relações sensacionalistas ou fenómenos sobrenaturais” (Melo, 2005: 4).

A regularização das publicações apenas aconteceu na segunda metade do século XVI, mas foi no século XVII que o jornalismo se começou a construir tal como é conhecido hoje, como um meio confiável e que deve transmitir apenas informações verdadeiras. *Kevin G. Barnhurst e John Nerone* defendem que os primeiros jornais impressos surgiram na Europa no século XVII. Inglaterra, França e Alemanha constituem os países que deram um maior impulso aos jornais, numa época em que o financiamento era muito pouco e os leitores acabavam por pagar pelo papel e pela impressão do mesmo.

“A história longínqua dos jornais mergulha as suas raízes no século XVI com as “folhas avulsas (...), o *Nieuwe Tijdinghen*, publicado em Antuérpia em 1605 e depois as principais gazetas semanais na Alemanha, Suíça e Inglaterra e França. Nas últimas décadas do séc. XVII-início do séc. XVIII, surgem os primeiros jornais diários em Londres, Zurique e Paris. Mais tarde, a revolução francesa de 1789 gera uma explosão de títulos, fortemente partidários, alguns de vida muito efémera (...) O conceito de liberdade de imprensa amadurece na Inglaterra na segunda metade do séc. XVIII e nos EUA depois da Revolução de 1776.” (Pereira, 2005: 38)

“Printed newspapers first appeared in Europe at the beginning of the seventeenth century. They were a late feature of the so-called printing revolution (Eisenstein, 1979; Johns, 1998), which at first concentrated on multiplying and extending the sorts of books that had previously been reproduced by hand, and only subsequently produced newer formats that took fuller advantage of the capacities of the printing press.” (Barnhurst & Nerone, 2009: 18)

Em finais do século XIX nasce uma nova geração da imprensa e os jornais começam a baixar o preço. O número de notícias, tiragens, títulos e informações cresce de dia para dia. Igualmente, a segunda metade deste século foi marcada pela introdução dos primeiros correspondentes de guerra.

“Com a guerra total, subitamente revelada pelo conflito de 1914-18, a guerra deixava definitivamente de ser assunto de monarcas, nobres guerreiros ou condottieri. Até então mantido longe da batalha, o público passava a ser um

fator a ter em conta na conduta da guerra. O virar do século assiste a um verdadeiro boom da imprensa no mundo ocidental, com a subida vertiginosa do número de títulos e das tiragens. Os jornais conquistam rapidamente novas camadas sociais, servindo de tribuna a diversas correntes políticas da época.” (Pereira, 2005: 39)

A figura do “correspondente de guerra” afirmou-se com *William Howard Russel*. Nasceu a 28 de março de 1821, em Lilyvale, e é um jornalista Irlandês. Trabalhou durante muitos anos no jornal *The Times*, primeiro como repórter de parlamento. Em 1854 eclodiu a Guerra da Crimeia e Russel foi como enviado especial para o local. Esta, decorreu entre 1853 e 1856 na península da Crimeia. Foi um conflito que envolveu o Império Russo e, por outro lado, o Reino Unido, França, Reino da Sardenha (uma união). Mais tarde, Russel foi enviado para Guerra Civil Americana, à Comuna de Paris e à rebelião da Bambata (conhecido por “rebelião Zulu”).

“Foi então que o editor do *The Times* londrino enviou para o campo de batalha um repórter especialmente contratado para a função: William Howard Russell, o primeiro correspondente de guerra. Ele fez tamanho sucesso cobrindo a guerra que depois reportou outros conflitos, como a Guerra de Secessão dos Estados Unidos da América (EUA) e a Guerra Franco-Prussiana.” (Moretti, 2004: 92)

Pouco tempo depois, Euclides da Cunha, em 1897, foi o primeiro correspondente brasileiro a cobrir uma guerra. A presença dos jornalistas tornou-se cada vez mais uma constante, algo que também se deveu às evoluções tecnológicas que permitiram fazer com que a “guerra chegasse a todos”. As agências de notícias começaram a crescer e o fenómeno da sua expansão era cada vez mais visível.

Com a guerra Civil norte-americana, de 1861 a 1865, onde se assistiu a uma das coberturas “mais imediata do que nunca - o público podia ler o que havia acontecido a quilômetros de casa, no dia anterior” (Moretti, 2004: 93). Tudo isto se deveu ao envio de um grande número de jornalistas de guerra: o *New York Herald* enviou 63 homens para o campo, e o *The New York Times*, 20. Foi ainda enviado pela primeira vez um fotógrafo, *Mathew Brady*. Também pela primeira vez utilizou-se com regularidade o telégrafo.

Apesar de todos estes avanços, assistiu-se igualmente a um retrocesso, pelo menos ao que concerne às regras éticas do jornalismo. Preocupando-se apenas com o que poderia interessar ao público.

“O problema é que esses correspondentes estavam poucos interessados na veracidade do que descreviam e mais atentos ao impacto que provocavam. A maioria era ignorante, desonesta e sem nenhuma ética: grande parte de seus relatos era inventada, exagerada, sensacionalista e carregada de discursos inflamados. Com o sucesso da cobertura dessa guerra, os correspondentes se tornaram estrelas. A Era de Ouro dessa categoria de jornalistas entre 1865 e 1914. Rapidamente, o correspondente se tornou o herói de suas próprias histórias, contando-as com toda a cor e intensidade. O crédito ‘Do nosso correspondente’ foi eliminado e substituído pelo nome do próprio repórter.

Meios malucos, meios aventureiros, viajavam a cavalo, jegue, camelo de esqui, de navio ou de trem para onde quer que fosse. (...).” (Morreti, 2004: 93)

# CAPÍTULO 2. O JORNALISMO ENQUANTO PROFISSÃO E A SUA RELAÇÃO COM A GUERRA

Este segundo capítulo presta atenção ao jornalismo enquanto profissão e prática profissional, e explora as características fundamentais do jornalismo: verdade, noticiabilidade, novidade. Numa segunda fase, o capítulo dedica-se a compreender como surgiram os primeiros cursos da profissão e fala sobre os atrasos no aparecimento de cursos em Portugal. Tão importante como as características do jornalismo é importante perceber que esta profissão só se encaixa num regime democrático. Como exemplo, a Coreia-do-Norte não pratica a profissão tal e qual a sua definição original, não é possível chamar jornalismo ao que é vivido no país. Numa segunda fase, o capítulo explora as características do profissional de jornalismo, e as regras por que se deve guiar. Por fim, começa-se a explorar o que é um jornalista de guerra, um enviado especial e um jornalista estrangeiro. Relatando os problemas psicológico e físicos que estes jornalistas ultrapassam, demonstrando exemplos na primeira pessoa de situações reais.

## 2.1. Sobre o Jornalismo

O jornalismo é conhecido como uma forma de transmissão de informações através de meios de comunicação de massas como a rádio, televisão e imprensa. O profissional da área tem a função de transmitir uma determinada notícia ao seu ouvinte/leitor/espectador, coisas que tenham interesse para o mesmo, de uma forma verdadeira. Os jornalistas trabalham assim para contar histórias, para responder a questões fundamentais do quotidiano dos cidadãos.

“A utilidade pública da informação foi bem definida por *Marcel Voisin*, “ajudar o homem a compreender-se e a dominar-se, a conhecer e a dominar o mundo que o rodeia, a situar-se e a agir na sociedade a que pertence. Nesta conceção, a atividade jornalística é concebida como uma resposta ao direito do Ser humano à informação, que faz parte dos direitos do Homem. É, pois, de interesse público e preenche mais uma função social do que uma função social do que uma função económica.” (Jespers, 1998: 25-26)

Muito importante também é a notícia ser novidade para o seu público.

“O enunciado jornalístico é, também, atual, no sentido em que se refere a acontecimentos que ocorreram normalmente há pouco tempo e transportam alguma espécie de urgência no seu conhecimento: é o que se acaba de produzir, anunciar ou descobrir. Para que uma informação seja notícia é preciso que seja recente e imediatamente transmitida, isto é que decorra o

mínimo prazo de tempo possível entre o acontecimento e a sua difusão.”  
(Correia, 2011: 32)

Sendo importante nunca esquecermos a única função de um jornal: dar as notícias, de forma rigorosa, relatando apenas os factos de maior interesse.

“(…) a única coisa importante, são as notícias. Não são, pois, os jornalistas, as emoções dos jornalistas, os perigos que correu, as batalhas que travou, bem como a sua pequena sede de fama e estrelato (...) sendo o jornal uma empresa que produz e divulga notícias, não pode servir interesses criados, nem outros interesses além do seu interesse de informar. O jornal não serve para dar cumprimentos, tecer loas, promover partidos, personalidades ou ideias, ganhar eleições, forjar mitos, arregimentar hostes ou empreender guerra santas. Nem o inverso. O jornal não serve para desacreditar pessoas ou instituições, pagar favores, perseguir inimigos, encetar campanhas, comprometer-se com ações de propaganda ou servir de trampolim para se atingirem fins velados de natureza pessoal.” (Gradim, 2000: 17)

No entanto, o jornalismo é por vezes visto como uma ‘profissão sem valor’, apesar de a história poder provar a qualidade e a validade da ocupação. Primeiramente os jornais eram mais simples, apenas abordavam uma temática, ou seja, eram muito reduzidos. Mais tarde entre 1890 e 1914 a profissão cresceu e o jornalismo começou a abordar novas áreas, a abraçar novos desafios, iniciaram as reportagens e as investigações. Assim igualmente, aumentaram o número de jornais e o número de tiragens.

Mas o ensino do jornalismo começou a ser experimentado só em 1806.

“Em 1806, foi criada uma disciplina de jornalismo na *Universidade de Breslau*. Sucederam-se-lhe experiências semelhantes na Suíça, na França e também noutros pontos da Alemanha. Em 1899, foi fundada uma Escola Superior de Jornalismo em Paris, em parceria com o jornal *Le Figaro*; em 1903, a Universidade de Zurique instituiu o seu curso de jornalismo; e em 1916, seguiu-se-lhe a *Universidade de Leipzig*. A primeira experiência de formação de jornalistas nos Estados Unidos foi levada a efeito em 1869, pelo *Washington College*, na Virgínia.” (Sousa,2009:7)

O primeiro curso de jornalismo nos Estados Unidos nasceu em 1869, mas em Portugal só em 1979 é que começaram a surgir os primeiros cursos ligados à profissão. No entanto desde o século XIX Portugal gozava de excelentes veículos de informação - jornais e revistas. Primeiro eram meros cidadãos interessados e preocupados que escreviam para os jornais, a partir de 1830 os jornais começaram a admitir colaboradores, e surgiram funções com editor e chefe de redação.

“Em Portugal, o primeiro curso de graduação em Comunicação Social surgiu somente em 1979, na Universidade Nova de Lisboa (UNL); o primeiro curso que optou pela designação de Jornalismo data de 1993 e foi implementado na Universidade de Coimbra; e só em 1986, foi fundada a primeira escola superior devotada especificamente ao ensino do Jornalismo: a Escola Superior de Jornalismo do Porto. No entanto, desde o final do século XIX que se debate a introdução do ensino superior de jornalismo no país.” (Sousa, 2009:3)

Apesar de todos os avanços, o jornalismo segundo Nelson Traquina “tem sido uma profissão pouco prestigiada” (Traquina, 2005: 75).

“O sociólogo norte-americano *Michael Schudson* reconhece que o jornalismo não tem tido muito prestígio historicamente (...) O jornalismo não é umas das profissões mais consideradas (...)” (Traquina, 2005: 75).

A definição “fábrica de notícias” é também uma realidade, descredibilizando o trabalho dos jornalistas, reduzindo-os a meros técnicos da linguagem. Mas na verdade, o jornalismo é uma atividade intelectual. Para se fazer bom jornalismo é importante um conhecimento diversificado dos assuntos.

Mas para o jornalismo ser bem-sucedido é muito importante estar inserido numa democracia. Jornalismo num clima de autoritarismo, censura não funciona segundo os princípios básicos das definições da profissão. A democracia é aquilo que permite que o jornalismo seja o jornalismo, permitindo informar sem censura. Foram os regimes democráticos que ofereceram ao jornalismo um papel fundamental e elevado, o de “Quarto Poder”.

“A expansão da imprensa, com as suas acrescidas responsabilidades, surge acompanhada do conceito de “Quarto Poder”, em que a defesa e vigilância da nova força chamada “opinião pública” é invocada como dever e atua como legitimadora da nova força social que é a imprensa.” (Sousa, 2001: 25)

O jornalismo só pode ser jornalismo segundo a sua definição mais conhecida se estivermos perante uma democracia.

“(...) ser jornalista também implica a crença numa constelação de valores, a começar pela liberdade (...) existe uma relação simbiótica entre o jornalismo e a democracia em que o conceito de liberdade está no núcleo da relação. Inúmeras afirmações apontam para esta relação simbiótica, em que a liberdade está no centro do desenvolvimento do jornalismo (...). Thomas Jefferson afirmou: ‘Não há democracia sem liberdade de imprensa’.” (Traquina, 2005: 130 e 131)

Caso contrário, num regime totalitário estaremos perante um jornalismo de propaganda ao serviço do poder instalado naquele país, ou ainda se olharmos para a Coreia do Norte, estamos perante uma completa manipulação da informação. Os regimes totalitários, os fascismos não permitem de forma nenhuma que o jornalismo funcione no seu pleno. Estes tipos de regimes tendem a manipular os meios de comunicação e a dizer exatamente o que eles devem transmitir a população. A única razão de existência dos meios de comunicação nestes regimes, é a possibilidade que os chefes de estado têm de transmitir a informação como pretendem.

Segundo o Jornal de Notícias (JN), numa notícia divulgada em 2014, um jornalista norte-coreano, *Chang Hae-song* dá o seu testemunho do que se vive na Coreia do Norte. Onde demonstra que o jornalismo com profissão ligada à verdade, transparência e transmissora de facto, não é compatível com um sistema não democrático. O sistema de propaganda norte-coreano nada deixa ao acaso e os conteúdos mediáticos “são sujeitos a três filtros de censura: interna, estatal e ‘a posteriori’”, disse *Chang Hae-*

song, que durante 20 anos trabalhou na televisão estatal KCTV (1976-1996), num encontro com um grupo de jornalistas estrangeiros em Seul. O jornalista foi enviado para um campo de trabalho por escrever o nome do líder com um erro”, e só quando chegou a Seul descobriu que “os desenhos do gato e do rato não eram norte-coreanos, mas dos Estados Unidos, e chamavam-se *Tom e Jerry*”. Na televisão, os norte-coreanos têm um canal generalista, outro educativo e um terceiro chamado *Mansudae TV*, que transmite programas estrangeiros, normalmente de entretenimento, que o regime seleciona e corta a gosto.

Portugal também é exemplo de que o jornalismo só é compatível com uma democracia. Durante o Estado Novo vivemos segundo a Censura prévia e o lápis azul. Vivíamos nessa época um regime político autoritário, autocrata e corporativista, que vigorou durante 41 anos, desde a Constituição de 1933 até à Revolução de 25 de abril de 1974, que pôs fim ao regime de António de Oliveira Salazar.

Neste tempo a censura e o lápis azul só deixavam passar na imprensa o que era benéfico para o regime, aquilo que se considerava não ser ofensivo. Todos os textos feitos pelos jornalistas passavam por um alto escrutínio das autoridades competentes antes de saírem para as bancas.

## 2.2. Funções do jornalista

Sendo que a principal função de um jornal é noticiar, é dar as novidades aos seus leitores, a principal função do jornalista é informar, dar a conhecer as novidades do dia.

“Informar (...) é “dar conhecimento, noticiar, avisar, esclarecer; colher informações ou notícias, inteirar-se de”. Como tarefa, é das mais exigentes: requer atenção, perspicácia, vivacidade de espírito e inteligência para a recolha da informação; e ainda um perfeito domínio da língua em ordem a transmitir, de forma adequada, essa mesma informação. Não é raro encontrar estas qualidades reunidas num candidato a jornalista.” (Gradim, 2000: 32)

Assim como o jornalista deve privar-se de tecer opiniões relativas ao assunto que está a relatar. O jornalista deve ter a capacidade “de resistir a misturar factos com opiniões e, de alguma forma, manipular os leitores induzindo-os a retirarem determinado tipo de conclusões” (Gradim, 2000: 33).

O jornalista deve guiar-se assim segundo o código deontológico dos profissionais da área portuguesas, “o jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade, os factos devem ser comprovados” (Código Deontológico do Jornalista, 1993). No fundo a função do jornalista é informar de forma honesta e verdadeira: a verdade deve ser a base da profissão. O profissional deve respeitar sempre os seus ‘clientes’, ou seja, o seu público, os seus leitores, pois eles são os que mantêm vivos os meios de comunicação social. O interesse dos cidadãos pelas novas informações mantém os acessos à comunicação, para além disso o jornalista deve então informar com verdade

estes cidadãos, para que eles possam continuar a confiar. Do mesmo modo, o jornalismo deve ser totalmente independente de órgãos de poder, para poder efetivamente exercer a liberdade de imprensa.

“O enunciado jornalístico implica um compromisso com a busca rigorosa e sistemática da verdade. O jornalismo “é um sistema que atua no ramo da verdade. Os seus produtos se oferecem como verdadeiros, tendo a sua verdade garantida por procedimentos bem codificados de veracidade e certificação. (...) O jornalismo é uma atividade integralmente afetado pela norma da veracidade (...) Não há notícia sobre o qual não se imponha legitimamente uma obrigação de veracidade; aliás, só é notícia um ato verbal que comporte uma pretensão de ser verdadeiro.” (Gomes citado por Correia, 2011: 31)

Nelson Traquina também defende que “outro valor central no jornalismo é a associação com a verdade” (Traquina, 2005: 133).

Apesar de atualmente alguns jornais noticiosos terem por base muitas vezes não o que deve ser transmitido, mas sim o que as pessoas querem que seja transmitido, já *Richard Salant*, antigo presidente da CBS News afirmava que “a nossa missão não é darmos às pessoas o que querem, mas sim o que decidimos que devem ter”. Mas na verdade, na atualidade tudo isso se torna difícil. O público quer ver ‘banalidades’, ‘crimes’.

O que os media muitas vezes vão fazendo torna-se “incompreensível”: por um lado tentam corresponder à verdade, aos valores e aos princípios, no entanto nem sempre podemos verificar isso. Nelson Traquina procura perceber por que as notícias têm determinada forma, que tipo de perspectivas adotam e porquê. No fundo, Traquina procura explicar que o jornalista é um mero mediador e por isso apenas transformam os acontecimentos em forma de notícia.

O jornalista possui também um conjunto de “critérios de seleção de acontecimentos, isto é, uma escala de valores que permite analisar o grau de possibilidade de um acontecimento se transformar em notícia”. E independentemente do papel do jornalista e das características do meio “existe um conjunto de critérios de noticiabilidade que permite aplicar uma prática de seleção estável, o que favorece a standardização do processo produtivo” (Canavilhas, 2001:3).

Os critérios de noticiabilidade são valores/notícias que permitem distinguir a notícia de um mero acontecimento.

“Momento do acontecimento - O acontecimento tem maior probabilidade de passar a notícia se as suas características temporais servirem as necessidades do meio. No caso da televisão, o privilégio é sempre dado aos acontecimentos de última hora.

Intensidade - Quanto maior for a magnitude do acontecimento, maior a probabilidade de ser noticiado.

Clareza - A inexistência de dúvidas em relação ao acontecimento é diretamente proporcional às hipóteses dele passar a notícia.

Proximidade – Quanto mais próximo for o acontecimento, mais hipóteses tem de ser noticiado.

Surpresa– Quanto mais inesperado for o acontecimento mais probabilidades tem de ser noticiado.

Continuidade - A noticiabilidade de um acontecimento aumenta as hipóteses dos seus desenvolvimentos também o serem.

Composição - A necessidade de diversificar o conteúdo do jornal leva a que acontecimentos diferentes do género dominante do jornal possam transformar-se em notícia.

Valores socioculturais– A noticiabilidade de uma notícia varia de acordo com os padrões culturais vigentes.” (Canavilhas, 2001: 3 e 4)

António Fidalgo também fala destes valores-notícia: “toda a informação da comunicação social, seja impressa, radiofónica ou televisiva, obedece a critérios de seleção e de destaque”. E salienta que é o interesse público que “seleciona o que é notícia e a destaca, que uniformiza de algum modo o conteúdo informativo dos diferentes órgãos de comunicação” (Fidalgo, 1996:1).

Nelson Traquina descreve ainda estes critérios de uma forma diferente: “os jornalistas têm óculos particulares - são os seus valores-notícias” (Traquina, 2007: 186).

Vários são os autores que descrevem estes valores-notícia como sendo parte integrante e fundamental na função de um jornalista. Só assim podemos obter notícias e não meramente acontecimentos isolados. Mas os valores não são algo reto que não possa ser alterado, pelo contrário, cada redação tem o seu próprio equilíbrio de valores-notícia, que formam um ecossistema muito peculiar, relacionado às características do meio, do seu alcance e do tipo de público a que se destina.

Tão importante como o processo de produção de uma notícia e escrita, e os valores a seguir, são os processos relativos a como jornalistas procedem quando recebem a informação e depois a selecionam. Exemplo disto é a teoria do *gatekeeping*, cujo conceito é importante esclarecer. O *gatekeeper* é uma pessoa que toma uma decisão: é-lhe apresentado um conjunto de situações, e desse conjunto o *gatekeeper* fará as suas escolhas. Estas orientam-se segundo as características de cada um e são influenciadas pelas suas crenças e experiências, de modo que diferentes *gatekeeper* podem dar origem a diferentes seleções de notícias.

“O *gatekeeping* refere-se de uma forma geral ao processo de controlo de informação à medida que esta flui através de um “gate” (portão) ou filtro. Este processo é associado com o exercício de diferentes tipos de poder como sejam selecionar notícias, tomar decisões relativas ao consumo, filtragem de temas em instituições políticas, mediação de informação especializada, etc.” (Correia, 2011: 79 e 80)

“(…) o processo de produção de informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos gates, isto é, ‘portões’ que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão foi positiva, a notícia acaba por passar pelo ‘portão’; se não

for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua ‘morte’ porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação.” (Traquina, 2005: 150)

Na sua origem, o termo *gatekeeper*:

“... foi cunhado em 1947 por *Kurt Lewin* em referência ao processo de escolha nas tomadas de decisão relativas ao consumo de bens alimentares e transferiu-se para a análise da produção noticiosa na medida em que esta é concebida por uma sucessão de escolhas processadas ao longo de várias fases, desde a receção dos *takes* das agências, passando pelo processo de decisão editorial, etc. Em todos estes níveis intervêm decisores chamados *gatekeeper*.” (Correia, 2011: 81)

## 2.3. Jornalista de Guerra/Enviado Especial

### 2.3.1. O que é um Jornalista de Guerra, um Jornalista Estrangeiro e um Enviado Especial?

Qual será a verdadeira definição de um jornalista de guerra? Este é um jornalista que cobre todos os acontecimentos na ‘linha da frente’ da guerra, e vai reportar os acontecimentos de uma guerra.

No entanto, um jornalista de guerra distingue-se de um correspondente estrangeiro. Os desafios que ambos enfrentam são totalmente diferentes. Por exemplo, o estrangeiro vê os seus movimentos limitados e o seu trabalho limitado segundo diferentes fatores.

Um correspondente de guerra pelo contrário, está dependente da cooperação do exército envolvido no conflito. Muitas vezes até são integrados no meio do próprio exército, e necessitam sempre da proteção dos militares para qualquer lugar que vão. Com esta restrição de necessitarem constantemente do exército, acabam por não se sentir à vontade para realizar o seu trabalho, para além “deste constrangimento, há o facto de os exércitos apenas divulgarem as informações mais apropriadas para eles, bem como “mascararem” o cenário do conflito” (Laranjeiro, 2009: 20).

“Do meio da nuvem conseguimos ver soldados a sair dos *Sea Knight*, movendo-se pesadamente com mochilas e armas. Os *Super Stallion* abriram as portas da retaguarda e largaram *Humvees*, kipes de assalto que tomaram posições nos flancos. De imediato, os oito helicópteros de transporte levantaram voo, deixando os soldados lá em baixo em posição de combate.

Foi nessa altura que começou um estranho espetáculo. Um oficial americano fez sinais e os jornalistas começaram a correr, largando a estrada alcatroada e acelerando em direção das tropas que tinham desembarcado. Corríamos desajeitadamente, e os *Marines* permaneciam deitados no chão, as metralhadoras e as bazucas apontadas para nós. Fotógrafos e operadores rodearam as tropas à procura de imagens, enquanto os soldados permaneciam

quietos, o olhar fixo no infinito ou na mira da metralhadora, em pose heroica e determinada. Havia uma média de três jornalistas para cada marine, o espetáculo tornou-se cômico.

(...) Na sala de montagem descobri que em nenhuma imagem se viam jornalistas. A cassete estava recheada de *marines* em posição de combate, metralhadoras em riste, olhares firmes à *Clint Eastwood* - tudo, exceto o que eu vira. Os jornalistas, as câmaras e as máquinas fotográficas apontadas não se encontravam nas imagens. O cômico circo mediático estava ausente. Em compensação, nas imagens transbordavam ameaçadoras posições bélicas.

(...) Ao efetuar aquele exercício em *Mutla*, o primeiro em solo kuwaitiano desde o início da crise, as forças armadas americanas tinham como único objetivo impressionar o Iraque - e conseguiram-no com apenas um pelotão de Marines e a cumplicidade mediática. Mas, pelo menos neste caso, é uma cumplicidade inadvertida, quase inconsciente. Como é evidente, o operador de câmara libanês, tal como a generalidade dos restantes colegas no local, não estava em conluio com as tropas americanas. O que se passara é que ele, por pressões editoriais já interiorizadas, procurou captar as imagens espetaculares, tentou obter o lado estético do que estava a acontecer. E claramente, os jornalistas a rodear os soldados emergiam como ruído na imagem.” (Santos, 2005:10 e 11)

*Samy Adghirmi* foi correspondente da Folha de S. Paulo no Irão, esteve presente na Tunísia, Líbia, Egito, Síria, Irã, Marrocos, Iêmen, Israel, Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jordânia, Afeganistão e Iraque. E para ele um correspondente de guerra é apenas um especialista em acontecimentos bélicos. Mas que deve ser “pensar na dignidade das pessoas. O sensacionalismo pode aparecer por instinto”, mas no seu entender deve ser anulado.

Em Itália existe o exemplo de *Lorenzo Cremonesi*, repórter do *Corriere Della Sera*. “Eu convivi muito perto com o Lorenzo, e esse cara vai de uma guerra a outra. Ela viaja com uma mochila, passa quatro meses em uma guerra, vai para Milão, tira uma semana de folga, e volta para a guerra. Ele é completamente louco, porque obviamente só vê desgraça o tempo inteiro, mas esse sim é um correspondente de guerra” (Costa, 2014: 24 e 25).

O correspondente estrangeiro é um jornalista que está fixado numa cidade estrangeira. Maioritariamente estes profissionais estão sediados na capital de um país, cobrindo essa região ou país. Normalmente, o correspondente define o seu próprio trabalho, e redige sobre os assuntos que considera relevantes e interessantes para o seu país de origem. É uma pessoa totalmente integrada na sociedade, com um profundo conhecimento da realidade local. Por isso mesmo torna-se um especialista, e deve realizar um melhor trabalho porque “tem a obrigação de selecionar as notícias que mais se relacionam com os seus leitores ou mais diretamente tenham a ver com os assuntos de interesse bilateral”, para além disso “a principal razão para enviar um correspondente para determinado lugar no mundo prende-se com o interesse que esse mesmo local detém para o país recetor da informação” (Costa, 2014: 22 e 23).

Apesar de o correspondente estrangeiro ser o maior especialista, um correspondente de guerra também pode, segundo Marcela Costa torna-se num especialista. Acaba por não se tornar um especialista num local, como o correspondente estrangeiro, mas sim em cenários de guerra. Isto acontece “quando um correspondente já noticiou vários conflitos, conhecendo assim os meandros deste tipo de acontecimento. Ser-lhe-à possível antever certo tipo de acontecimentos e reações das partes em conflito” (*idem*: 21).

“Se pensarmos na região do Golfo Pérsico sabemos que esta zona possui determinadas características demográficas, sociais e económicas, assim como sabemos que essas características estão na base de muitas lutas e mesmo de guerras entre os países dessa área do globo. Um correspondente que tenha feito a cobertura de mais um episódio de conflito naquela zona do globo começa a ambientar-se com as características daqueles povos, sendo-lhe assim possível prever algumas reações que terão ... a ‘bagagem’ que adquirem de um acontecimento para o outro permite-lhe antever algumas reações e desenvolvimentos.” (Costa, 2014: 22)

Pelo contrário, existe ainda o enviado especial, que é um jornalista enviado especificamente para um tema: guerra, crise, desastre natural, entre outros. Torna-se diferente do correspondente, na medida em que não reside no local, e regressa à sua origem no final da “peça”, ou seja, é apenas enviado para tratar aquele tema em especial. Geralmente, é escolhido de entre a redação, o que tem mais conhecimento sobre a matéria em questão. Segundo Leão, no livro ‘Dicionário de Ciências da Comunicação’, pode ser definido como um “jornalista enviado para um determinado local, como objetivo de fazer a cobertura noticiosa de um acontecimento específico.” (Leão, 2000, pg. 89). O enviado especial é um jornalista que se desloca para os locais para reportar um acontecimento e que depois regressa ao seu país e ao seu trabalho passado algum tempo. Este apenas se move para o local se o assunto tiver interesse para a população do seu órgão de comunicação de origem.

Por exemplo, no Brasil não existem correspondentes de guerra, apenas existem enviados especiais, segundo *Samy Adghirni*, que é um desses casos.

“O jornalista brasileiro *Samy Adghirni* foi pela primeira vez à guerra aos 24 anos de idade. Hoje com 34 anos, solteiro, sem filhos, continua a cobrir conflitos armados sempre que a Folha de São Paulo solicita. Para ele a figura de correspondente de guerra não existe no Brasil. “No Brasil você tem profissionais como eu, como o *Andrei Netto*, que são pessoas que cobrem conflito de vez em quando. São pessoas que vão à guerra, mas cuja especialidade é outra”. Esse conceito desperta a necessidade de definir correspondente de guerra e enviado especial. “Correspondente é quem mora, eu sou correspondente da Folha no Irã. Mas quando eu vou à Síria eu sou enviado especial.” (Costa, 2014: 24)

Ainda segundo o Brasileiro *Romaldo de Souza*, existe ainda um “terceiro correspondente”, que é o correspondente de conflitos. Ou seja, ele não assiste apenas à guerra, assiste a conflitos, muitas vezes segundo o próprio, piores que guerras.

“Direto de Carnaíba, no sertão de Pernambuco, o radialista *Romaldo de*

*Souza* sempre sonhou em trabalhar com conflito. Casado e com um filho, foi à guerra no ano 2000, aos 43 anos. Atualmente professor de Radiojornalismo na Faculdade *Icesp*, ele se considera correspondente de conflito, e não somente de guerra. “Estive em outras situações tão conflituosas como, que foram mais difíceis de trabalhar, do que mesmo a guerra.” (Costa, 2014: 25)

Henrique Cymerman fala ainda de um outro gênero de jornalista: os “paraquedistas”. São jornalistas que não conhecem o local onde estão, e acabam por ter mais dificuldades de movimentação nos locais de conflito.

“Na Síria, no Iraque e noutras zonas, houve nos últimos anos muitos acidentes com jornalistas. Alguns morreram, mas sobretudo porque não conheciam a zona/terreno onde estavam. São aquilo que nós chamamos no meio dos jornalistas, os paraquedistas, querem ganhar a fama e acham que esta é uma boa forma, mas não conhecem o terreno, não conhecem nada.” (Entrevista com Henrique Cymerman - Anexo 1)

Em resumo, um correspondente pode tratar qualquer tipo de assunto e acontecimento, questões económicas, culturais ou sociais, permanecendo nos locais durante meses, anos ou até toda a sua vida. Já o correspondente de guerra está direcionado apenas para questões bélicas, enquanto os enviados especiais apenas se deslocam aos locais quando existe uma temática interessante para o seu público.

### **2.3.2. Repercussões psicológicas e físicas**

A vida de um correspondente de guerra é passada a viajar, e a saltar de área de conflito em área de conflito.

Estes profissionais, tal como os combatentes de guerra, têm tendência a sofrerem de stress pós-traumático. Este é um transtorno psicológico que decorre de uma situação ou evento stressante, de curta ou longa duração. Na sua maioria este stress provoca pesadelos, distanciamento emocional, irritabilidade e distúrbios de sono.

Humberto Trezzi, jornalista Brasileiro, já presente em diferentes zonas de conflito diz que um jornalista “que cobre guerras é raro no Brasil. Os mais dedicados a isso são os ingleses, norte-americanos e russos. Vivem de guerra em guerra, migrando. Não param na redação, a vida deles é uma viagem constante. Alguns desenvolvem traumas devido ao impacto negativo do que cobrem” (Ver entrevista em Anexo 3).

Já Cândida Pinto confessa que regressa sempre “diferente, porque somos expostos a graus de stress e sofrimento muito elevados” (Ver entrevista em Anexo 2).

Para além dos distúrbios psicológicos, ocorrem ainda os danos físicos e as mortes de jornalistas em algumas situações. Existem diferentes estudos sobre os efeitos nos civis e militares que estiveram em situações de guerra. No entanto, há poucos psiquiatras que

admitem que os jornalistas podem estar expostos a traumas iguais aos dos militares ou talvez piores.

No livro de Carlos Santos Pereira (2005) é descrito um estudo feito pela *American Psychiatric Association (APA)* em abril de 2000 que “concluiu que os ‘repórteres de guerra’ acusam frequentemente perturbações de ordem psíquica e emocional - sobretudo o chamado ‘stress pós-traumático’ -, por vezes a um nível semelhante ao dos soldados em combate, e mais elevado do que se regista, por exemplo, entre os polícias”. Segundo um outro estudo, este realizado pela Universidade de Toronto, “constatou-se que muitos ‘repórteres de guerra’ tinham sistematicamente dificuldades de relacionamento social e problemas de ordem pessoal e familiar, e consumiam três vezes mais álcool do que a média dos outros jornalistas” (Pereira, 2005: 291 e 292).

Para além disso, a competição, a notoriedade, a questão da novidade da notícia, o choque da informação para captar a atenção do público, levam a que muitos coloquem a sua vida em risco.

Após a guerra do Iraque foi assumida a necessidade que repensar algumas questões e obrigar os responsáveis militares e políticos a terem mais atenção às condições dos jornalistas nas coberturas das guerras.

“A *Reporters Sans Frontières (RSF)* lançou a 14 de março de 2002 a *Chart for the Safety of Journalism working in War Zones and Dragerous Areas* (carta para a segurança dos jornalistas em zonas de guerra e de risco) recomendando uma série de medidas destinadas a aumentar a segurança dos “repórteres de guerra”. A “carta” lança um apelo às autoridades públicas e aos media dos jornalistas no sentido de assumirem o compromisso de procurar formas de avaliar e reduzir os riscos da cobertura de conflitos.” (Pereira, 2005: 284)

Segundo esta carta preparada pela Repórteres Sem Fronteiras, os órgãos de comunicação social não devem obrigar os jornalistas a cobrirem as guerras, se não for esse o seu desejo. Devem sim, enviar jornalistas preparados, com experiência, equipamento e proteção. São obrigados ainda a garantir acompanhamento psicológico sempre que pedido pelo jornalista, e garantir sempre este acompanhamento para os repórteres.

Desde 1994 até 2004 foram registadas inúmeras mortes de jornalistas de guerra, apenas confirmando, por várias agencias, ao longo dos anos, o crescente número de fatalidade entre esta classe profissional.

“Os dados recolhidos pelo *International Press Institute* apontam para a morte de 64 jornalistas em serviço num total de 19 países em 2003, o que faz desse ano em questão um dos mais sangrentos de sempre para os profissionais da informação, e em particular para os “repórteres de guerra”. (...) Em 2004 estes números agravaram-se de novo. A Federação Internacional de Jornalistas fala de mais de 100 profissionais dos media mortos, o CPJ fala de 56 jornalistas mortos em serviço - dos quais 36 assassinados. (...)” (Pereira, 2005: 285)

Nos últimos dez anos, de 1994 a 2003, morreram 346 jornalistas em funções nos locais de guerra.

“Deles, apenas 55 (17 por cento do total) foram vítimas de fogo cruzado em confrontos armados. A maioria (263 - ou seja, 76 por cento) foram vítimas de represálias pela cobertura de temas sensíveis, como o crime organizado e corrupção, em países como Bangladesh, a China, a Tailândia, as Filipinas, a Colômbia ou a ex-Jugoslávia. Os restantes morrerem em confrontos de rua e incidentes diversos.” (Pereira, 2005: 285 e 286)

Após estas mortes, a situação grave que se encontrava em Israel, onde dois jornalistas já teriam sido mortos pela Força Israelita de Defesa, a CNN na Guerra do Iraque da Primavera de 2003 autorizou os jornalistas a contratarem seguranças armados. Até ao momento desta decisão já haviam sofrido 12 baixas de jornalistas. A decisão não foi, no entanto, consensual. Segundo a estação de informação os jornalistas eram agora vistos como parte do conflito.

“A decisão foi condenada de imediato pela organização *Reportéres Sans Frontières*, que acusou a CNN de ter ido “longe de mais” e de abrir um “precedente perigoso” que não deixaria contribuir para “aumentar a confusão entre repórteres e combatentes. (...) O facto é que a questão da autodefesa dos jornalistas estava definitivamente colocada. “Os jornalistas estão a ser deliberadamente tomados como alvos em certas zonas como o Iraque. Há quem os veja já, não como observadores imparciais e neutros, mas como parte do conflito e por conseguinte como um alvo legítimo” - disse à Reuters Nick Wrenn, gestor-editor da CNN.” (Pereira, 2005: 286 e 287)

Depois desta decisão e desta troca de palavras, a BBC decidiu oferecer aos jornalistas escolta e guarda-costas em casos extremos e como último recurso. “A decisão surgia dois dias depois de uma equipa da estação ter sofrido um ataque armado em Riade que custou a vida a um operador de câmara e feriu gravemente um jornalista” (Pereira, 2005: 287).

Tudo isto abriu discussões à época e inúmeras prespetivas e ideias sobre o assunto. *David Gadge* do Instituto Internacional da Imprensa afirmou que “o nosso receio é que, com o uso de guardas armados, os jornalistas possam ser vistos como parte do problema - no fundo eles podem ser vistos como terceira força”. Esta declaração, apesar de fazer sentido tendo em conta todo o contexto, na verdade corresponde exatamente ao motivo alegado pela CNN à época para tomar esta decisão.

A 2 de maio de 2003, um dia antes do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, foi criado o *International News Safety Institute* (INSI), apoiado por mais de 80 organizações ligadas aos media, num momento de grande fragilidade, o conflito no Iraque. Este instituto pretendia criar um elo de ligação entre as organizações dos media de todo o mundo e a defesa dos jornalistas.

A criação do instituto veio num desenrolar de diferentes reuniões e da tomada de decisão que seria necessário tomar uma posição em relação à segurança dos jornalistas.

“Desde o final de 2002 a FIJ e o Instituto Internacional da Imprensa (IPI) vinham já promovendo uma série de encontros com outras associações internacionais de jornalistas, sindicatos, grupos de defesa da liberdade de imprensa e meios de comunicação social para estudarem em conjunto medidas capazes de aumentar a segurança dos profissionais dos media, nomeadamente em cenários de guerra. As discussões intensificaram-se depois da guerra do Iraque.” (Pereira, 2005: 288)

INSI lançou um ‘código de segurança’ que procurava reforçar os fundamentos criados na ‘Carta’ feita antes pelo RSF. No fundo os princípios eram: o envio de jornalistas para cenário de guerra deveria ser de forma voluntária, a recusa de uma missão não deveria repercutir nenhuma sanção para a carreira, os jornalistas enviados devem receber formação. Apela ainda às forças de segurança que não intimidem, nem agridam os profissionais. Aos governos é exigida a não censura, deixando divulgar e recolher as informações que considerem necessárias para informar a população.

Portugal também tomou medidas, nomeadamente, a criação de um curso de sobrevivência para jornalistas em situações de guerra, com o objetivo de passar competências de sobrevivência aos jornalistas.

Esta ideia da formação tornou-se cada vez mais usual: “A preparação dos jornalistas para enfrentar cenários inspira já cada vez mais a iniciativa privada, em particular nos Estados Unidos, e na Grã-Bretanha, onde surgiu mesmo uma pequena indústria no ramo ... É o caso da *Centurion Risk Assessment Services*, que prepara repórteres, funcionários de organizações humanitárias e até homens de negócios para situações de risco” (Pereira, 2005: 290).

### 2.3.3. Traumas de guerra na primeira pessoa

O jornalista Paulo Camacho viveu de perto a dor, a morte. Em Novembro de 1993 deslocou-se ao Huambo para falar com Savimbi para a SIC. Nessa altura a cidade encontrava-se fustigada por bombardeamentos e totalmente paralisada: faltava água, comida, remédios, havia pessoas à beira da morte e hospitais a “rebentar pelas costuras”.

“O Renato Freitas e eu chegamos ao hospital do Huambo a pé.... Bastaram escassos segundos para percebermos o verdadeiro significado da calma em que a cidade parecia mergulhada e que contagiava o hospital. Não era o sossego associado à paz, mas o silêncio que faz companhia à morte. Não havia ruído próprio de uma cidade porque muitos dos habitantes tinham partido ou morrido e os poucos que restavam não tinham forças para sair.” (Camacho, 2012: 71)

“Quando nos aproximamos, apareceu uma mulher que se dirigia para lá com uma capulana puxada até cima dos joelhos, a esvaír-se em sangue e a lutar para se manter de pé...”, ao entrarem no hospital assistiram á chegada de uma mãe “que levava ao colo uma criança inerte. Ricardo tinha 2 anos. Era mais uma vitima da fome extrema.” Mais tarde

regressaram para ver como se encontrava Ricardo e “encontramos a cama de grades vazia: o coração da criança parara minutos antes. Ficamos devastados” (*idem*). Estas são apenas algumas recordações do jornalista.

Recordações que muitas vezes percorrem a vida dos jornalistas, “... vinda não sei de onde, apareceu uma criança de 5 ou 6 anos, que se agarrou com tanta força a umas das minhas pernas pedindo insistentemente, a soluçar para a levar comigo.” O jornalista remata: “O desespero do miúdo que preferia fugir com um estranho a ficar naquela terra morta persegue-me até hoje” (Camacho, 2012: 72). São memórias que marcam os jornalistas e que marcam significativamente toda a sua vida.

A profissão, jornalista de guerra leva os profissionais a deslocarem-se para algumas regiões de conflito, algumas das mais perigosas do mundo. O principal objetivo chegado ao local é captar o maior número de imagens e gravações áudio do que se passa realmente do terreno.

Para além disso, o jornalista tem noção do perigo que corre ao longo do tempo, mesmo assim o amor à profissão e a adrenalina levam-nos a quer mais e mais, como conta Paulo Camacho no seu livro “Debaixo de fogo”.

“Talvez hoje seja mais conhecido por ter passado sete horas em direto num estúdio, no dia 11 de setembro de 2001, a apresentar a emissão especial que acompanhou a queda das Torres Gémeas, mas o meu gozo pessoal foi sempre muito maior no terreno. Cheguei a estar viciado na adrenalina de cobrir situações de guerra. Passava mais tempo fora do que em casa. Para evitar conflitos antecipados, só avisava a minha mulher na véspera. Na verdade, o que a incomodava não era que estivesse de partida, mas o facto de a minha partida ser sempre imprevisível. Nunca senti, nem dela nem de ninguém da minha família, qualquer pressão para evitar estas reportagens. Prova disso é que o meu filho, então com 10 anos, fez um diário da primeira Guerra do Golfo, quando fui o enviado especial do Expresso no Iraque.” (Paulo Camacho, 2012: 26)

A jornalista Maria João Ruela, da SIC foi apanhada num assalto violento no Iraque em 2003 e levou um tiro numa perna. Este acontecimento marcou a jornalista pois ficou com uma limitação para o resto da vida.

Maria João Ruela seguia num jipe para o Iraque, juntamente com profissionais da RTP e TVI. Passados dez minutos de terem passado a fronteira aperceberam-se que estariam a ser seguidos por dois carros de alta cilindrada. O jipe onde se encontrava foi sempre ficando mais atrás que os outros e por isso decidiram voltar para a fronteira, porque lá haveria quem os protegesse. Na perseguição começaram aos tiros ao carro e foi nesse momento que a jornalista foi atingida. Soube naquele segundo que tinha sido atingida na perna. Marca que carrega hoje consigo.

Regressando ao jornalista Paulo Camacho, para além dos seus relatos das mazelas psicológicas, também passou por um momento de “vida ou de morte”. “O que quase me matou foi a água - ou, pelo menos, foi o que me disseram” (Camacho, 2012: 47). Era na altura um jovem jornalista, sedento de aventura.

“O briefing era claro: um mês de viagem, pelas “terras livres”, onde não havia hotéis, restaurantes, casas e muito menos água canalizada ou casas de banho. Dormiria onde calhasse e seriam feitos os possíveis para que tomasse um banho ocasional assegurara o homem da UNITA em Londres. Deram-me garantias de que fariam tudo para preservar a minha integridade física. Se queria aventura, a proposta não podia ser mais radical.” (Camacho, 2012: 48)

E foi assim que partiu à aventura, passou por muitos locais, mas o grande problema era encontrar água potável. Segundo Paulo Camacho, “embora os meus cicerones ingerissem água, proibiam-me em absoluto de matar a sede como eles. Diziam que me fazia mal e davam-se, invariavelmente, um sumo concentrado de goiaba demasiado doce e pegajoso” (Camacho, 2012: 59). A utilização da água era sempre racionada. Todos os dias de manhã recebia uma bacia de água, “primeiro lavava os dentes, depois a cara, e por aí em diante, até a água na bacia ter perdido as propriedades purificadoras, de tão suja que ficava (idem: 59). Certo dia, o jornalista não aguentou e antes de iniciar o seu ritual engoliu alguns golos de água. Mas o que parecia ser tão inofensivo começou a dar sinais, os primeiros calafrios e tonturas, dores de cabeça, vômitos.

Também a jornalista Cândida Pinto, da SIC, foi apanhada em direto num tiroteio ao hotel onde se encontrava. Ela classifica-se apenas como uma enviada especial, porque considera que verdadeiro correspondente de guerra é por exemplo “*Dexter Filkins do New York Times*, que passou três anos e meio em Bagdad. Da Primavera de 2003 ao outono de 2006, passou dois anos no Afeganistão. São os verdadeiros correspondentes de guerra”. A nível psicológico a jornalista afirma que “ganhamos defesas. Nós temos sempre um escudo como defesa que é o nosso trabalho, ou seja, estamos sempre a correr para a frente, temos que trabalhar sobre aquilo, não estamos ali para olhar, ver, carpir mágoas e ficar quietinhos”. Segundo a jornalista a maior defesa é não estar quieto, é estar sempre em movimento, sem olhar ou pensar. “Claro que, quando voltamos, há uma certa ressaca” (Lança, 2012).

Cândida Pinto foi apanhada no meio de um ataque ao hotel onde se encontrava na Líbia. Estava em direto para a SIC quando os tiros aumentaram de intensidade. A jornalista procurou proteger-se e ao mesmo tempo descrever o que se passava no local. O mesmo, dava para ver, faziam os restantes jornalistas presentes no hotel.

... “foi uma situação muito especial, rápida e inesperada. O meu objetivo era tentar entender e reportar o que se estava a passar, sendo que a situação estava a mudar de minuto a minuto. Nestas circunstâncias (estava em direto) o que se procura é avançar na narrativa para tentar perceber que tipo de perigo nos rodeia, que tipo de evolução poderá ter. O facto de estarmos

a trabalhar de certa forma protege-nos de um medo que pode ser paralisante.” (Entrevista a Cândida Pinto - Ver Anexo 2)

José Pedro Frazão, atual jornalista da Rádio Renascença admite que o principal problema para ele no seu regresso destes locais, não são os problemas psicológicos, mas sim os problemas físicos. Acrescenta ainda que a família nem sempre compreende estas situações.

“O regresso é por vezes complicado e depende muitas vezes da magnitude da experiência vivida em cada reportagem. O que vivemos dificilmente é entendido por familiares ou amigos que não estão no meio jornalístico. Daí que muitas vezes possamos vir mais calados, por exemplo - O contraste entre as nossas rotinas em Portugal e as rotinas entretanto estabelecidas no país estrangeiro onde trabalhamos por vezes dias e dias quase sem dormir é muito grande. Além da parte psicológica, que nunca me afetou particularmente, há no meu caso um processo de normalização fisiológica que demora alguns dias, onde é essencial descansar, dado que trabalho sempre nos limites do cansaço.” (Entrevista a José Pedro Frazão - Anexo 5)

O jornalista relata ainda quais são as principais dificuldades que passam nos locais de conflito são “onde dormir, como fazer deslocações, avaliar necessidade de intérprete, gerir o orçamento que temos e administrar os nossos kits de trabalho (carregamentos de baterias, pontos de rede de telemóvel ou internet, etc)” (Entrevista - Anexo 5).

# CAPÍTULO 3. A INSTANTANEIDADE DO JORNALISMO

Neste capítulo, depois das descrições anteriores acerca do que é o jornalismo e o que é um jornalista - em específico o jornalista de guerra - há uma concentração maior sobre as características do jornalismo atual. Trata-se de um jornalismo mais concentrado no minuto ao minuto, na necessidade da atualidade por parte dos espectadores, na dificuldade em manter os padrões de qualidade por causa da rapidez com que se tem que dar a notícia. Por fim, e porque muitos destes aspetos foram potenciados pelo aparecimento da internet, fala-se das novas características que nasceram com o webjornalismo: hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade.

## 3.1. A internet e as “notícias ao minuto”

A necessidade das notícias tornou-se cada vez mais constante. Nos dias que correm a influência da Internet alterou a relação entre as notícias e a velocidade da informação. Hoje em dia, já não é possível investigar com calma e ponderação acerca de um assunto: é necessário que a notícia saia no dia e na hora. O público exige saber tudo e rapidamente.

A internet provocou alterações constantes na sociedade. Se compararmos com o contexto de há alguns anos as informações de acontecimentos mundiais ou locais demoravam até chegar a todo o mundo. Agora as notícias chegam no mesmo instante, tornando-se imediatamente globais. Exemplo disso é a notícia da morte de Osama Bin Laden. Era um dos terroristas mais conhecidos do mundo, planeou o 11 de setembro, aterrorizou os Estados Unidos da América, mudou a rotina dos americanos, tornou-os “prisioneiros” do medo. Numa questão apenas de segundos a morte do terrorista era notícia em blogues, sites, portais, canais noticiosos. Um fato como este demoraria bastante tempo até ficar plenamente difundido, no entanto, a Internet impõe à notícia uma velocidade incrível. O interesse pelos jornais, revistas e telejornais começa a perder-se porque já “sabemos de tudo” através da internet, e a única razão que ainda leva a ler jornais é a credibilidade e a informação extra que eles possam conter.

Neste momento, do ponto de vista da velocidade o maior e melhor meio de comunicação é a internet. Com isto surgem também novos problemas, nomeadamente a urgência da notícia, a instantaneidade. Este meio criou a necessidade de informação no exato momento em que esta acontece. Quem está habituado a lidar com a Internet gosta que tudo aconteça no minuto, ou segundo a seguir, como a resposta a um e-mail. Segundo

Elen Pinto e Raquel Recuero: “Um dos principais conceitos de jornalismo diz que o mesmo é a transmissão de informação, de um ponto a outro, com exatidão, penetração e rapidez, numa forma que sirva à verdade e torne aquilo que é certo evidente” (Pinto & Recuero, 2009: 3).

“Algumas das características da Web fizeram com que o jornalismo tivesse seu método de execução e sua abrangência modificada. A principal modificação veio por conta do acesso generalizado à produção de material noticioso permitido pela Internet. Nos dias atuais, todos os que possuem um computador ligado à rede podem ser fontes de notícias a partir de sites, blogs ou mesmo de redes sociais. Palácios (2003) atenta para essa transição de uma lógica de troca de informações de um para todos, chamada de lógica de oferta, para uma lógica todos para todos, lógica de demanda.” (Pinto & Recuero, 2009: 4)

Apesar deste imediatismo e instantaneidade que a Internet ofereceu ao jornalismo “os fundamentos das notícias online não diferem em nada dos preceitos básicos de noticiabilidade aplicáveis ao jornalismo impresso, radiofónico ou televisivo.” (Pinto & Recuero, 2009: 5). No entanto, “as notícias online, que podem ser de textos, voz e imagem em movimento, ou seja, notícias multimédia, caracterizam-se justamente pela diversidade informativa” (Fidalgo, 2004: 8).

Para que a qualidade jornalística se mantenha é necessário que se continuem a usar as mesmas regras e os mesmos métodos, através de profissionais da área, pois o valor mais importante do jornalismo é a credibilidade e qualidade. Nada disso deveria alterar-se apenas pelo o facto de ter que se adaptar às características do Webjornalismo.

Para além disso, neste meio torna-se fundamental a atenção e a confirmação. Podemos ter um exemplo simples: a 30 de junho foi lançado no *twitter* um comunicado da base militar norte-americana de Andrews, perto de Washington. No comunicado podia-se ler que a base estava sob ataque, com alerta de um tiroteio no local. Rapidamente a notícia espalhou-se pelos canais noticiosos em Portugal. Umas horas depois veio a descobrir-se que tudo não passava de um falso alarme, de um simulacro criado para testar a segurança da base, no caso de existir um ataque por um homem armado.

Já muitas vezes ouvimos dizer que “tempo é dinheiro”, e na verdade as mudanças provocadas pela internet e pela informática levaram a que o carácter económico se sobrepusesse ao cultural.

A noção de tempo foi-se transformando. Segundo Lévy (1993) “a noção de tempo real não só foi criada pelos informáticos como resume o próprio espírito da informática: a condensação do presente, na operação em andamento. A instantaneidade da transmissão de informações, gerada pela internet, trouxe consigo o conceito de notícia em tempo real” (Pinto & Recuero, 2009: 6). O conhecimento começa cada vez mais a ser deixado para trás, assim como a cultura e a memória. O carácter político das notícias deu lugar ao carácter económico e ao lucro das empresas de comunicação.

Incorporado neste mundo novo do jornalismo na Internet nascem características específicas na produção de notícias: hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade. Não significando estas características uma mudança da profissão, mas sim uma continuidade do que já existia.

Hipertextualidade: “Na Web, o texto aproxima-se deste último significado: mais do que um mero conjunto de palavras ou frases organizadas segundo um conjunto de regras preestabelecidas, o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto.” (Canavilhas, 2014: 4)

Canavilhas propôs um novo modelo de notícia para a web: “a) Unidade base: resumo do acontecimento; b) explicação: liga-se ao primeiro nível por uma só hiperligação e completa a informação essencial sobre o acontecimento; c) Contextualização: oferece mais informação sobre cada um dos aspetos fundamentais da notícia, desenvolvendo a informação apresentada nos níveis anteriores; d) Exploração: procura estabelecer ligações com outras informações existentes no arquivo da publicação ou em sites externos” (Canavilhas, 2014: 14).

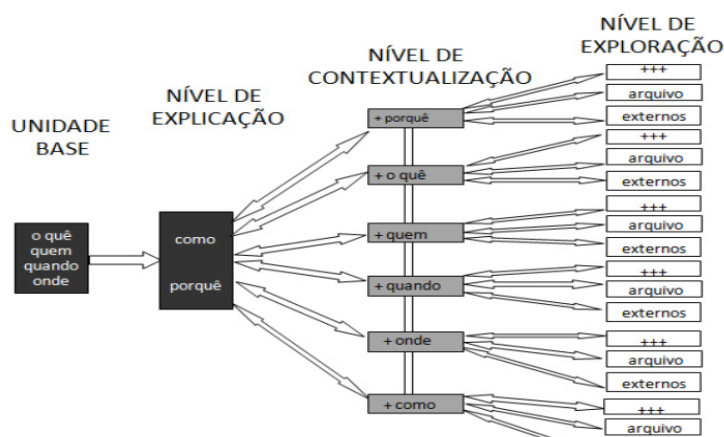


Figura 1: Novo modelo de notícia para a WEB

Fonte: Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo. 7 características que marcam a diferença*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404\\_webjornalismo\\_icanavilhas.ndf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_icanavilhas.ndf)

*Multimedialidade:* “Seguindo a tendência de leitura não-linear do jornalismo na Internet, os recursos de áudio, vídeo e imagens compõe o que convencionou chamar-se de multimídia. Para Lévy (1999: 63), “o termo “multimídia significa, em princípio, aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação.” (Reges, 2011: 43)

A *Interatividade* é “a capacidade gradual que um meio de comunicação tem para dar maior poder aos utilizadores tanto na seleção de conteúdos (“interatividade seletiva”) como em possibilidades de expressão e comunicação (“interatividade comunicativa”) (Canavilhas, 2014: 55).

Segundo Palácios, a *Memória* no Jornalismo na Web:

“pode ser recuperada tanto pelo Produtor da informação, quanto pelo Utente, através de arquivos online providos com motores de busca (*search engines*) que permitem múltiplos cruzamentos de palavras-chaves e datas (indexação). Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa.” (Reges, 2011: 49)

A *Instantaneidade* representa a velocidade nos dias que hoje. “A velocidade foi sempre algo intrínseco ao jornalismo - a notícia é, afinal, algo novo para alguém - e isto significa ser o primeiro a contar o fato ocorrido à audiência (...) trata-se de uma instantaneidade em publicar, mas também em consumir, e, sobretudo, em distribuir (Canavilhas, 2014: 111 e 112).

A *Personalização*: “Com a possibilidade de interatividade na mídia, os webleitores buscam nas plataformas o reconhecimento de si mesmos. Entra em jogo a ideia da “tela inteligente” (que contrapõe a “tela burra”, que vem a ser a televisão), e o usuário quer obter com facilidade a informação que está à procura. Adaptadas a essas necessidades, as plataformas se valem das informações disponibilizadas pelo usuário, no momento do primeiro acesso, ou ainda através dos *Cookies* (registos que ficam armazenados no cachê do computador do usuário, que contém informações sobre o último acesso ao site) para conhecer o seu publico e envolvê-lo com as informações certas.” (Reges, 2011: 45 e 46)

A *Ubiquidade* “significa ser encontrado em todo lugar. O dicionário *Merriam-Webster* oferece esta definição: “presença em todo lugar ou em muitos lugares, sobretudo simultaneamente” (Canavilhas, 2014: 160).

# CAPÍTULO 4. O VALOR IMAGEM

Neste capítulo explica a importância da imagem no jornalismo atual, quer nas televisões (com vídeos e fotografias), nos jornais impressos (fotografias), jornais online (imagens e vídeo) e ainda na rádio (imagens formadas através da voz). Para os jornais impressos há o recurso a três jornais para demonstrar a importância da imagem na capa: Jornal Público, Correio da Manhã (CM) e Jornal de Notícias. No capítulo percebemos também quais os desafios éticos que os jornalistas atravessam quando estão perante certas imagens. No final do capítulo surgem dois exemplos de momentos marcantes a nível imagético: o 11 de setembro e os atentados em Paris no ano 2016.

## 4.1. Importância da imagem

O valor da imagem é cada vez mais importante. Hoje em dia o jornalismo vive da confirmação real e objetiva dos factos. Por isso mesmo as pessoas sentem-se “mais confortáveis” em ver e confirmar visualmente tudo o que leem ou ouvem. Para além da procura da verdade, a imagem é a forma mais fácil de saber a história. Hoje em dia as pessoas estão cansadas de “ler”, as pessoas e têm “preguiça” de o fazer. Enquanto que há algumas décadas o profissional procurava sempre a melhor história, “lutava” sempre pela notícia em primeira mão, hoje em dia, para além disso, existe uma grande preocupação em encontrar as imagens certas. Segundo Martine Joly, a imagem está neste momento muito associada às imagens mediáticas, à imagem que vem dos média. Mas segundo a autora é igualmente importante não esquecer que não foi só a televisão que trouxe a imagem, ou que a tornou importante.

“O uso contemporâneo da palavra imagem remete a maior parte das vezes para a imagem mediática. A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que criticamos e que faz ao mesmo tempo parte da vida quotidiana de cada um, é a imagem mediática. Anunciada, comentada, adulada ou vilipendiada pelos próprios media, a imagem torna-se então sinónimo de televisão e de publicidade. (...) Com efeito, considerar que a imagem contemporânea é a imagem mediática e que a imagem mediática por excelência é a televisão ou o vídeo, é esquecer que, ainda hoje e nos próprios media, a fotografia, a pintura, o desenho, a gravura, a litografia, etc. - toda a espécie de meios de expressão visual e que consideramos como imagens - coexistem.” (Joly, 2007: 14-16)

Antigamente o relato dos outros que tinham estado presentes era muito importante, porque aquilo que alguém viu ou ouviu era o relato mais verdadeiro que existia. Hoje em dia qualquer pessoa pode estar em qualquer lugar. Por isso mesmo, neste momento o mais importante é o voltar a ver para confirmar. Por exemplo, no futebol, voltar a ver os lances mais polémicos, como forma de confirmação.

“Nos anos 50 saber o que se passava num jogo de futebol, por exemplo, era privilégio de quem ouvia o relato ou de quem ia ao jogo. Um espectador ao

vivo conhecia o que se havia passado e era objeto de questionamento cerrado por parte daqueles que não tinham podido estar presentes. Nos dias de hoje, o espectador de futebol (ou o profissional de rádio e da imprensa escrita) sai com dúvidas do estádio, desejando ver as imagens em *ralenti* ou as imagens virtuais. Esperando que estas estabeleçam, de forma inequívoca, se foi golo ou penálti, se foi mão na bola ou bola na mão, se foi agressão ou simples contacto físico, no dizer dos comentadores. Ou seja, o conhecimento passa hoje pelo olhar mas muitas vezes esse olhar é fabricado pelas imagens construídas, fabricadas por processos numéricos, de cálculo.” (Abrantes, sd: 13)

Sobretudo, é importante não esquecer que a imagem é uma forma de comunicação que pressupõe uma “linguagem”, e por isso, uma interpretação. A imagem deve apelar ao sentido emotivo e à sensibilidade do telespectador. E muitas vezes fala por si e não necessita de nenhum texto a acompanhar.

Os três meios de comunicação deparam-se diariamente com a importância das imagens para o jornalismo. Não falamos só de fotografias, mas também de vídeo e voz.

Na imprensa escrita, já são poucas as notícias que não são acompanhadas de uma imagem. Os jornais são muitas vezes avaliados pela sua capa, o leitor poderá decidir se vai comprar ou não consoante o interesse da primeira página. E podemos reparar que a grande mancha de capa hoje em dia são imagens.

O Jornal Público apresenta uma grande mancha de imagem sobre uma única notícia. E quase todas as outras notícias são acompanhadas igualmente de uma pequena imagem.



Figura 2: Jornal Público - 29 de julho  
Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 3: Jornal Público - 14 de agosto  
Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 4: Jornal Público - 31 de agosto  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 5: Jornal Público - 7 de setembro  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>

As capas dos jornais do Correio da Manhã nos meses julho, agosto e setembro deste ano. Nova grande mancha de imagem, grande destaque numa notícia e uma capa carregada com mais imagens.



Figura 6: Jornal Correio de manhã - 29 de julho  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 7: Jornal Correio da manhã - 11 de agosto  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 8: Jornal Correio da manhã - 31 de agosto  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 9: Jornal Correio da manhã - 12 de setembro  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>

Capas do Jornal de Notícias durante os meses de julho, agosto e setembro deste ano. Imagem de destaque a ocupar grande parte da capa.



Figura 10: Jornal de Notícias - 29 de julho  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 11: Jornal de notícias - 14 de agosto  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 12: Jornal de notícias - 31 de agosto  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>



Figura 13: Jornal de Notícias - 7 de setembro  
 Fonte: <http://jornais.sapo.pt/>

No entanto por imprensa escrita também temos neste momento que falar nos sites online dos jornais, rádios e televisões de Portugal. Temos um exemplo como o caso do site da Rádio Renascença (RR). Um site que dá acesso à transmissão da rádio e também publica e divulga notícias durante todo o dia.

Aqui podemos encontrar, por vezes, certas notícias sem acompanhamento de imagem, sobretudo porque não existe nenhuma que possa descrever o que se está a relatar.



Figura 14: Notícia Rádio Renascença de 29 de agosto  
 Fonte: [rr.sapo.pt](http://rr.sapo.pt)

Mas na grande maioria das notícias a imagem predomina. O site da RR é um exemplo de atualidade, e da importância que tem a parte multimédia: as imagens e os vídeos, no

mundo do jornalismo. Existe uma forte componente no site de imagens e vídeos dos momentos mais marcantes do dia a dia.

O site acaba por funcionar como uma extensão da rádio. De hora a hora a RR atualiza a informação na rádio, e o site funciona como uma extensão onde quem quiser saber mais poderá contar com a informação sempre atualizada.

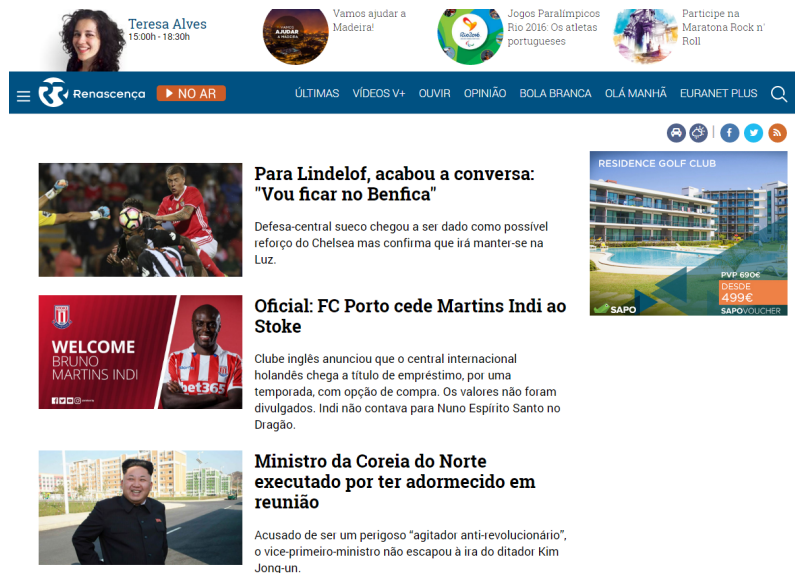


Figura 15: Site Rádio Renascença - notícias de última hora  
Fonte: rr.sapo.pt



Figura 16: Secção multimédia do site da Rádio Renascença  
Fonte: rr.sapo.pt

Maria João Cunha (Anexo 4) editora da página da Internet da Rádio Renascença admite que normalmente as notícias que estão acompanhadas por conteúdo multimédia têm mais visualizações.

“Os nossos números indicam-nos que sim, tendencialmente, mas claro que há sempre outros fatores a interferir nas visualizações”. Por norma as “pessoas perdem tendencialmente mais tempo a ver notícias com elementos multimédia que ajudam a explicar, contextualizar, visualizar uma história - são visualizações qualitativamente, até, mais relevantes”.

A televisão é um dos meios que funciona mais com imagens. Uma peça televisiva sem imagens não faz qualquer sentido. Qualquer notícia dada pelas estações televisivas recorre a imagens do acontecimento, por vezes até imagens de arquivo que possam complementar o texto do jornalista. Segundo o jornalista José Pedro Frazão na televisão a imagem desempenha um papel decisivo, “mas saber contar resumidamente o que acontece ou meramente descrever as imagens carece de capacidade de sínteses que a rádio ajuda a trabalhar” (Entrevista - Anexo 5).

Sem esquecer as imagens formadas pelas rádios. Na verdade, a rádio não é só voz. Uma imagem pode não significar objetivamente ver a imagem. A rádio tem o poder de através da voz criar uma imagem mental do que está a acontecer na mente do ouvinte.

O jornalista José Pedro Frazão, profissional da Rádio Renascença há 20 anos diz que sim, que existe “uma imagem que construímos no ouvinte”. A rádio tem um poder de atração e “... implica uma ‘imagem imaginária’, pois o ser humano habitua-se a construir relações com base em rostos”. Estabelecer uma ligação através da voz é diferente e “inclui ‘imagem’ construída de alguém só pela voz que tem. Nesse sentido, o poder da palavra aumenta substancialmente neste meio” (Entrevista - Anexo 5).

## **4.2. Desafios éticos no campo da imagem**

Com o crescimento da importância da imagem mediática, tornaram-se cada vez mais frequentes dúvidas relativamente à divulgação ou não de algumas imagens.

Paulo Camacho numa das suas saídas para a guerra deparou-se com esta dúvida. Em 1993, o jornalista e o repórter de imagem partiram para o Huambo. Era naquele momento uma cidade que estava “morta”, paralisada, não havia água, comida ou remédios. Numa visita ao hospital assistiram à entrada de uma mulher com uma criança ao colo, tinha 2 anos, mais uma das vítimas de fome extrema.

“O Renato registou tudo em vídeo: a chegada de mãe e filho ao hospital, a primeira observação médica logo no hall de entrada, a corrida por corredores compridos até à sala de tratamento, a luta para encontrar uma veia que aguentasse a agulha, e a transferência para uma sala onde ficaria sob observação, numa cama de grades sem lençóis. “Faltam os medicamentos, não tenho grande esperança” confessou a médica. A agonia daquela criança

foi o tema da mais chocante reportagem que alguma vez assinei. Quando nos deparamos com a cama vazia, decidimos fazer um vivo: naquele sitio, relatei seca e sucintamente que a criança morrera e que no hospital não havia medicamentos.” (Camacho, 2012: 71 e 73)

Na chegada Lisboa é que todas as dúvidas se levantaram, “publicamos ou não?”. A decisão foi publicar.

“Quando chegamos a Lisboa, visionei as imagens e decidi fazer a peça apenas com som ambiente. Os planos e contraplanos do Ricardo contavam toda a história e quaisquer palavras que colasse sobre elas seriam completamente supérfluas. Só faltava o vídeo em que eu dava conta do desfecho trágico. As imagens foram editadas por Ricardo Freitas, irmão gémeo do Renato. O resultado pareceu-nos tão violento que chamámos alguém da direção para decidirmos se haveríamos de por a peça no ar. O Alcides Vieira, diretor de informação da SIC, visionou e também ficou com dúvidas. Só ao fim de três dias decidimos emitir a história, depois de muitas discussões éticas.” (Camacho, 2012: 73)

Com esta história conseguimos perceber a força que a imagem consegue ter. A sensação que dava era que a imagem falava por si só, não necessitava de texto algum, qualquer palavra ficaria esquecida no meio de tanta história contada em imagem. Se o jornalismo poderia ser conhecido até então como as palavras, a descrição simples e clara da notícia, neste caso, as imagens contavam tudo, mostravam tudo.

A jornalista Cândida Pinto (Anexo 2) e o jornalista Henrique Cymerman (Anexo 1) admitem que já se deparam com imagens que não podiam transmitir publicamente. Cândida Pinto diz que há imagens que “não faz sentido utilizar porque não contêm elementos que acrescentem à compreensão da história, podem ser apenas momentos de sensacionalismo mórbido”. Já Henrique Cymerman considera que há “imagens que ontem não eram aceitáveis, e que hoje já são, e ao contrário”.

Dúvidas deste género enquadram-se nas questões da ética jornalística. Segundo o código deontológico, o jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo (art.2), deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade (art.1), e deve respeitar a privacidade dos cidadãos (art.9). Na verdade, hoje em dia, nota-se uma grande transformação do jornalismo. Aquilo que neste momento é mais importante é dar a notícia, por isso muitas vezes somos confrontados com o sensacionalismo, e as notícias sobre acidentes, mortes, maus tratos, entre outros são uma constante na nossa imprensa.

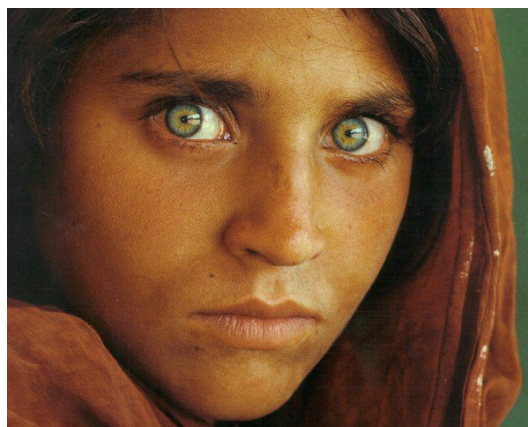
As guerras são um exemplo claro de como a imagem pode ter um grande impacto. Exemplos não faltam de imagens que marcaram ao longo do tempo de guerras e terrorismo.



**Figura 17: "Menina de Napalm"**

**Fonte:** Jornal de notícias (2012). "*Meninas de Napalm*" conta como foto mudou a sua vida. Consultado em 3 de fevereiro de 2016 através de [http://www.jn.pt/Paginalnicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=2590331&page=5](http://www.jn.pt/Paginalnicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2590331&page=5)

Esta fotografia foi tirada por *Huynh Cong Ut* e mostra uma menina nua, *Kim Phúc*, que tinha 9 anos na altura. A fotográfica foi tirada durante a guerra do Vietname, logo após um bombardeamento junto ao templo *Cao Dai*, onde a sua família se encontrava abrigada há três dias. A menina estava sem roupa pois foi atingida por napalm (um conjunto de líquidos inflamáveis feito à base de gasolina), o que lhe provocou vários ferimentos, e lhe queimou quase instantaneamente as roupas e o braço esquerdo, que ficou desfigurado. O fotografo da foto acabou por salvar a menina. Foi ele que a levou até ao hospital e mostrou a sua credencial de membro de imprensa norte-americana para exigir os melhores tratamentos possíveis. A fotografia venceu na época o pr mio *Pulitzer*. *Kim Ph c* e *Huynh Cong Ut* conheceram-se muitos anos depois.



**Figura 18: Menina afegã**

**Fonte:** Chiareli, J. (2015). *Essas são as 20 imagens mais famosas e marcantes da história*. Consultado em 10 de fevereiro de 2016 através de <http://www.fatosdesconhecidos.com.br/essas-sao-as-20-imagens-mais-famosas-e-marcantes-da-historia/>

Quem não se recorda destes olhos? Guerra Soviética no Afeganistão. Muitos  rf os na época foram obrigados a emigrar para um campo de refugiados no Paquistão. Em 1985, a revista *National Geographic* tornou publica esta imagem, *Steve McCurry* foi o fotografo. Este aproveitou a oportunidade rara para fotografar mulheres afeg s.



**Figura 19: Menino Sírio**

**Fonte:** Chiareli, J. (2015). *Essas são as 20 imagens mais famosas e marcantes da história*. Consultado em 10 de fevereiro de 2016 através de <http://www.fatosdesconhecidos.com.br/essas-sao-as-20-imagens-mais-famosas-e-marcantes-da-historia/>

Mais recentemente, surge a história de *Aylan* de 3 anos de idade, um menino que vivia ao norte da Síria em *Kobani*. Foi uma localidade muito fustigada pelos atentados do grupo terrorista Estado Islâmico. Tentava fugir juntamente com a sua família para a ilha grega de “*Kos*”, quando o bote onde seguiam se afundou no mar. Apenas o pai sobreviveu ao desastre. A imagem do menino afogado numa praia na Turquia correu mundo. Tornou-se um dos assuntos mais comentados no Twitter e em diversos meios de comunicação social.



**Figura 20: 11 de setembro**

**Fonte:** Chiareli, J. (2015). *Essas são as 20 imagens mais famosas e marcantes da história*. Consulta em 10 de fevereiro de 2016 através de <http://www.fatosdesconhecidos.com.br/essas-sao-as-imagens-mais-famosas-e-marcantes-da-historia/>

11 de setembro de 2011, estas imagens são apenas duas dos milhares de registos fotográficos e em vídeo que naquele dia e dias seguintes surgiram. Em termos de cobertura noticiosa foi das maiores que existiu nos últimos tempos. Numa questão de horas as imagens começaram a surgir. Em Portugal, as imagens do segundo avião a embater na segunda Torre Gémea foram imagens assistidas em direto, sem sequer os

próprios jornalistas saberem o que estava a acontecer. O primeiro avião foi anunciado como um acidente, mas quando o segundo avião atinge a torre, aí houve a certeza de que não se tratava de um acidente. As imagens das duas torres a arderem, a caírem, ficaram na memória de todo o mundo.

Dias depois surgiram os primeiros sons dos telefonemas, e logo de seguida aparece esta imagem do homem a atirar-se do prédio. No desespero de ver tudo a arder, tudo o cair, sem solução possível, o homem atirou-se de uma das torres. À altura, os ataques foram apontados à organização terrorista e fundamentalista islâmica al-Qaeda. O 11 de setembro ficou marcado por uma grande cobertura mediática, ainda nos dias de hoje vemos emissões especiais sobre os assuntos. Nos anos e meses seguintes o tema do dia era o atentado do 11 de setembro.



**Figura 21: Guerra do Golfo**

**Fonte:** UOL notícias (2014). *Há 23 anos, Guerra do Golfo era primeiro conflito mostrado ao vivo na TV.* Consultado em 2 de janeiro de 2016 através de <http://noticias.uol.com.br/album/2014/01/17/guerra-do-golfo-foi-a-primeira-a-ser-transmitida-ao-vivo-pela-tv.htm>

Há cerca de 20 anos, a rede norte-americana CNN transmitiu ao vivo imagens da Guerra do Golfo, nomeadamente do céu de *Bagdad*, capital do Iraque. A Guerra durou cerca de um ano, entre 1990 e 1991, conflito este travado entre o Iraque e as forças da coligação internacional, liderado pelos Estados Unidos. O objetivo era libertar o *Kuwait* das ordens de *Saddam Hussein*. Foi uma guerra cheia de inovações ao nível dos materiais de guerra. Para além disso existiu uma cobertura mediática inédita por parte da CNN.

Na primeira imagem temos os bombardeamentos, que davam início à operação *Tempestade do Deserto*, onde os Estado Unidos contavam com mais de 30 nações e o apoio da ONU, contra o Iraque. Imagens chocantes de bombardeamentos constantes na cidade são as principais que surgiram na altura.

### 4.3. Momentos marcantes ao nível imagético

### 4.3.1. Ataques do 11 de setembro de 2001

O dia 11 de setembro de 2001 ficou conhecido como um dos ataques mais marcantes da história. Neste dia foram planeados uma série de atentados terroristas contra os Estados Unidos da América. 2996 foi o número final lançado de mortes durante os atentados, e 6291 o número de feridos.

Tudo começou na manhã de 11 de setembro quando 19 sequestradores assumiram o controlo de quatro aviões de longo voo. O primeiro avião e o segundo avião partiram do aeroporto de Boston. Pelas 08h46, o voo 11 da *American Airlines*, embateu contra a torre Norte do *World Trade Center*. Pelas 09h03 a torre Sul, foi atingida pelo voo 175 da *United Airlines*. Passado cerca de trinta minutos, pelas 09h37, saído do Aeroporto Internacional Washington, o voo 77 da *American Airlines* embateu contra o pentágono. Finalmente o quarto avião atingiu a Pensilvânia, perto de *Shanksville*, pelas 10h03, um voo de deixou o Aeroporto Internacional de Newark. Ao longo do dia as duas torres do *World Trade Center* foram incendiando e desabando, até que pelas 17h21.

Este ultimo avião contava à época que o objetivo seria embater contra o capitólio dos Estados Unidos.

Na altura o primeiro avião a embater na torre foi lançado de imediato nos noticiários da tarde, e foi em direto que os Portugueses puderam assistir ao segundo avião a colidir contra a torre Sul. Apesar dos quatro marcantes acontecimentos, o que marcou de facto aqueles dias que se seguiram e as principais informações e imagens que surgiram foram as torres gémeas, pois foi o local onde ouviu mais mortes e mais destruição.



Figura 22: Esquema dos Voos do 11 de setembro

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques\\_de\\_11\\_de\\_setembro\\_de\\_2001](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_11_de_setembro_de_2001)

O local com mais mortes registadas foram as torres e nas suas imediações, com um registo de 2606 vítimas mortais. Desses, 246 foram mortes nos 4 aviões que deram origem aos atentados, e no Pentágono, onde foram registadas 125 mortes. Na sua maioria as mortes foram de civis, exceto 55 militares no Pentágono. Estes números tiveram que ser

atualizados alguns anos depois, acrescentando-se algumas mortes *a posteriori* devido a problemas pulmonares resultantes da exposição à poeira do colapso das torres gémeas. Dentro do corpo de bombeiros da cidade de Nova Iorque faleceram 341 bombeiros e 2 paramédicos e a polícia de Nova Iorque perdeu 37 oficiais.

De facto, o objetivo do ataque era matar um grande número de pessoas. As torres gémeas eram na época os maiores edifícios dos Estados Unidos. Pelas 08h45 estavam 14.154 pessoas dentro dos edifícios. Apesar do grande desastre, as pessoas que se encontravam nos últimos andares dos edifícios conseguiram fugir e muitas fugiram pelas escadas na torre Sul. Muitos dos cidadãos morreram com o impacto, outros por ficarem presos e após a queda das torres. Um dos momentos visualmente mais marcantes é de um homem a saltar de uma das torres, demonstrando o desespero que se sentiu, mas na verdade este não foi caso único: pelo menos 200 pessoas saltaram dos edifícios.

O impacto visual foi muito grande, os danos demoraram anos até conseguirem ser restabelecidos. Junto às Torres Gémeas os edifícios em redor ficaram destruídos ou danificados após a queda das torres. Pouco tempo depois dos ataques foram logo lançadas as operações de busca e resgate no local. Apenas em maio de 2002 o *World Trade Center* ficou limpo. Durante quase 7 anos ainda foi possível encontrar vestígios humanos no local, e escavações feitas ao local encontraram ossadas humanas.

Osama Bin Laden e a Al-Qaeda foram apontados de imediato como os responsáveis dos ataques. Nos primeiros tempos, Osama negou o seu envolvimento nos atentados, só em 2004 foi assumido através de vídeo a sua ligação aos atentados do 11 de setembro. Não só assumiu que foi o cabecilha principal, como alguns dos sequestradores eram homens da sua família. Após 10 anos de perseguição Bin Laden foi morto pelas forças especiais americanas, em 2011.

A presença americana na Arábia Saudita, o apoio dado pelos Estados Unidos a Israel e as sanções contra o Iraque, foram estes os motivos apontados para os ataques. Motivos estes assumidos pela própria Al-Qaeda. Para além das mortes e do grande caos provocado foram sentidas diferentes consequências posteriores aos atentados.

Como primeiro exemplo temos os efeitos económicos. Várias empresas ficaram destruídas com as quedas das torres gémeas, registando-se muitas mortes e perdas humanas nessas mesmas empresas. Ao nível da indústria aérea houve grandes perdas, e as viagens diminuíram nas empresas aéreas americanas.

Para além disso, o combate contra o terrorismo intensificou-se, e ainda provocou grande instabilidade na própria população, o medo acabou por se instalar. Ao nível da legislação foi possível ver isso mesmo: a segurança nos aeroportos aumentou, começou a existir uma maior inspeção às bagagens e passageiros durante o embarque.

As quedas das torres provocaram uma enorme poeira e uma tonelada de detritos tóxicos espalharam-se pelo ar, do qual resultaram efeitos graves na saúde. Os trabalhadores de emergência, de resgate e de limpeza do local afirmam que a seguir ao acidente contraíram doenças sobretudo respiratórias. Uma das mais graves foi o cancro do pulmão. Mais tarde, alguns moradores e trabalhadores em redor queixaram-se dos efeitos que toda aquela poeira provocou na sua saúde.

Nos dias a seguir ao atentado muitas vigílias e memoriais foram realizadas. “*Tribute in Light*” foi uma instalação de 88 holofotes no local onde se encontravam as torres que projetavam duas colunas de luz vertical, este foi um dos primeiros memoriais.

Neste momento no local podemos encontrar um complexo de prédios, um memorial e um museu. O memorial foi inaugurado em 2011, este é formado por duas piscinas grandes, cercadas por árvores, exatamente no local onde se encontravam as torres. Em seu redor encontram-se inscritos os 2983 nomes das pessoas que morreram nos ataques. O museu foi aberto em 2014 e exige um conjunto de peças, documentos e objetos retirados do local dos atentados.

Agora passados 15 anos desde o atentado o jornalista Henrique Cymerman (Entrevista- Anexo 1) afirma que é muito importante continuarmos a relembrar o que aconteceu naquele dia sobretudo “agora, que vemos que o terrorismo não está a recuar, muito pelo contrário está a crescer. E de alguma maneira, aqueles homens que atacaram as torres gémeas em Nova Iorque, neste momento têm descendentes”.

“O Estado Islâmico seria uma espécie de “Al-Qaeda 2.0” daquela altura. E que neste momento estão a tentar fazer atentados de outro tipo, mas que no fundo é exatamente a mesma coisa, é o mesmo princípio, o mesmo objetivo e a mesma ideologia, com ligeiras diferenças.” (Entrevista a Henrique Cymerman - Anexo 1)

As imagens marcaram aquele dia. As televisões, rádio e imprensa foram assoladas com imagens descritivas do que se passava em Nova Iorque.



**Figura 23: Embate nas torres gémeas**

**Fonte:** <http://www.dn.pt/galerias/fotos/globo/interior/imagens-iconicas-do-11-de-setembro-5383508.html>

Esta foi uma das principais imagens que surgiram nas televisões portuguesas. Em primeiro já com a primeira torre em chamas e logo de seguida foi possível ver em direto

esta mesma situação, a aproximação do segundo avião. Até aquele momento, apesar de um mundo em choque com o que estava a ver, tudo parecia ser um acidente, mas quando o segundo avião embate, nesse momento que houve certeza de que não se tratava de um acidente de aviação. Logo de seguida o terceiro e o quarto voos permitem perceber que algo não estava bem, e em pouco tempo percebeu-se que se tratava de um dos maiores atentados terroristas da história.



**Figura 24: Sobreviventes do 11 de setembro**  
Fonte: <http://radiomirandensebrasil.com/>

Uma das primeiras imagens de sobreviventes a caminharem pelas ruas logo depois dos atentados, feridos, sujos, e muitos sem compreender a verdadeira catástrofe que tinha acabado de acontecer.



**Figura 25: “The Falling Man” (O Homem em Queda)**  
Fonte: <http://www.megacurioso.com.br/acontecimentos-historicos/75705-13-imagens-e-fatos-impactantes-para-relembrar-a-tragedia-de-11-de-setembro.htm>

Para além das primeiras imagens, dos aviões a embaterem nas torres, que foram as mais chocantes, logo de seguida vem esta imagem. Mostra bem o desespero que se sentia dentro dos edifícios: não viam uma saída, só viam chamas e fumo, e a solução para muitos foi saltar. Pensavam que tinha sido uma queda, mas na verdade as pessoas atiravam-se mesmo dos edifícios.



**Figura 26: Quedas das Torres Gêmeas**

Fonte: <https://oinsurgente.org/2015/09/11/odio-e-insanidade-11-de-setembro-de-2001/>

Com a queda das torres gêmeas, esta imagem surgiu rapidamente nos noticiários. Toda a destruição era possível ver nestas imagens, o fumo escondia as mortes de 2000 pessoas.



**Figura 27: Pessoas a fugirem do local**

Fonte: <http://www.megacurioso.com.br/acontecimentos-historicos/75705-13-imagens-e-fatos-impactantes-para-relembrar-a-tragedia-de-11-de-setembro.htm>

Não foram só as pessoas nas torres gêmeas que tiveram que fugir. Nos momentos seguintes as ruas de Nova Iorque tornaram-se um caos, com pessoas a correrem a fugirem sem perceberem ainda do que se tratava ao certo, a única certeza era mesmo o fumo e os destroços que pairam no ar.



**Figura 28: George W. Bush recebe a notícia**

Fonte: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/george-w-bush-diz-que-morte-de-bin-laden-e-vitoria-dos-eua-20110502.html>

Esta é uma imagem que todo mundo deve recordar. George W. Bush, à época presidente norte-americano, encontrava-se numa escola infantil, na Florida, a participar numa sessão de leitura. Este foi o momento em que recebe a informação do que se passava no *World Trade Center*.



**Figura 29: Explosões na Torres Gémeas**

Fonte: <http://www.dn.pt/galerias/fotos/globo/interior/imagens-iconicas-do-11-de-setembro-5383508.html>

O momento de uma das explosões nas torres gémeas logo depois de começarem os ataques às torres gémeas.



**Figure 30: Bombeiros em busca de sobreviventes**

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/09/11/imagens-relembra-os-atentados-terroristas-de-11-de-setembro-nos-eua.htm#fotoNav=31>

Imagens que mostram os bombeiros e equipas que se encontravam no local, em busca de sobreviventes no meio dos destroços das torres.



**Figura 31: Descoberta de pessoas entre os destroços**

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/09/11/imagens-relembra-os-atentados-terroristas-de-11-de-setembro-nos-eua.htm#fotoNav=12>

Imagens únicas que mostram a descoberta de algumas pessoas no meio dos destroços, e vemos aqui os bombeiros a prestarem os primeiros socorros.



Figura 32: Esqueleto das Torres Gêmeas

Fonte: <http://escrevenaole.blogspot.pt/2011/09/imagens-dos-ataques-terroristas-de-11.html>

Imagem terrível do esqueleto, do que sobrou das torres gêmeas, a confusão, o pó, o fumo, as chamas que os atentados provocaram.



Figura 33: Pessoas a assistirem no local

Fonte: [http://noticias.uol.com.br/album/110907\\_fotoenquete11desetembro\\_album.htm](http://noticias.uol.com.br/album/110907_fotoenquete11desetembro_album.htm)

Dois dos muitos rostos que mostram o terror que se viveu naquele dia, sem quererem acreditar ou ver o que estava a acontecer mesmo à sua frente.



Figura 34: Capas de jornais dos dias seguintes ao 11 de setembro

Fonte: <http://blogmidia8.com/2011/09/11-de-setembro-as-principais-capas.html>

Capas de jornais dos dias que se seguiram ao dia 11 de setembro de 2001. Podemos ver a fotografia das torres, repete-se a mesma de perspectivas diferentes nas duas capas dos jornais. Uma imagem que quase não necessita de descrição, em que quem vê sabe associar ao que foi e o que aconteceu naquele dia.

### 4.3.2. Atentados em Paris

A 13 de novembro de 2015, Paris e o mundo parou para assistir a um conjunto de atentados suicidas, com explosões e reféns levados a cabo por 7 terroristas.

Desde o conhecido ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, o país encontrava-se alerta para a possibilidade de novos atentados. Na altura, o conhecido jornal satírico francês, foi tomado “de assalto” a 7 de janeiro do mesmo ano, resultando em 12 mortos e 11 feridos. Os irmãos *Said* e *Chérif Kouachi* foram os responsáveis - armados, entraram na sede do jornal, protestando a publicação feita pelo jornal, que tinham publicado alguns cartoons polémicos sobre os líderes islâmicos, inclusive Maomé.

Depois deste episódio existiu uma onda de solidariedade no país e também no mundo, a frase “*Je suis Charlie*” tornou-se mundial, o Facebook foi “inundado” por publicações e imagem com a frase. O mundo e o país estavam alerta.

Em novembro de 2015 Paris e o mundo deitou-se em sobressalto. Durante a noite de 13 e madrugada de 14 de novembro, Paris foi alvo de vários ataques suicidas. Foram sete os locais atacados, mas o de mais destaque foi o teatro *Bataclan* e num estádio de futebol, *Stade de France*.

Várias locais foram atingidos com tiros ou bombas nessa noite. Um restaurante de comida italiana “*La Casa Nostra*” foi atingido com diversos tiros (de uma metralhadora) provocando cinco mortos e oito feridos. No terraço de “*La Belle Équipe*”, um restaurante foi alvo de dois atiradores, 18 pessoas foram mortas no local. “*Le Petit Cambodge*” e o café “*Le Carillon*” foram dois dos primeiros locais atacados, onze pessoas foram mortas.

Três explosões fizeram-se sentir nos arredores do *Stade de France*, pelas 21h17, 21h30 e 21h53. Registaram-se cinco mortes neste local. Jogava-se no Estádio um jogo de futebol entre as seleções de França e Alemanha onde o presidente francês, François Hollande também estava. Neste local, os terroristas não conseguiram entrar no estádio, apenas um deles tinha um bilhete para o jogo, mas foi barrado à entrada. Nesse momento detonou a bomba. Durante o intervalo a presidente francês foi evacuado, e em reunião com o ministro do interior, *Bernard Cazeneuve* decidiram coordenar uma saída organizada do estádio. Apenas no final do jogo foram informados os jogadores e os espectadores o que

estava a acontecer, de seguida foram todos levados até ao campo e aguardaram a evacuação ordenada e segura do local.

Já nos arredores do teatro Bataclan, na Boulevard Voltaire, um atirador detonou o seu colete.

O teatro Bataclan foi o local mais massacrado da noite. Estavam 1500 pessoas a assistir ao espetáculo da banda rock *Eagles of Death Metal*. Já tinha passado uma hora desde o início do concerto, quando quatro homens vestidos de preto entraram no salão e começaram aos tiros. O ataque durou cerca de 20 minutos. Desde tiros a granadas, e de uma forma calma e metódica, os atacantes mataram todos os que encontravam na sua frente. Pelas 22h surgiram as notícias de que 60 a 100 pessoas estavam a ser feitas reféns pelos terroristas. Os membros da banda escaparam sem ferimentos. Pelas 00:15h a polícia decidiu entrar no local, e pelas 00:58h terminou o cerco ao local.

Quatro dos terroristas morreram, três por detonarem os seus próprios coletes. O quarto foi atingido pela polícia.

Desde 2005 que França não estava sob estado de emergência nacional. As fronteiras foram encerradas, soldados foram chamados a ajudar os polícias nas ruas, foi declarado um toque de recolher, todas as escolas e universidades foram encerradas, eventos desportivos adiados, a *Disneyland* e a torre *Eifel* foram encerrados e os voos foram afetados pelos ataques.



**Figura 35: Polícia a retirar as pessoas da Sala de espetáculos**  
**Fonte:** [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114\\_franca\\_alerta\\_ab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_franca_alerta_ab)

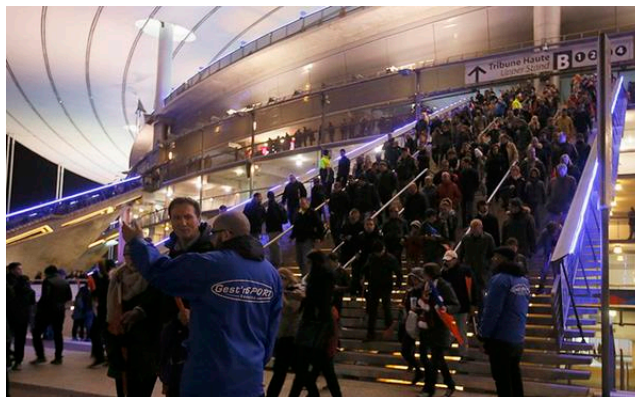
Imagem que mostra a polícia francesa a evacuar algumas pessoas da sala de concertos Bataclan em Paris, um dos locais mais fustigados pelos atentados. Nota-se aqui o desespero das pessoas, o choque com tudo o que aconteceu. Igualmente ao fundo temos os bombeiros a socorrerem outros feridos.



**Figura 36: Agentes policiais e bombeiros**

Fonte: <http://noticias.r7.com/internacional/fotos/terrorismo-serie-de-atentados-deixa-pelo-menos-129-mortos-em-paris-14112015#!/foto/17>

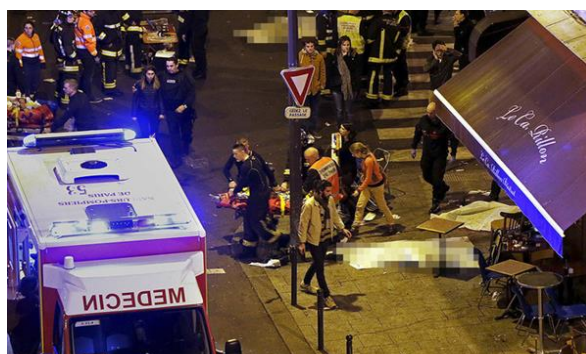
Nesta imagem os agentes cercam um dos locais mais vistos e mais fustigados naquele dia, o Bataclan. Estas imagens com os agentes e bombeiros em torno da sala de espetáculos marcaram a noite, as televisões tinham constantemente as câmaras apontadas para este local, e para os agentes, a aguardar que algo aconteça.



**Figura 37: Stade de France**

Fonte: <http://noticias.r7.com/internacional/fotos/terrorismo-serie-de-atentados-deixa-pelo-menos-129-mortos-em-paris-14112015#!/foto/25>

*Stade de France*, um estádio cheio naquela noite, e que depois de uma explosão houve a necessidade de evacuar o local. Aqui vemos as pessoas a saírem, apesar de assustadas, ordeiramente estão a sair, possivelmente sem compreender a dimensão de tudo o que acontecia durante aqueles momentos.



**Figura 38: Bombeiros ajudam um ferido**

Fonte: <http://noticias.r7.com/internacional/fotos/terrorismo-serie-de-atentados-deixa-pelo-menos-129-mortos-em-paris-14112015#!/foto/5>

Mais uma imagem em frente ao Bataclan, onde bombeiros procuram ajudar um ferido. Esta imagem é uma das milhares que surgiram no dia. Depois da libertação dos reféns, os bombeiros puderam procurar vivos, mortos e feridos.



**Figura 39: Equipas de resgate ajudam um ferido**

Fonte: <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/13-11-2015/tiroteio-em-paris-faz-varios-mortos>

Aqui podemos ver uma imagem com as equipas de resgate a ajudarem um ferido perto da sala de concerto atacada. A partir do momento em que os reféns fugiram ou foram libertados foi possível ver várias imagens desta, com as equipas e ajudaram os feridos.



**Figura 40: Forças de segurança obrigam a recuar**

Fonte: <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/13-11-2015/tiroteio-em-paris-faz-varios-mortos>

Nesta imagem as forças de segurança aconselham e pedem aos jornalistas que se mantenham afastados da sala Bataclan.



**Figura 41: “Le Carillon”**

Fonte: <http://noticias.r7.com/internacional/fotos/terrorismo-serie-de-atentados-deixa-pelo-menos-129-mortos-em-paris-14112015#!/foto/10>

Imagens de um dos locais afetados, o restaurante “Le Carillon”.



**Figura 42: Homenagens**

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/album/2015/11/14/homenagens-pelo-mundo-as-vitimas-dos-atentados-em-paris-na-franca.htm#fotoNav=98>

Estas imagens são apenas seis, das muitas, que surgiram nos dias seguintes ao atentado. Demonstram a emoção, o desespero, as homenagens que surgiram nos locais dos atentados, mas também espalhados por todo o mundo.



**Figura 43: Bataclan no final do massacre**

Fonte: <http://noticias.r7.com/internacional/imagem-forte-foto-mostra-casa-de-show-apos-ataque-que-matou-89-pessoas-em-paris-15112015>

Por último, a imagem divulgada pelo site do jornal britânico *The Mirror*. Na imagem podemos ver a sala de espetáculos Bataclan, após o ataque de 13 de novembro. É possível ver a destruição e sinais de morte deixado pelos terroristas.



Figura 44: Capas de jornais dos dias seguintes ao atentado

Fonte: <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/paris/terror-e-horror-capas-dos-jornais-de-luto-em-todo-o-mundo>

Capas de jornais dos dias seguintes ao atentado em Paris, imagens ocupavam a grande mancha do jornal.

## **II. ESTUDO EMPÍRICO**



# CAPÍTULO 1. CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

## 1.1. Cronologia da história da Renascença

1933: Primeiros passos para a criação da Rádio Renascença com algumas publicações na revista Renascença.

1 de Fevereiro: A ideia surge de um artigo publicado, onde o jornalista Zuzarte de Mendonça fala do lançamento de uma emissora católica.

Com a ideia já lançada de uma emissora católica já lançada, foi criada uma campanha a favor da criação da mesma. E o repto na revista Renascença não passou em branco na Igreja Católica. Várias figuras eclesíásticas apoiaram o projeto, como o então bispo do Porto, D. António Augusto de Castro Meireles.

Passaram-se quatro anos desde o lançamento da ideia até ao nascimento efetivo da Rádio Renascença

1 de Janeiro de 1937: Data do início das emissões diárias da Rádio Renascença em ondas curtas e médias. Completava-se a primeira fase experimental através da construção dos estúdios na Rua Capelo e da sua ligação com a Charneca e com o Seminário dos Olivais através de dois cabos telefónicos privativos.

Ainda em 1937: O padre Lopes da Cruz visitou vários países da Europa de forma a perceber o funcionamento e progressos da rádio.

1938: Foi fundada a Liga dos Amigos da Rádio Renascença.

1940: A Rádio Renascença inicia emissões experimentais no Porto.

1946: Após alguns anos de afirmação, este foi o ano de mudança.

A construção do aeroporto da Portela obrigou a emissora a procurar um novo local para os emissores de Lisboa. No Porto, Monsenhor Lopes da Cruz decide adquirir dois novos emissores, um de ondas curtas e outro de ondas médias e construir uma nova estação de onda média para o Porto.

1950: Início do período regular de funcionamento do emissor do Porto.

1955: A Rádio Renascença participa ativamente num dos momentos mais marcantes da comunicação em Portugal com a fundação da Radiotelevisão Portuguesa.

Década de 60: Inicia-se a expansão da cobertura da Rádio Renascença com a instalação de emissores de FM em Monsanto, Lisboa, Lousã, Porto, Foia, Mendro, Muro, Marofa, Bornes, Gardunha, São Mamede, São Miguel, Bragança, Lamego, Valongo, Valença, Minhéu e Montejunto.

Este desenvolvimento fez com que a Rádio Renascença decidisse dar início aos próprios noticiários.

1974: Ano da revolução dos cravos. As Forças do Movimento das Forças Armadas (MFA) “tomaram” os estúdios em Lisboa, iniciando-se um processo de ocupação. Uma bomba destruiu os Emissores de Lisboa e só a 28 de Dezembro de 1975 é que tudo terminou. Quatro dias depois arranca uma nova programação, emitida a partir de Lisboa e Porto.

26 de janeiro de 1978: Um despacho do secretário de Estado da Comunicação Social e do ministro das Comunicações e Transportes autoriza a instalação de uma rede de emissores em todo o território por parte da Rádio Renascença.

9 de Abril de 1978: Celebram-se os 40 anos da Renascença com o lançamento das linhas orientadoras da Emissora Católica: «Compete à emissora católica abordar todos os temas para os quais tenha competência, com a preocupação de sempre e em tudo revelar e propor critérios evangélicos de pensamento e conduta; Cabe-lhe [...] manter reserva face às ideologias contrárias à fé cristã e à dignidade humana; é essência da emissora católica não se enfeudar a nenhuma política partidária ou a qualquer grupo de pressão. A Rádio Renascença não serve interesses privados por mais legítimos que sejam; [...] não consentir que o relativo apareça como absoluto e o interesse egoísta como norma do bem comum».

1 de Novembro de 1979: Início das transmissões diretas para a Ilha da Madeira. Este crescimento permitiu que a Rádio Renascença tivesse alcançado em 1979 os dois milhões de ouvintes.

Década de 80: A RR continuou a sua expansão com o início das emissões para os Açores, resto da Europa e Brasil.

15 de Setembro de 1983: a Rádio Renascença realizou o primeiro programa de âmbito regional transmitido pelo emissor de onda média de Viseu, entre as 15:00 e as 18:30 horas e entre as 21:00 e as 24:00 horas.

1986: O Patriarcado de Lisboa passa a deter 60% do capital da Renascença, os restantes 40% pertenciam à Conferência Episcopal Portuguesa. Ainda hoje o capital da Rádio está assim distribuído.

1 de Janeiro de 1987: Comemoração dos 50 anos de existência com o lançamento de uma nova rádio, a RFM. Uma rádio criada para emitir programações distintas durante 24 horas.

25 de Março de 1991: Prossegue a contribuição para o crescimento da comunicação social em Portugal ao tornar-se sócio da TVI - Televisão Independente, S.A., onde fica com dois lugares no conselho geral e um na direção da nova sociedade.

1997: As emissões passam a ser via satélite.

1998: Criação da Mega FM, a terceira rádio do grupo. O início das transmissões dá-se a 7 de Setembro desse ano. Esta rádio é feita por jovens para jovens - com idade compreendida entre os 15 e os 25 anos.

6 de Outubro de 1998: A Renascença globaliza-se através da criação de um site na internet. Assim a emissões dos canais do Grupo Renascença passam a ser ouvidas em qualquer parte do mundo.

2001: O site da Renascença registava um crescimento sustentado, que lhe permite figurar no TOP SAPO, os 25 sites mais acedidos através daquele portal.

2002: Após aquisição de frequências, a Mega FM passa a ser emitida no Porto. No mesmo ano, a Renascença adquire a totalidade do capital social da *Intervoz Publicidade, S.A.*, que até então era concessionária das publicidades dos canais RR e RFM.

Ainda em 2002 a RFM tornou-se líder de audiências em Portugal, e manteve-se assim durante largos anos.

2007: O grupo cria o “Página 1”, o primeiro jornal digital da rádio em Portugal.

2008: É constituída a empresa *Génius Y Meios* com o objetivo de promover a criação de projetos de eventos, espetáculos e propostas de formação no âmbito da comunicação social.

4 de agosto de 2008: Lançamento da Rádio SIM. Um novo canal que se dirige a um público acima dos 55 anos, tendo como principais conteúdos a saúde, a família, o desporto, o lazer e a educação. A música é dos anos 40, 50, 60 e 70, com especial atenção à música portuguesa.

26 de julho de 2008: Lançamento da 80's RFM. A primeira web rádio com música dos anos 80.

28 de julho de 2008: A RR lança um espaço multimédia no site [www.rr.pt](http://www.rr.pt), onde reúne numa só página todos os vídeos, fotografias e sons.

28 de Novembro de 2008: O Grupo Renascença lançava mais duas web rádios: a Oceano Pacífico FM, que tem por base o programa Oceano Pacífico e a Clubbing RFM, uma rádio de música de dança.

2008: Ano em que completou 30 anos de liderança das audiências da rádio em Portugal.

2009: O Grupo Renascença decide dar um novo nome à Mega FM. A rádio passa a chamar-se *Mega Hits* e é dirigida aos jovens urbanos.

Fevereiro de 2010: Apresentação da nova designação do Grupo e uma nova imagem corporativa. A r/com - renascença comunicação e multimédia marca a evolução de um grupo de rádios para um Grupo de Comunicação Multimédia. O objetivo é agregar as várias vertentes da empresa: rádios em FM e onda média, webrádios, jornal online, sites na web, webtv, comercialização, marketing, eventos, entretenimento, formação e responsabilidade social.

2016: O grupo r/com - renascença comunicação e multimédia junta-se numas novas instalações situadas na Quinta do Bom Pastor em Lisboa.

## **1.2. Estrutura R/Com - Renascença Comunicação Multimédia**

A Rádio Renascença é uma sociedade por quotas, 60% pertence ao Patriarcado de Lisboa e 40% à Conferência Episcopal Portuguesa, com um capital social de 7.500.000,00€.

O grupo R/Com - Renascença Comunicação Multimédia é constituído pelas empresas “Rádio Renascença, Lda.”, a “Intervoz Publicidade SA”, a “Metropolitana Comunicação Social, Lda.”, a “90 FM Coimbra Radiodifusão Lda.”, a “Rádio Ocidente - Edições e Publicidade, Lda.” e a “Rádio Pal, Sociedade Unipessoal, Lda.”.

A “Rádio Renascença Lda.” gere as marcas Rádio Renascença, RFM, Mega FM e Rádio SIM.

O grupo R/Com - Renascença Comunicação Multimédia tem sede e estúdios centrais na Quinta do Bom Pastor, em Lisboa. O centro de produção do Porto é na Rua Dr. António Luís Gomes, em Vila Nova de Gaia, e o grupo tem ainda outros estúdios em algumas regiões do país como Chaves, Braga, Viseu, Fátima, Leiria, Elvas e Évora.

## **1.3. Marcas do Grupo R/Com - Renascença Comunicação Multimédia**

### **1.3.1. Renascença**

“Música e Informação, dia a dia” é o lema da Rádio Renascença. É um canal dirigido aos adultos a partir dos 35 anos da Classe Média/Alta e Média. Possui um grande leque de diversidade musical: desde os anos 70 até à atualidade; trânsito e meteorologia a cada hora; informação rigorosa e independente; passatempos e notícias de desporto (Bola Branca). A emissão sete dias por semana, 24 horas por dia tem uma cobertura por todo o território continental em FM e AM e na internet através do endereço [www.rr.pt](http://www.rr.pt).



**Figura 45: Estúdio da Rádio Renascença**  
Fonte: <http://www.clubedeimprensa.pt/Artigo/608>

### 1.3.2. RFM

“Só Grandes Músicas” é o lema da RFM. O objetivo da RFM é chegar a um público-alvo mais novo, entre os 25 de os 40 anos das classes ABC<sub>1</sub>, que o da Rádio Renascença. Assim, a RFM tem um tipo de discurso mais leve e descontraído, informação rigorosa e sintetizada, trânsito nos períodos de drive-time e passatempos. A RFM tem cobertura em todo o território continental em FM e na internet em [www.rfm.pt](http://www.rfm.pt).

A RFM Oceano Pacífico, a RFM Clubbing e as 80's RFM (oitentas RFM) são três web rádio. A primeira é baseada no programa da RFM, Oceano Pacífico. A segunda dedica-se à música de dança. E a terceira é dedicada à música dos anos 80. Só estão disponíveis na internet, com acesso a partir do site [www.rfm.pt](http://www.rfm.pt) e contam com uma emissão diária de 24 horas.



**Figura 46: Estúdio RFM**  
Fonte: <http://www.clubedeimprensa.pt/Artigo/608>

---

<sub>1</sub> Compreende-se por classe ABC<sub>1</sub>, aqueles com ocupações não manuais. Na categoria “A” falamos de Administrativos e profissionais mais elevados, na categoria “B” trata-se de Administrativos e profissionais intermediários e a categoria “C1” relaciona-se com os administrativos supervisores, de escritório e júnior.

### 1.3.3. MEGA HITS

A MEGA HITS difunde música dos anos 90 até aos dias de hoje, direcionado para um público jovem dos 15 aos 24 anos, das classes ABC1. É uma rádio de locutores jovens, com um discurso informal e animado, informação muito sintetizada nos períodos de prime-time e passatempos. A rádio é difundida nas regiões da Grande Lisboa (Lisboa e Sinta), Porto, Coimbra e Aveiro, e ainda na internet em [www.mega.fm](http://www.mega.fm).



Figura 47: Estúdio Mega FM

Fonte: <http://www.clubedeimprensa.pt/Artigo/608>

### 1.3.4. RÁDIO SIM

A rádio SIM é um canal de rádio para seniores, acima dos 50 anos, em que a música incide especialmente nos êxitos dos anos 40, 50, 60 e 70. Com o objetivo assumido de rejuvenescer o público-alvo da Rádio Renascença, o grupo r/com - renascença comunicação e multimédia surgiu esta rádio. Os principais conteúdos temáticos da rádio são a saúde, a família, o desporto, o lazer e a educação. Os locutores optam por uma comunicação otimista e de proximidade. Emitida por todo o país em Onda Média e FM, mediante as frequências dos antigos estúdios regionais e algumas rádios-parcerias. A rádio está ainda disponível em [www.sim.pt](http://www.sim.pt).



Figura 48: Estúdio Rádio SIM

Fonte: <https://www.facebook.com/radio.sim/videos>

### 1.3.5. Página 1

O página 1 é o primeiro jornal digital da rádio portuguesa, lido diariamente por mais de 70 mil pessoas que subscreveram gratuitamente a publicação. É organizado em secções, tem um destaque diário e uma página de análise com comentadores exclusivos.

## 1.4. Marcas paralelas ao grupo R/Com - Renascença Comunicação e Multimédia

### 1.4.1. GENIUS Y MEIOS - Entretenimento e Formação, Lda.

A GENIUS Y MEIOS, foi criada em 2008 e promove a criação de projetos de eventos, espetáculos e propostas de formação no âmbito da comunicação social. Guia-se pelos princípios orientadores da Rádio Renascença e pretende responder a desafios relacionados com negócios já existentes no mercado, mas que o Grupo Renascença não adere e a novos negócios relacionados com o desenvolvimento tecnológico.

### 1.4.2. Clube Renascença

Espaço de comunicação e encontro para todos os que se ligaram ou estão ligados de forma especial ao Grupo r/com - renascença comunicação e multimédia. Um clube que não é restrito a pessoas que estiveram contratualmente ligados.

## 1.5. Estrutura da redação

Antes de funcionar nas atuais e novas instalações, já foi referido que a RR esteve localizada na Rua Ivens, situada na baixa de Lisboa. Neste local a redação era um espaço fracionado, dividido.



Figura 49: Antigas e novas instalações da Rádio Renascença

Fonte: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/predio-da-radio-renascenca-vai-ser-hotel-de-charme-5046550.html>

Com a mudança para as novas instalações uma das grandes preocupações e alterações foi a criação de um “*open space*”. Um espaço aberto e que junta toda a redação do grupo. Atualmente o espaço está dividido em “ilhas” (Conjunto de mesas agregadas) separadas.

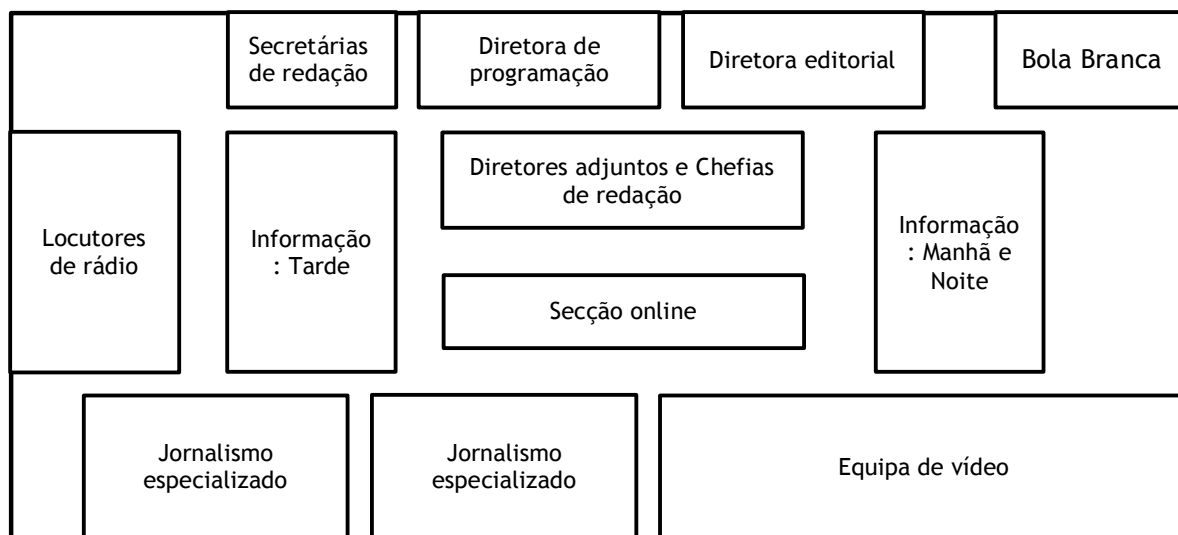


Figura 50: Esquema da Redação

Descrição da redação:

- Ilha Direção Editorial: Graça Franco
- Ilha Diretores adjuntos e Chefias de Redação: Pedro Leal e Raquel Abecasis (Diretor-adjunto); Eunice Lourenço e Pedro Azevedo (Chefia de Redação)
- Ilhas jornalismo especializado: Política, segurança, justiça e religião

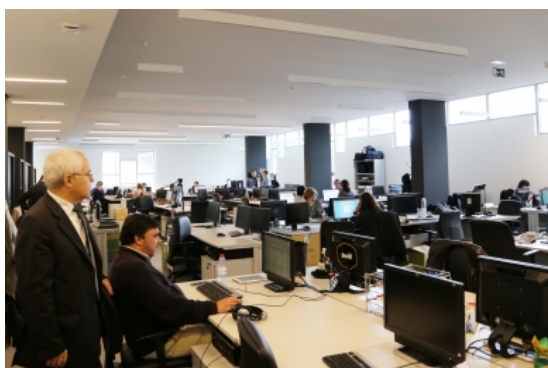


Figura: 51: Imagem da redação

Fonte: <http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?id=6575>

Para além desta redação trabalha paralelamente com esta a redação situada no Porto, onde se encontram jornalistas e locutores de todas as secções do esquema.

A *equipa da informação* está dividida em três períodos: manhã, tarde e noite. Durante estes turnos as redações do Porto e Lisboa dividem-se na produção de informação para os noticiários de hora a hora. Durante a manhã trabalham em conjunto jornalistas nas duas redações e o turno é dividido em manhã 1 e manhã 2, sendo a primeira feita pela redação de Lisboa e a segunda pela redação do Porto. A secção de informação da RR procura atualizar a atualidade de hora a hora nos noticiários, recolhendo declarações dos envolvidos em cada caso, através por exemplo de gravação telefónica.

Quase que numa divisão à parte temos a *secção do online*, que trabalha independentemente da rádio, ou seja, produz as suas próprias notícias e reportagens e atualiza a informação diária, mas ao mesmo tempo aproveita a informação e notícias fornecidas pela rádio. A equipa do online, também conta com uma equipa destacada no Porto. O trabalho feito aborda áreas como o país, mundo, economia, religião, mundo e vida. O desporto é feito exclusivamente pela Bola Branca. A informação é recolhida a partir das agências noticiosas: lusa e Reuters; da rádio e tratada por outros meios de comunicação credíveis.

Ainda dentro da redação, e a trabalhar próximo da secção online (com quem mais trabalha), temos a *equipa de vídeo*. Uma equipa que procura reunir vídeos informativos sobre os acontecimentos do dia-a-dia e realiza diariamente dois noticiários (manhã e tarde) em forma de vídeo com a duração de 90 segundos. A secção trabalha em conjunto com o online, ou seja, segundo o que é publicado e se houver vídeos sobre o assunto então são trabalhados, no entanto a equipa também tem alguma independência e produz a sua própria informação.

Como secção ainda independente temos a *Bola Branca*, que produz conteúdos para a rádio e para a secção online. No site, os jornalistas atualizam a informação desportiva. Na rádio a Bola Branca tem cinco espaços informativos diários: 7h30, 8h30, 12h45, 18h15 e 22h 30. Para além disso, a equipa cobre jogos dos três grandes do futebol português (Benfica, Porto e Sporting) nas mais diferentes competições de futebol.

## **1.6. Trabalho desenvolvido ao longo do estágio curricular**

O meu estágio curricular durou durante três meses na Rádio Renascença, e integrei a secção online da rádio.

No primeiro dia fui recebida pelo editor online da RR, Pedro Rios, que me apresentou as instalações e a equipa, explicou como funcionaria o estágio, apresentou algumas propostas de trabalhos que podia fazer e ouviu igualmente as minhas propostas de trabalhos. O objetivo traçado foi fazer artigos de pesquisa que contribuíssem para o site e evolução do mesmo, trabalhos de desenvolvimento que muitas vezes não é possível fazer pela equipa do online porque são absorvidos pelo trabalho do dia-a-dia.

O primeiro trabalho que fiz era referente ao verão, ideias de atividades para fazer durante o verão: “Água, coração e barriga feliz. Oito coisas para celebrar o verão”. Fiz ainda uma reportagem intitulada “O vermelho não é uma ordem para muitos peões” que fala sobre as principais atitudes dos peões perante a sinalização vermelha. Aqui parti para a rua, entrevistei pessoas e depois passei o trabalho para o site.

Para além das reportagens que fiz o dia-a-dia era ocupado a procurar notícias noutros meios de comunicação e nas agências noticiosas, informações de interesse para os leitores para conseguir mais visualizações da página. Com o passar do tempo, comecei a ajudar nas notícias da atualidade, nomeadamente nos dias de mais trabalho em que era preciso procurar informação: atentados de Nice, sismo Itália. Nos dias seguintes ao sismo em Itália fiz uma recolha de informação sobre movimentos de solidariedade que decorreram depois do desastre.

Aprendi ao longo do estágio a trabalhar com o BackOffice, ferramenta que permite colocar as notícias no site da RR.

Fiz ainda algumas entrevistas, por exemplo ao Presidente da Câmara de Peniche a propósito da primeira praia para cães inaugurada este ano. Fiz ainda uma cronologia nos principais sismos em Itália, depois do sismo do dia 24 de agosto deste ano. Realizei uma voz *pop* sobre as mudanças nos pagamentos com cartão nos terminais de multibanco. Fiz alguns trabalhos para a rádio em que tinha que fazer uma entrevista, editar o som recolhido no programa de edição de som, *Audacity*, e depois fazer uma sugestão de um texto de lançamento para o pivô.

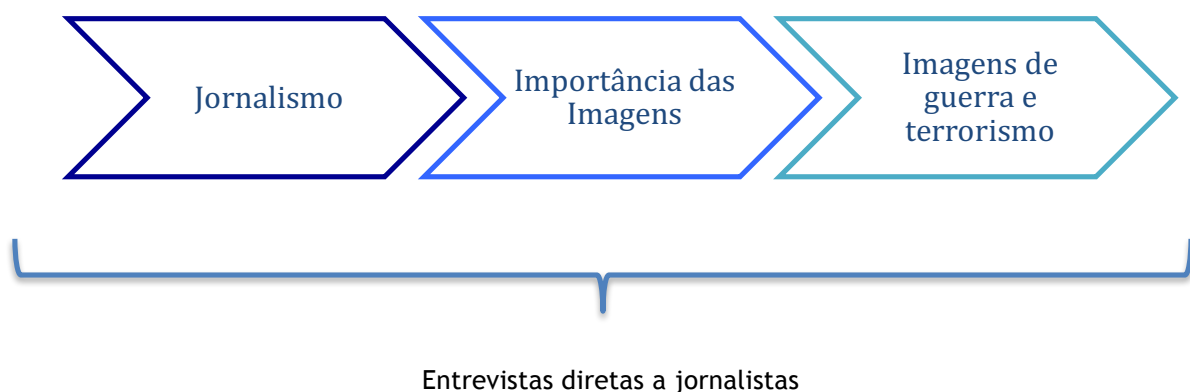
No ultimo mês do estágio comecei a escrever notícias sobre a atualidade, notícias diárias que iam surgiram e depois inseria no BackOffice do site. E ainda aproveitar várias notícias feitas para a rádio e transformei-as para o online.

O estágio permitiu aprender muito mais sobre o funcionamento de uma redação, aprofundar os meus conhecimentos sobre a escrita das notícias, e como fazer uma boa entrevista. Melhorei a minha construção frásica e ortográfica, e ainda compreendi melhor algumas regras na construção das notícias. Apreendi a funcionar com as mesas de som profissionais. Por fim, aprendi a fazer uma boa seleção e recolha de informações, relatar os factos com rigor e verdade e a recolher informação nas agências noticiosas.

# CAPÍTULO 2. METODOLOGIA E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Este segundo capítulo da segunda parte dissertação procura explicar as várias fases do estudo empírico. Serão explicados o tema, problema, hipóteses e objetivos, bem com a população e metodologia utilizada.

Baseada no tema geral da dissertação, o valor imagético no jornalismo e através de entrevista a jornalistas do jornalismo online, rádio e televisão procurei perceber que importância têm as imagens no jornalismo atual.



## 2.1. Tema e problema

O tema desta dissertação é a imagem e o jornalismo, mais especificamente a importância das imagens em notícias relacionadas com terrorismo e guerra.

A questão que se pretende responder com esta dissertação relaciona-se com a importância da imagem, e a metodologia passa pelo recurso a informação obtida junto de profissionais de jornalismo, nomeadamente através da utilização da técnica da entrevista. As entrevistas que compõem o estudo foram realizadas durante o meu estágio de três meses que desenvolvi na Rádio Renascença - entre 15 de junho e 15 de setembro de 2016; e em entrevistas realizadas junto da estação televisiva SIC e de um jornalista brasileiro. A intenção é perceber a importância que as imagens têm no jornalismo atual, desde a televisão, ao mundo do jornalismo online e as imagens mentais que a rádio consegue criar nos seus ouvintes.

Mais especificamente a formulação do problema é: “Qual é a importância da imagem no mundo do jornalismo?”, perceber a relevância das imagens no jornalismo atual, mais especificamente imagens de guerra e terrorismo.

Deste problema surgem mais três questões fundamentais:

**Q1:** O jornalismo já não consegue viver sem imagens?

**Q2:** Que género de imagens é que os espectadores mais procuram, o que é que capta mais audiências no presente?

**Q3:** Há imagens que não são utilizadas por serem demasiado fortes? É necessário por vezes fazer uma seleção das imagens?

Para responder ao problema colocado foi importante entrevistar profissionais da área, nomeadamente jornalistas do meu local de estágio, Rádio Renascença, jornalistas da estação televisiva SIC e um jornalista brasileiro. Estas entrevistas permitiram compreender a experiência pessoal de cada um dos entrevistados nos locais de conflitos/ terrorismo e também entender as suas perspetivas quanto à importância da imagem na profissão. Antes de partir para esta fase, a revisão bibliográfica, permitiu-me compreender toda a história do jornalismo em geral, as características fundamentais de um bom jornalista, e também a história do jornalismo de guerra. Para além disso, foi fundamental compreender as dificuldades por que passam os jornalistas nestes cenários.

## **2.2. Objetivos e Hipóteses**

Para o meu estudo é necessário atingir-se os seguintes objetivos:

**O1:** Clarificar a história do jornalismo e o nascimento da figura jornalista de guerra;

**O2:** Perceber se as imagens têm importância para o jornalismo atual;

**O3:** Compreender de que forma os jornalistas escolhem e recolhem certas imagens para ilustrar um tema;

**O4:** Saber se a escolha que os jornalistas fazem das imagens influencia a atenção prestada à notícia.

Tendo em conta a problemática e os objetivos coloquei as seguintes hipóteses:

**H1:** O jornalismo atual está ligado ao conteúdo multimédia (Imagem e vídeo);

**H2:** A imagem é escolhida pelos jornalistas segundo aquilo que estes consideram ser o mais apelativo, mais interessante para os espectadores, e mais suscetível de caracterizar a realidade que se pretende mostrar.

**H3:** As imagens mais marcantes e mais “chocantes” captam mais a atenção do público.

## **2.3. População e Amostra**

A metodologia desta dissertação foi a entrevista e foi necessário definir uma população e uma amostra.

Neste caso, a população alvo foram os profissionais de jornalismo, que pertencem a dois meios de comunicação portugueses, a Rádio - RR e a televisão - SIC. E ainda um jornalista Brasileiro. A amostra consistiu em cinco jornalistas: um da Rádio Renascença, dois da SIC (um homem e uma mulher), a editora multimédia da Rádio Renascença e um jornalista brasileiro.

## **2.4. Metodologia da Investigação**

Nesta investigação foram utilizados métodos qualitativos, através da técnica da entrevista. O objetivo foi entrevistar vários jornalistas que lidem de perto com o poder da imagem em cenários de guerra ou terrorismo. Foram entrevistados quatro jornalistas dos diferentes meios de comunicação, rádio, televisão e jornalismo online, de forma a compreender que importância têm as imagens nas diferentes situações.

### **2.4.1. Realização e características das entrevistas**

Para a realização das entrevistas fiz uma preparação prévia onde defini os meus objetivos, sobretudo procurar não só responder á minha problemática, mas também compreender o dia-a-dia e a chegada até serem jornalistas de guerra, de forma a complementar o meu enquadramento teórico.

Durante uma entrevista o investigador prestará mais atenção ás suas hipóteses do trabalho. Com o objetivo de testar as hipóteses de trabalho o conteúdo da entrevista será objeto de uma análise de conteúdo sistemática.

“Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.” (Duarte,2004: 215)

Geralmente as entrevistas são prolongadas, desenvolvem-se de forma flexível e adequada ao entrevistado e depende sempre da relação entre o entrevistador e o entrevistado. Estas entrevistas possuem as seguintes características: amostras pequenas,

investigam as respostas dos inquiridos, dão informações sobre motivações ou atitudes dos inquiridos e permitem compreender reações implícitas e não verbais dos inquiridos.

A realização de uma boa entrevista exige: a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados - não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”); b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo - egos focais/informantes privilegiados -, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a intuição, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas); d) segurança e auto-confiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação.” (Duarte, 2004: 216)

As vantagens das entrevistas são: grande riqueza de informação, apropriada para tratar temas delicados e é possível obter profundidade de elementos de análise recolhida. Pelo contrário, as entrevistas também têm desvantagens: dificuldade de validade externa pois as amostras não são representativas, ausência de uniformidade das entrevistas, subjetividade por parte do entrevistador, influência do entrevistador sobre o entrevistado e dificuldades na análise.

O conteúdo das entrevistas serve assim como objeto de uma análise de conteúdo sistemático, destinado a testar as hipóteses da minha dissertação. Com as entrevistas consegui obter um conjunto grande de informação e mais profundidade dos elementos recolhidos.

# CAPITULO 3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

## 3.1. Conclusões das entrevistas

Para a realização desta dissertação foram importantes as entrevistas individuais realizadas. Três das entrevistas foram divididas em três partes: Carreira enquanto Repórter/correspondente de guerra, vida em cenário e a importância das imagens. Numa segunda fase temos uma entrevista a um jornalista brasileiro que explica a importância da imagem para o mundo do jornalismo. E por último, temos uma entrevista à responsável pela secção online da Rádio Renascença, que explica que importância têm os conteúdos multimédia no site da RR.

Henrique Cymerman é jornalista português. Licenciou-se em Telavive em Ciências Sociais, seguindo-se o mestrado em Ciências Políticas e Sociologia. Trabalha como correspondente do Médio Oriente para a estação televisiva, SIC. Já fez dezenas de entrevistas difíceis e improváveis a grandes líderes.

Cândida Pinto é jornalista portuguesa. Trabalha na SIC desde 1992 - ano em que nasceu a estação televisiva. Foi na SIC que se afirmou como repórter. Especializou-se em grandes reportagens e em reportagens de guerra, tendo coberto vários conflitos: Guiné (1998), Kosovo (1999), Timor (2001) ou Líbia (2011).

José Pedro Frazão está na Renascença desde 1998. Já foi jornalista, produtor, editor e também repórter. Já entrevistou generais, refugiados, governantes, ativistas, candidatos a cargos sonantes. E esteve presente no Paquistão, Irão, Bósnia, Kosovo, África do Sul, Índia, Brasil.

Humberto Trezzi é jornalista Brasileiro e repórter especial do Zero Hora. Esteve em pelo menos 12 países atingidos por guerras revoluções, terramotos, tentativas de golpe político e também atingidos pelo crime organizado.

**Tema: Início da Carreira enquanto Repórter de Guerra**

**Henrique Cymerman (perguntas de 1-4 na parte A; pergunta de 1-3 na parte B)**

Henrique Cymerman é judeu e sempre considerou Israel “um lugar especial até porque é o único estado judeu que existe no mundo”. Aos 16 anos, numa viagem apaixonou-se pelo país e disse logo aos “pais que já não voltava”. A vida intensa e

interessante e os Israelitas lutadores e com grande criatividade fizeram-no ficar em Israel e tornar-se um jornalista respeitado pelos grandes líderes.

Honestidade é a característica que Henrique Cymerman considera mais importante encontra para ser um jornalista respeitado entre os vários líderes e as várias parte políticas no Médio Oriente.

O seu primeiro trabalho na área foi “na conferência de paz em Madrid” e mais tarde cobriu “uma visita do Almeida Santos, Presidente Assembleia da República na altura, a Gaza, onde foi encontrar-se com o líder Yasser Arafat”. O que o fez continuar nesta carreira foram “os seres humanos” e tudo o que está por detrás de um cenário de guerra, “o dia-a-dia, as pessoas, a humanidade”.

#### **Cândida Pinto (Anexo 2 - perguntas de 1-4 na parte A)**

A carreira como repórter de guerra foi algo que surgiu sem ter sido especialmente planeado. O impacto do primeiro trabalho que Cândida Pinto fez “foi forte, porque de certa forma é um teste às capacidades de trabalho, resistência, e compreensão de uma situação violenta”.

Em 1992 partiu para Angola “quando recomeçou a guerra civil” e este foi o primeiro trabalho que a jornalista fez na área. Quando partiu foi porque já tinha acompanhado todo o historial do conflito na altura, conhecia bem os intervenientes e a situação, e por isso sabia como “interpretar os acontecimentos e seguir a sua evolução”.

A jornalista confessa que é difícil ser mulher, sobretudo “nos países árabes onde alguns líderes religiosos têm dificuldade em responder a perguntas colocadas por mulheres. Mas um intérprete masculino pode resolver a situação”.

#### **José Pedro Frazão (Anexo 5 - perguntas de 1-3 - parte A)**

O atual jornalista da renascença confessa que nunca pensou ser jornalista de guerra. O primeiro trabalho que fez nesta área “foi uma reportagem no Kosovo, na Ex-Jugoslávia, um ano após o fim da operação militar da NATO”. As recordações do jornalista deste primeiro “impacto” com a nova realidade é a “sensação de tensão entre sérvios e albaneses do Kosovo, as marcas de um ódio que nunca tinha sentido, a precariedade nas comunidades, o papel das instituições internacionais”.

Este trabalho despertou-lhe o interesse por este tipo de reportagem: “sair da redação e explorar as diversas possibilidades de reportagem”.

## **Tema: Vida em Cenário**

### **Henrique Cymerman (Anexo 1 - perguntas de 1-8 na parte C)**

Sendo correspondente, Henrique Cymerman vive permanentemente em Israel, com a mulher e os filhos e confessa que para lidar com a pressão de ter de proteger a família e ser profissional ao mesmo tempo é importante saber separar as coisas.

Para o jornalista o mais importante nestas situações é saber controlar o medo. É preciso encontrar um meio termo entre não perder todo o medo para não se correr riscos, e ao mesmo tempo “não perder o medo totalmente porque o medo é o ‘nosso seguro de vida’ numa situação como esta”. Para além disso, um jornalista deve conhecer bem a situação e o local onde está, e não procurar a fama através dos conflitos e guerra: “Na Síria, no Iraque e noutras zonas, houve nos últimos anos muitos acidentes com jornalistas, alguns morreram mas sobretudo porque não conheciam a zona/terreno onde estavam”. São os chamados jornalistas paraquedistas, “querem ganhar a fama e acham que esta é uma boa forma, mas não conhecem o terreno, não conhecem nada”.

### **Cândida Pinto (Anexo 2 - perguntas de 1-10 na parte B)**

Quanto ao dia-a-dia num cenário de guerra, a jornalista revela que tem sempre receios/medos, que faz parte “da estrutura que nos mantem mais alerta... não ter medo por ser muito irresponsável e perigoso”, mas é importante não deixar que o medo paralise o jornalista.

Dos locais de guerra é possível, segundo Cândida Pinto retirar coisas positivas. “Nestas situações os seres humanos dão-nos grandes lições de vida. Gente que perde tudo e está disponível para recomeçar a vida, gente que perde tudo e está disponível para ajudar os outros”. Nestas situações a jornalista considera que “não existe imparcialidade absoluta”, e a manipulação está “inerente a muitas situações extremas”.

Já estive na Turquia/Síria, no Afeganistão, Iraque, Líbano, Kosovo, Geórgia, Angola, Guiné-Bissau, entre outros. Mas foi na Líbia que viveu uma “situação especial, rápida e inesperada”. Estava em direto na SIC e o hotel onde estava foi atacado. O principal objetivo da jornalista foi “tentar entender e reportar o que se estava a passar, sendo que a situação estava a mudar de minuto a minuto. Nestas circunstâncias (estava em direto) o que se procura é avançar na narrativa para tentar perceber que tipo de perigo nos rodeia, que tipo de evolução poderá ter. O facto de estarmos a trabalhar de certa forma protege-nos de um medo que pode ser paralisante”.

### **José Pedro Frazão (anexo 5 - perguntas 1-7 na parte B)**

Para José Pedro Frazão encarar um cenário de guerra é necessário fazer “muita pesquisa prévia, mesmo com muito pouco tempo disponível”. É essencial para o jornalista “perceber minimamente para onde vou e com a experiência dos anos e o conhecimento da atualidade, é muito mais fácil fazer essa preparação”.

Mas para além da pesquisa é muito importante preparar tudo o que possa ser preciso para trabalhar no terreno: “cabos suplementares, pilhas, lanternas, canivete (quando era possível transportar com mais facilidade) ou um transístor ... cuidados ... com a roupa e calçado a usar, para além de uma bolsa de higiene pessoal o mais portátil possível e que incluía analgésicos, vitaminas e comprimidos para complicações gástricas”.

“Precaução” é assim que o jornalista vive os momentos, parte para os locais depois de fazer uma “avaliação de segurança (com recurso a documentação, mas sobretudo a contactos com fontes)”.

Quando se chega ao terreno deve ser feita uma “avaliação com base na nossa observação”. Há sempre risco, e para fazer um trabalho destes é preciso ter “alguma coragem”, mas o jornalista revela também que só enviam “em reportagem se existir” essa coragem no jornalista.

No caso do repórter de rádio, ele “anda muitas vezes sozinho” ao contrário de “uma dupla de televisão”. O ter alguém consigo é uma ajuda porque “enfrentam juntos” as situações.

O regresso é “por vezes complicado e depende muitas vezes da magnitude da experiência vivida em cada reportagem”. A família e amigos nem sempre compreendem o que os jornalistas vivem neste tipo de situações. As rotinas diárias são totalmente diferentes, por vezes passam “dias e dias quase sem dormir”. O jornalista revela que a parte psicológica nunca ficou particularmente afetada, sobretudo precisa de um “processo de normalização fisiológica”: “onde é essencial descansar, dado que trabalho sempre nos limites do cansaço”.

Para além disso, o jornalista revela que “a profissão exige um equilíbrio entre essa subjetividade e a honestidade / rigor”. Num conflito ... o repórter deve relatar o que observa, procurar o máximo de informação para relatar com honestidade e equilíbrio e se possível pensar sempre que há diversas interpretações e análises do mesmo acontecimento. Às vezes dá muito trabalho, mas é preciso tentar garantir essa diversidade de pontos de vista”.

Foi correspondente no pós 11 de setembro pela TVI e explicou que esteve “a fazer diretos a partir de Islamabad, Paquistão”. A experiência da televisão “foi interessante, fazer televisão em direto num topo de um hotel ao lado das grandes cadeias internacionais”.

Em 2005, partiu para Londres, depois do atentado ao metro da cidade que vitimou quase 60 pessoas incluindo os autores do ataque. Aterrou em Londres algumas “horas depois dos atentados e foi uma experiência estranha”. Havia medo por parte dos londrinos “naquelas horas em Londres, mas sobretudo uma grande capacidade de autocontrolo dos londrinos”.

Como jornalista com experiência já em três meios de comunicação: Televisão, rádio e imprensa, o jornalista consegue explicar as principais diferenças entre os três meios, que género de informação se procura para cada um em especial.

“Em televisão, no que toca a cenários de conflito, fiz apenas diretos. Para o jornal Público, escrevi por exemplo uma reportagem em Leeds no bairro de onde saíram os bombistas desses atentados de Londres. A rádio ajuda a televisão, no sentido de que a capacidade de descrição é essencial para ambos os meios. Na imprensa, o cuidado na linguagem é muito maior e deu-me muito gozo. Na televisão, a imagem é decisiva mas saber contar resumidamente o que acontece ou meramente descrever as imagens carece de capacidade de sínteses que a rádio ajuda a trabalhar”.

### **Tema: A importância da Imagem**

#### **Henrique Cymerman (Anexo 1 - perguntas de 1-5 na parte D)**

Henrique Cymerman acredita que a imagem sempre foi importante para o jornalismo e que a sua preponderância não é uma coisa recente. Considera, no entanto, que “hoje vivemos numa era muito mais multimédia, devido às redes sociais e à internet”.

O jornalista encontra nisto vantagens e desvantagens. Para ele é “muito importante que se inclua a imagem dentro da informação”. Mas “há um perigo... É importante lembrar que a imagem é um zoom, é uma concentração de uma porção determinada da realidade, e que não mostra o que há à volta disso”.

As pessoas têm ideias erradas do que é a realidade, por exemplo, no Médio Oriente. Porque na verdade a câmara capta apenas uma parte da realidade. “Os portugueses que me encontram em Jerusalém e vêem as minhas crónicas, dizem-me que pensam que andam sempre aos tiros”. Este é o maior problema, para Henrique Cymerman porque nunca se mostra o suficiente do que há à volta dos tiros e das bombas.

O jornalista acredita que se faz predominar as imagens mais impactantes. E a época em que vivemos está marcada pela falta de tempo e paciência para ler, as coisas estão mais curtas e rápidas. Por isso, as imagens com mais impacto permitem também fazer com que os espectadores não mudem de canal.

“As pessoas procuram as imagens com mais contradição, violência, drama, lágrimas, coisas que chocam as pessoas”. Os jornalistas têm a função de encontrar o equilíbrio, não mostrando em demasia o mau ou o chocantes.

O jornalista admite que já encontrou imagens que não podia passar, e considera que “tudo depende do tempo em que estamos”, do país e dos seus critérios: “Há imagens que ontem não eram aceitáveis, e que hoje já são, e ao contrário. Há países, por exemplo, que estão mais habituados a imagens mais fortes. E em Portugal, pelo contrário, não estão tão habituado, então pedem para mudar esse tipo de plano. Isso acontece, e não é uma coisa constante, é uma evolução”.

### **Cândida Pinto (Anexo 2 - perguntas de 1-6 na parte C)**

A jornalista considera que a imagem é “muito importante porque mais do que nunca vivemos uma cultura visual”, e alerta para o problema da instantaneidade da internet e das redes sociais pois podem “surgirem imagens de grande impacto que não são verdadeiras, embora atribuídas a determinadas situações”.

Normalmente, os espectadores procuram “imagens de grande impacto”, algo que é “inerente à curiosidade humana”. Mas cada país é um caso, há “imagens que são demasiado violentas e que ao contrário de aproximarem, repugnam os espectadores”.

As imagens que a jornalista procura encontrar em locais de conflito e guerra são “imagens ilustrativas da situação que se está a viver, que possam ajudar os espectadores a compreenderem a situação”.

A jornalista admite que já se deparou com imagens que eram demasiado fortes para serem emitidas. Há imagens que “não faz sentido utilizar porque não contêm elementos que acrescentem à compreensão da história, podem ser apenas momentos de sensacionalismo mórbido”.

### **Humberto Trezzi (Anexo 3 - perguntas de 1-8)**

Normalmente as imagens que o jornalista procura recolher no local do conflito são as “de impacto. Podem ser delicadas - como pessoas a chorar no meio das ruínas - ou mesmo chocantes, como mutilações”. Tudo depende do meio para o qual se dirige.

Humberto Trezzi procura sobretudo “descrever a rotina do se viver no lugar onde a normalidade desapareceu”.

O jornalista acredita que as pessoas “têm preguiça de ler, preferem ver”. Na verdade, “a palavra escrita é cada vez mais um luxo a que poucas pessoas se dedicam... A maioria prefere imagens”. As empresas jornalísticas já compreenderam isso e estão cada vez mais a apostar nas imagens.

No entender de Humberto Trezzi as imagens que os espectadores procuram são “as espetaculares. As dramáticas. As comoventes”.

#### **Maria João Cunha (Anexo 4 - perguntas de 1-5)**

Os conteúdos multimédia nasceram cedo na Renascença em 2006. “Foi dos primeiros sites de rádio do mundo - pioneiro também em Portugal - a apostar no vídeo”, explica.

A jornalista defende que o conteúdo multimédia se tornou importante no mundo do jornalismo, mas cada notícia é uma notícia e tudo depende da necessidade de cada uma. “É sempre o formato que se adapta ao conteúdo e não o contrário”. O importante é pensar “na melhor forma de contar uma história e de a explicar”.

“Os nossos números indicam-nos” que as notícias que estão acompanhadas por conteúdo multimédia têm mais visualizações: “as pessoas perdem tendencialmente mais tempo a ver notícias com elementos multimédia que ajudam a explicar, contextualizar, visualizar uma história”. As notícias que normalmente são acompanhadas de imagens são as que “são naturalmente mais visuais ou que incluem, pelo menos, uma ação”. E depois existem também os “temas estratégicos que editorialmente consideramos muito importantes”.

O terrorismo e a guerra não são necessariamente temas acompanhados de grande conteúdo multimédia. “Há histórias que não conseguimos contar visualmente ... e que por isso são contadas apenas com texto. Mas também é verdade que são temas que se prestam a ser acompanhados de infografias (mapas, gráficos...), por necessitarem de explicação e contexto adicional. É um esforço que temos tentado fazer no turbilhão da produção diária: procurar oferecer essa “multimédia” adicional para esses temas”.

#### **José Pedro Frazão (Anexo 5 - perguntas de 1-2 na parte C)**

“A imagem é neste momento um fator crucial do jornalismo”. Apesar da afirmação inicial o jornalista acredita que para a “subsistência dos meios e pluralismo noticioso” a imagem pode não ser totalmente benéfica. Mas admite que “é crucial porque não é possível escapar ao domínio da imagem na sociedade atual”.

Apesar da sua opinião acredita que “não faria sentido ignorar esse domínio e criar jornalismo ‘contra a imagem’”. Importa sim neste sentido “tratá-la e ser exigente em relação ao seu conteúdo e impacto”.

Na opinião do jornalista a imagem não pode ficar “limitado ao que a imagem domina ou veicula”. Os meios como a rádio e jornais “não podem viver só do que a imagem

constrói”, devem igualmente “construir ... um plano onde a palavra e o som emergem ao lado da imagem”.

Para o jornalista o critério da imagem não é benéfico, esta não deve dominar “sobre os outros na construção editorial de um projeto jornalístico”. No fundo, o que passa “na televisão ou na internet não deve ser apenas repetido como caixa de ressonância pelos outros meios de comunicação social”. Assim como “um evento importante para a comunidade ou para a civilização não deve ser discriminado por não conter imagem. A imagem é um meio, não um fim”.

No caso específico da rádio, ela tem a capacidade de construir “uma imagem ... no ouvinte”. Para o jornalista, o poder de atração da rádio “implica uma ‘imagem imaginária’, pois o ser humano habitua-se a construir relações com base em rostos”. A palavra tem um poder muito forte neste meio pois é importante “estabelecer uma ligação pela voz” e conseguir construir uma “imagem” de alguém só pela voz que tem”.

### **3.2. Conclusões da dissertação**

Na revisão teórica, sobretudo o capítulo 4 onde procuro compreender qual a importância da imagem no jornalismo, já é possível compreender a importância da mesma. Depois de alguns meses em pesquisa das capas dos jornais tornou-se manifesta a relevância que a imagem tem nas capas atualmente. Raros são os jornais que não têm uma capa repleta de imagens descritivas das notícias. É possível também aqui perceber o seguinte: o 11 de setembro ocorreu em 2001 e os atentados em Paris ocorreram em 2015, os dois acontecimentos têm diferença de 14 anos e no entanto conseguimos ver que em ambas as situações as imagens tiveram um peso grande na divulgação dos acontecimentos. Mesmo as capas dos jornais provam isso mesmo: apesar da distância temporal, as capas são praticamente idênticas, e em todas a imagem ocupa a grande mancha da primeira página.

Depois das entrevistas com os jornalistas e do estudo empírico do tema: “a importância da imagem”, é possível responder às questões e hipóteses colocadas para esta dissertação.

**Q1: O jornalismo já não consegue viver sem imagens?**

O jornalismo foi crescendo ao longo do tempo, associado às palavras e às histórias surgiram as imagens e fotografias descritivas de cada texto. Com o tempo para além das imagens surgiram também os vídeos e as infografias utilizadas também em notícias.

Na verdade, não foi apenas com o surgimento do jornalismo online ou multimédia que as imagens ganharam esta preponderância. Segundo o jornalista Henrique Cymerman as imagens sempre foram importantes no jornalismo, não é algo de agora. Hoje claro que é possível admitir que é difícil existir jornalismo sem imagens, sem conteúdo multimédia, porque estes conteúdos se tornaram inerentes à profissão. Henrique Cymerman e Cândida Pinto acreditam que as redes sociais e a internet fazem com que a imagem esteja cada vez mais ligado ao jornalismo: “É muito importante que se inclua a imagem dentro da informação” (Anexo 1). E Cândida Pinto acrescenta ainda que o trabalho do jornalista neste caso é tentar distinguir o verdadeiro do falso.

Mais radical, o jornalista Humberto Trezzi defende que vivemos numa geração que prefere ver a ler. Maria João Cunha, editora da secção multimédia da RR diz que a imagem é importante sim, mas também depende da notícia e da necessidade.

José Pedro Frazão é ainda mais “ríspido”: a imagem para ele é neste momento um fator crucial do jornalismo.

Todos os jornalistas entrevistados reforçaram a importância da imagem quer no jornalismo durante o século XX, quer no jornalismo atual, e consideram-na um fator imprescindível aos produtos jornalísticos.

**Q2: Que género de imagens é que os espectadores mais procuram, o que é que capta mais audiência no presente?**

Os espectadores normalmente procuram imagens que chocam, que despertam algum tipo de sensação nos espectadores. Mas obviamente que tudo é diferente de país para país, imagens que em Portugal não são aceitáveis por serem demasiado fortes, podem ser aceites noutros países.

Assim como nos jogos olímpicos a famosa fotografia do jogo de voleibol entre a Alemanha e o Egipto, em que as jogadoras da Alemanha usavam um equipamento que era um bikini, e as jogadoras do Egipto, usavam um equipamento que cobria a totalidade do corpo, padrões do que é ou não aceitável variam muito. No caso de Portugal, por exemplo, essa imagem das jogadoras passou tal e qual foi fotografia, já a agência noticiosa iraniana “apagou” a jogadora alemã da imagem.

Ou seja, os padrões podem variar muito de país para país, e as imagens e as exigências relativamente a estas são sempre diferentes. Esta é a ideia geral que os jornalistas entrevistados para esta dissertação deixaram.

Henrique Cymerman defende que as imagens que os espectadores preferem são as que têm mais impacto, sobretudo porque impedem “que o espectador mude de canal”. Já Cândida Pinto concorda com a mesma ideia: os espectadores procuram imagens de grande impacto, e acrescenta que isto é uma característica que está “inerente à curiosidade

humana”. Humberto Trezzi também considera que são as “espetaculares, as dramáticas e as comoventes” (Anexo 3).

**Q3:** Há imagens que não são utilizadas por serem demasiado fortes? É necessário por vezes fazer uma seleção das imagens?

No seguimento da questão anterior, sobre que tipo de imagens é que os espectadores procuram, consegui descobrir que são as imagens emotivas, que chocam. Mas existem imagens que não podem ser divulgadas. Todos os jornalistas entrevistados admitem que já se depararam com imagens que não era possível passar, demasiado fortes para serem transmitidas. Há sempre uma seleção de imagens, e uma tomada de decisão sobre o que lançar. Claro que consoante o que o público quer ver e consoante o que se passa realmente, depois das imagens captadas é que são tomadas tais decisões.

O jornalista Henrique Cymerman e Cândida Pinto confirmam que já várias vezes se depararam com imagens que não podiam ser emitidas porque não faziam sentido ou eram muito fortes. No caso de Cymerman, este diz que os critérios estão sempre a mudar e por isso o que não era aceitável á uns tempos, agora já é. Já Cândida Pinto diz que há elementos imagéticos que não fazem sentido porque não ajudam na compreensão da história.

**H1:** O jornalismo atual está ligado ao conteúdo multimédia (Imagem e vídeo).

O jornalismo está ligado ao conteúdo multimédia. Qualquer meio de comunicação consegue comprovar essa ligação na atualidade. Na televisão sempre foi necessária a imagem, mas na verdade, hoje em dia os espectadores são ainda mais exigentes, ou seja, os espectadores querem ver mais, saber mais através da imagem. Porque vivemos numa sociedade que não “perde tempo” a ler, prefere que as imagens resumam aquilo que se está a ver. Por isso mesmo, o jornalismo também foi obrigado a assumir todas estas novas necessidades.

Na imprensa, por exemplo, todas as capas são repletas de imagens e o seu conteúdo contém igualmente uma imagem ilustrativa da realidade que pretende documentar.

Assim como em sites online, onde o multimédia tomou lugar, já existem equipas separadas preparadas para corresponder à necessidade de produção desse tipo de conteúdos, e que fornecem as imagens, os vídeos e as infografias.

José Pedro Frazão (Anexo 5) considera que “a imagem é neste momento um fator crucial do jornalismo”. Assim como Cândida Pinto (Anexo 2), que considera que a “imagem é muito importante porque mais do que nunca vivemos uma cultura visual”.

Henrique Cymerman (Anexo 1) para além de confirmar a importância da imagem, acrescenta ainda que a imagem sempre foi importante. “Vivemos numa era muito mais multimédia, devido às redes sociais e à internet”, acrescenta aquele jornalista.

**H2:** A imagem é escolhida pelos jornalistas segundo aquilo que estes consideram ser o mais apelativo, mais interessante para os espectadores, e mais suscetível de caracterizar a realidade que se pretende mostrar.

As imagens selecionadas para publicação/emissão são na verdade escolhidas pelos próprios jornalistas. E como é feita essa seleção e divisão?. Por um lado, por aquilo que os espectadores querem, por aquilo que é mais apelativo e fideliza os espectadores àquele meio de comunicação, mas também são populares imagens que sejam representativas de toda a realidade e não apenas de uma parte da realidade. O jornalista Henrique Cymerman alerta para isso mesmo, para o desfasamento entre a realidade e o que é transmitido aos espectadores, e pede atenção ao efeito de distorção do zoom da câmara.

Cândida Pinto procura, nos locais, recorrer às fontes possíveis “embora tente sempre perceber o contraditório para chegar a uma informação mais aproximada da verdade”. Acrescenta ainda que as imagens que recolhe são dependentes da situação, mas que normalmente “procura-se recolher imagens que sejam ilustrativas da situação que se está a viver, que possam ajudar os espectadores a compreenderem a situação”. (Anexo 2)

Já Humberto Trezzi (Anexo 3) procura sobretudo as imagens de impacto, que podem até ser delicadas “como pessoas a chorar no meio das ruínas - ou mesmo chocantes, como mutilações”, tudo depende do meio de comunicação e do público a que se dirige. Dá ainda o exemplo concreto do seu caso, que procura sobretudo “descrever a rotina de viver num lugar onde a normalidade desapareceu”.

**H3:** As imagens mais marcantes e mais “chocantes” captam mais a atenção do público.

O terrorismo e a guerra são temas em que as imagens são essencialmente chocantes e que despertam muito interesse nos espectadores. E por norma é a este tipo de imagens que os espectadores prestam mais atenção.

Henrique Cymerman acredita que porque vivemos numa época com pouco tempo e em que as pessoas têm pouca paciência, “as crónicas são cada vez mais curtas” (Anexo 1). E por isso, as imagens são produzidas cada vez com “mais impacto” para impedir que o espectador mude de canal. Neste momento, é essa a tendência, de passar

predominantemente imagens mais impactantes, “mas que no fundo não representam bem o que estamos a dizer”.

Já Cândida Pinto confirma a mesma tendência, de que as imagens “de grande impacto” (Anexo 2) são as mais procuradas pelos espectadores, porque é “inerente à curiosidade humana”.

O jornalista Humberto Trezzi acha que as imagens que os espectadores procuram são “as espetaculares. As dramáticas. As comoventes”. (Anexo 3)

Maria João Cunha considera que “cada história é uma história”, no caso do terrorismo ou guerra, e não têm necessariamente que ser acompanhadas com imagens. No entanto, admite que “são temas que se prestam a ser acompanhados de infografias (mapas, gráficos...), por necessitarem de explicação e contexto adicional”.



# REFERÊNCIAS

Abrantes, J. (2005). *A construção do olhar*. Lisboa: Livros Horizonte.

Abrantes, J. (SDa). *A construção do olhar: Alguns desenvolvimentos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Aumont, J. (2005). *A imagem*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.

Barnhurst, K. & Nerone, J. (2009). *Journalism History*. In Jorgensen, K. & Hanitzsch, T. (Ed.), *The Handbook of journalism studies* (pp. 17-29). New York and London: Routledge.

BBC (2015). *Ataques em Paris: “Estado Islâmico” assume autoria*. Consultado em 3 de julho de 2016 através de [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114\\_franca\\_hollande\\_hb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_franca_hollande_hb)

Camacho, P. (2012). *Debaixo de Fogo*. Lisboa: Oficina do Livro.

Canavilhas, J. (2001). *Televisão, o domínio da informação-espetáculo*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>

Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo. 7 características que marcam a diferença*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404\\_webjornalismo\\_jcanavilhas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf)

Cardoso, P. (sd). *Jornalismo de guerra. A missão*. Consultado em 14 de janeiro de 2016 através de <http://www.ipv.pt/forumedia/4/13.htm>

Carvalho, E. (2014). *“Obviamente que me arrependo”*. Consultado em 5 de fevereiro de 2016 através de <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/guerra/obviamente-que-me-arrependo>

Chiareli, J. (2015). *Essas são as 20 imagens mais famosas e marcantes da história*. Consultado em 10 de fevereiro de 2016 através de <http://www.fatosdesconhecidos.com.br/essas-sao-as-20-imagens-mais-famosas-e-marcantes-da-historia/>

Correia, J. (2011). *O admirável mundo das notícias*. Teorias e Métodos. Covilhã: Labcom Books.

Costa, M. (2014). *O Repórter na zona de conflito: o que leva jornalistas a cobrir guerra?*. Brasília: Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas.

Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Paraná: Editora UFPR.

Fidalgo, A. (1996). *O consumo de informação. Interesse e curiosidade*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-interesse-curiosidade-informacao.html>

Fernandes, C. (s.d). *Os ataques de 11 de setembro de 2001*. Consultado em 20 de março de 2016 através de <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>

Geremias, D. (2014). *Alguns fatos que você provavelmente desconhecia sobre o 11 de setembro*. Consultado em 15 de fevereiro de 2016 através <http://www.megacurioso.com.br/acontecimentos-historicos/45613-alguns-fatos-que-voce-provavelmente-desconhecida-sobre-o-11-de-setembro.htm>

Gradim, A. (2000). *Manual de jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

G1 (2013). *Local onde ficavam Torres Gêmeas tem memorial e prédio de 104 andares*. Consultado em 30 de março de 2016 através de <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/09/local-onde-ficavam-torres-gemeas-tem-memorial-e-predio-de-104-andares.html>

Jespers, J.-J. (1998). *Jornalismo televisivo: Princípios e métodos*. Coimbra: Minerva.

Joly, M. (1994). *Introdução à análise da imagem*. Paris: Éditions Nathan.

Jornalismo sem fronteiras (2014). *Samy Adghirni: 'É muito difícil se manter neutro diante de uma criança queimada numa explosão'*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de <http://jornalismoemfronteiras.com.br/samy-adghirni-e-muito-dificil-se-manter-neutro-diante-de-uma-crianca-queimada-numa-explosao/>

Jornal de notícias (2012). *"Meninas de Napalm" conta como foto mudou a sua vida*. Consultado em 3 de fevereiro de 2016 através de [http://www.jn.pt/Paginalnicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=2590331&page=5](http://www.jn.pt/Paginalnicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2590331&page=5)

Lança, M. (2012). *Na guerra, a vida sem filtros - entrevista a Cândida Pinto*. Consultado em 15 de fevereiro de 2016 através de <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/na-guerra-a-vida-sem-filtro-entrevista-a-candida-pinto>

Laranjeiro, A. (2009). *Correspondentes Estrangeiros em Portugal: o que faz a notícia*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Leão, I., Pinto, J., Rei, J., Silva, M., Szymaniak, W. (2000). *Dicionário de Ciências da Comunicação*. Porto: Porto Editora.

Melo, P. (2005). *Um passeio pela história da imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço*. Consultado em 13 de janeiro de 2016 através de [http://www.fundaj.gov.br/geral/artigo\\_passeio\\_historia\\_imprensa.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/artigo_passeio_historia_imprensa.pdf)

Moreira, D. (2004). *11 de setembro de 2011: Construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Moretti, M. (2004). *A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra*. Consultado em 2 de fevereiro de 2016 através de <http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/viewFile/92/88>

Pereira, C. (2005). *Guerras da Informação. Militares e Media em Cenários de Crise*. Lisboa: Tribuna da história.

Pinto, E. & Recuero, R. (2009). *Velocidade versus qualidade de informação no jornalismo online: Caso Paula Oliveira*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas.

R7 Notícias (2015). *Terrorismo: Série de atentados deixa pelo menos 129 mortos em Paris*. Consultado em 3 de julho de 2016 através de <http://noticias.r7.com/internacional/fotos/terrorismo-serie-de-atentados-deixa-pelo-menos-129-mortos-em-paris-14112015#!/foto/12>

R7 Notícias (2015a). *Imagem forte: Foto mostra casa de show após ataque que matou 89 pessoas em Paris*. Consultado em 3 de julho de 2016 através de <http://noticias.r7.com/internacional/imagem-forte-foto-mostra-casa-de-show-apos-ataque-que-matou-89-pessoas-em-paris-15112015>

Reges, T. (2011). *Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais*. Consultado em 31 de agosto de 2016 através de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/reges-thiara-caracteristicas-e-geracoes-do-webjornalismo.pdf>

Santos, J.R. (2005). *A verdade da Guerra*. Lisboa: Gradiva.

Sicard, M. (2001). *Televisão: A máquina de ver*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, J. (2001). *Elementos do jornalismo impresso*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>

Sousa, J. (2009a). *A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal*. Consultado em 30 de agosto de 2016 através de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-a-discussao-sobre-a-introducao-do-ensino-superior-do-jornalismo-em-portugal.pdf>

Torres, E. (2000). *O crítico de televisão para além do espectador profissional*. Lisboa: Livros Horizonte.

Traquina, N. (2005a). *Teorias de jornalismo. Volume I*. Brasil: Editora Insular.

Traquina, N. (2007). *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera.

TVI 24 (2015). Ataques em Paris fazem mais de 120 mortes. Consultado em 3 de julho de 2016 através de <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/13-11-2015/tiroteio-em-paris-faz-varios-mortos>

UOL notícias (2014). *Há 23 anos, Guerra do Golfo era primeiro conflito mostrado ao vivo na TV*. Consultado em 2 de janeiro de 2016 através de <http://noticias.uol.com.br/album/2014/01/17/guerra-do-golfo-foi-a-primeira-a-ser-transmitida-ao-vivo-pela-tv.htm>



# **ANEXOS**

## **Anexo 1. Entrevista Henrique Cymerman - SIC (11-09-2016)**

### **A. Partir e viver em Israel**

#### **1. Com 16 anos partiu para Israel, o que o levou a mudar-se? O que despertou emigrar para este país?**

Eu sou Judeu, e tive uma educação que fez com que eu considera-se Israel um lugar especial até porque é o único estado judeu que existe no mundo. Mas à parte de tudo isso, eu tinha uma enorme curiosidade em conhecer Israel eu tinha lido muito em criança sobre o país. Na época do 25 de abril, quando Portugal ainda lutava pela liberdade, Israel apesar de tudo já era um país democrático.

Depois comecei a ler muito sobre o conflito com o Dharan (Arabia Saudita) e as lutas que subsistiam pela existência de Israel. Com 16 anos vim cá de férias e apaixonei-me pelo país e disse logo aos meus pais que já não voltava. E comecei esta carreira, que tem muito a ver com a vida em Israel e no médio oriente.

#### **2. O que viu em Israel com dezasseis anos que não era suposto para a idade que tinha?**

Um ano e meio antes de eu chegar a Israel, começou umas das piores guerras no país. Tudo começou no dia mais sagrado do calendário judaico, um dia de jejum, em que a maioria das pessoas está em casa ou nas sinagogas. E eram 14h quando soaram as sirenes na guerra. Foi de facto um dos poucos momentos em que a independência de Israel foi colocada em causa. Nessa altura houve um ataque simultâneo de vários exércitos árabes e era um dia em que os Israelitas não estavam preparados e ouve um número muito elevado de vítimas. Depois de longas semanas, Israel conseguiu dar a volta e venceu a guerra, mas ficou um sabor muito amargo.

No dia em que cheguei havia um ambiente de luto no país devido a essa guerra. Nesse aspeto foi o que mais me marcou, havia um ambiente muito pesado e triste. Mas apesar de tudo isso, e de tudo o que aconteceu, os Israelitas têm essa característica de lutadores, de grande criatividade, tem uma vida muito intensa e muito interessante, muito cosmopolita. E estas características atraíram-me muito nos primeiros tempos a viver em Israel. E com o tempo estas mesmas características foram-se revelando com os anos.

#### **3. Como é que ganhou confiança e respeito num país tão conflituoso como Israel?**

Sendo honesto. Infelizmente nem todos os jornalistas o são e eu acho que eu consegui ser honesto e chegar a todas as partes. E de alguma forma eu conseguia transmitir o que me diziam da maneira mais verídica possível, tal como eu entendia as coisas. E eu acho que através deste meu comportamento fui ganhando esse contacto e essas “portas abertas”

em todos os lados, esquerda ou direita de Israel, no mundo árabe em geral e na parte palestina. Ainda ontem estive a almoçar com o presidente palestino. E a base é mesmo a confiança que fui construindo ao longo dos anos.

#### **4. Como é viver em Israel? Ter que ser jornalista e ao mesmo ter de proteger a sua família?**

Há momentos em que não é fácil. Normalmente tudo é diferente do que parece, o conflito não está nos locais onde estão os meus filhos ou a minha mulher. Nas grandes cidades em Israel vive-se uma vida como se pode viver noutro lugar da Europa neste momento. Mas até digo mais, é uma vida muito cheia, muito completa, muito interessante. É um lugar cheio de turistas europeus e concretamente portugueses, e quando chegam ficam muito surpreendidos com o que vêem. O que “trazem na cabeça” são imagens de um país com camelos e tanques, e não encontram nada disso, encontram sim um país moderno, em desenvolvimento e uma vida cultural e noturna incrível. A educação é boa, as escolas são boas, a vida social é ótima. Os meus filhos, por exemplo, andam de autocarro à meia-noite e não há nenhum problema. Não existem problemas de ladrões ou roubos.

E é verdade que houve guerras, conflitos, atentados terroristas e momentos muito delicados. Mas isso infelizmente está a chegar agora a todos os cantos da Europa e dos Estados Unidos, e isto é uma realidade que agora provavelmente nos vai acompanhar não só em Israel mas por todo o mundo, nesta próxima geração, infelizmente.

## **B. Carreira enquanto Correspondente**

### **1. É correspondente do Médio Oriente como surgiu esta oportunidade?**

Surgiu antes da conferência de paz em Madrid, que faz agora exatamente 25 anos. Tudo isso coincidiu com a altura em que nascia a SIC. Na altura fiz uns trabalhos para a rádio, para a TSF que fazia parte do mesmo grupo. E o Martim Cabral, que era na altura um dos diretores internacionais da SIC, contactou-me, propôs-me e eu atirei-me a isto “de cabeça”. No princípio não fazia televisão, era já jornalista, mas na altura apenas escrevia. Consegui aprender bem televisão e isto é um mundo em que tu deixas a câmara, vais tomar café e quando voltas tens uma reportagem.

### **2. Qual foi o primeiro impacto no primeiro trabalho que fez nesta área?**

Eu acho que foi na conferência de paz em Madrid e depois houve também uma visita do Almeida Santos, Presidente da República na altura, a Gaza que se veio encontrar com o líder Yasser Arafat.

Mas na conferência de paz em Madrid, eu comecei como exclusivo, porque eu soube da conferência quando mais ninguém sabia e fui eu que anunciei. E dois dias depois, o James Baker que era o secretário de estado americano na altura, anunciou que ia haver uma conferência de paz em Madrid.

### **3. O que é que lhe despertou o interesse neste campo e o fez continuar?**

Os seres humanos. Eu procurei sempre as pessoas por detrás das notícias. Interessa-me não só os processos políticos, económicos, estratégicos das guerras. O que me interessa sobretudo são os seres humanos por detrás da guerra. E eu acho que isso foi o que sempre refletiu as minhas crónicas desde o primeiro momento e até hoje. No fundo é importante procurarmos as pessoas, o que elas pensam, sentem, sonham, dizem e onde elas querem chegar. Eu acho que isso humaniza a situação, o conflito, as guerras... Humaniza tudo. Permite que o público, neste caso o público português se sinta mais próximo. Há 25 anos estes conflitos estavam muito mais longe de Portugal.

## **C. Vida em Cenário**

### **1. Como se enfrenta um cenário de conflito?**

Não é fácil, nós não somos “rambos”, somos jornalistas. Nós somos intermediários entre os acontecimentos e o público que o está a ver, e a nossa obrigação é por um lado mostrar, mas por outro lado também não podemos estar constantemente a arriscar a vida, temos que encontrar um ponto de equilíbrio. Temos que perceber como podemos fazer, para não ficarmos paralisados no momento, mas ao mesmo tempo não perder o medo totalmente porque o medo é o “nosso seguro de vida” numa situação como esta. O objetivo é continuar a informar com o mínimo de risco possível.

### **2. Como é que se controla o medo?**

Eu acho que é uma questão de treino. E conhecer muito bem a zona. Na Síria, no Iraque e noutras zonas, houve nos últimos anos muitos acidentes com jornalistas, alguns morreram mas sobretudo porque não conheciam a zona/terreno onde estavam. São aquilo que nós chamamos no meio dos jornalistas, os paraquedistas, querem ganhar a fama e acham que esta é uma boa forma, mas não conhecem o terreno, não conhecem nada.

### **3. Já sentiu que a estavam a tentar manipular para passar determinada mensagem?**

Sim, dezenas de vezes. Isso acontece continuamente. Nós estamos no meio de uma guerra de propaganda, todas as partes utilizam e portanto, temos que nos manter seguros do ponto de vista físico, mas em termos de conteúdo temos que ter algum filtro para saber o que realmente é verdadeiro e o que pode não ser. E há muitos sistemas: diversificar fontes, não basta ouvir um lado, temos que ouvir os dois. São situações muito delicadas. E

de facto, aqui no médio oriente, só algumas pessoas têm êxito, que são aqueles que já têm uma certa experiência.

#### **4. Qual foi o cenário ou entrevista mais difícil que fez?**

Houve dezenas de entrevistas muito difíceis. Mas acho que entrevistar o “Sheik”\* (xeque) Yassin, que era o líder do Hamas, era um homem inválido, que estava numa cadeira de rodas, e que com uma voz muito fininha conseguia comandar um exercito de suicidas sobre Israel. Entrevistei-o, em Gaza, três dias depois de um atentado em frente à escola do meu filho, no qual morreu uma colega dele, com 15 anos. São momentos difíceis, são pessoas que apoiam o terrorismo. E com terrorismo quero dizer violência contra civis, contra pessoas que não têm nada a ver com o conflito. Estes são momentos complicados. Eu entrevistei terroristas de muitas organizações, desde o Estado Islâmico, à Al-Qaeda, ao Hamas e todos entrevistas todos estes grupos são os momentos mais difíceis.

\*É uma fórmula honorária em língua árabe que significa líder ou governador.

#### **5. Em termos psicológicos, como é que se enfrentam estes cenários? Com a sua família também a correr risco?**

Simplesmente uma coisa é ser pai e outra coisa é ser profissional. Obviamente eu apoiei os meus filhos durante toda a minha vida e continuo a apoiar. Mas quando se chega ao trabalho, nós somos como médicos, que operariam um terrorista se ele estivesse ferido e fosse apanhado. É a mesma coisa, o meu objetivo é como jornalista mostrar quem são essas pessoas que estão por detrás desses atentados. E portanto, faço o meu trabalho da forma mais equilibrada possível e que nem sempre é fácil.

#### **6. É possível retirar coisas positivas de locais em guerra?**

Eu penso que sim. Conseguimos encontrar coisas positivas e coisas negativas em qualquer situação. E eu tirei e encontrei coisas positivas em dezenas de ocasiões.

#### **7. Conseguir compreender o que leva alguém a morrer por um Deus?**

Eu acho que compreender nunca vamos compreender. Porque é um tipo de ato que nós não podemos aceitar e que para nós é ilegítimo. E até para grande parte dos muçulmanos é um ato ilegítimo. Por vezes confundimos, a maioria dos muçulmanos não apoiam esse tipo de ações, é uma minoria que apoia esse tipo de ações. Eu acho compreender nunca, quer dizer no sentido de aceitar, de justificar ou legitimar.

Mas compreender qual é a motivação das pessoas que o fazem, provavelmente compreendo mais do que compreendia antes, depois de todos estes anos. Mas são motivações diferentes, cada caso é um caso isolado.

**8. Como se sente antes de entrevistas como com o filho de Osama Bin Laden, Yasser Arafat? Como é que se prepara?**

Da mesma maneira que me prepararia para qualquer entrevista, lendo sobre ele tudo o que podia. Essa entrevista aconteceu depois de três anos de tentativas frustradas, e então eu já tinha lido muito sobre ele, já conhecia muito bem a história dele, da família dele, dos tios, do pai e até da mãe. Eu acho que esse é um dos segredos, é informarmo-nos. Porque infelizmente na nossa profissão ainda à muita ignorância e esse é um grande obstáculo para fazer um bom trabalho.

## **D. A importância da Imagem**

**1. Qual a importância da imagem neste momento no jornalismo?**

A imagem é extremamente importante, sempre foi. E eu acho que hoje vivemos numa era muito mais multimídia, devido às redes sociais e à internet. E eu acho isso ótimo, e é muito importante que se inclua a imagem dentro da informação. Dito isto, digo há um perigo, à um risco dentro de tudo isso. E é importante lembrar que a imagem é um zoom, é uma concentração de uma porção determinada da realidade, e que não mostra o que há à volta disso.

O que acontece é que nos concentrámos tanto no plano que estamos a por, que as pessoas imaginam que a realidade é toda assim. Os portugueses que me encontram em Jerusalém e vêm as minhas crónicas, dizem-me que pensam que andam sempre aos tiros. Isso é um problema porque provavelmente não mostramos suficientemente o que há ali à volta desses tiros, e há muitos lugares sem tiros e com outro tipo de realidade, muito mais positiva. É a única coisa que eu digo que é preciso ter muito cuidado, com esse zoom da câmara.

**2. Que género de imagens é que os espectadores mais procuram, o que é que capta mais audiência neste momento?**

Nós estamos numa época em que há muito pouca paciência e pouco tempo. As crónicas estão cada vez mais curtas. E por isso, as imagens, têm que ser cada vez mais impacto, para impedir que o espectador mude de canal. Infelizmente há um pouco essa tendência, às vezes fazem-se predominar imagens mais impactantes, mas que no fundo não representam bem o que estamos a dizer, então é preciso sempre encontrar um equilíbrio. Obviamente que as pessoas procuram as imagens com mais contradição, violência, drama, lágrimas, coisas que chocam as pessoas. E é preciso como jornalista encontrar sempre um equilíbrio, não cair nessa tendência para captar o público. Porque no fim acabamos por fazer o trabalho “menos bem”.

**3. Ou seja, quando está a recolher imagens nestes cenários, procura não só encontrar as imagens que os espectadores querem e esperam, mas também não em demasia/exagero?**

Não só, também tentar mostrar a realidade de uma forma equilibrada, do que há à volta disso.

**4. Já se deparou com imagens que eram demasiado fortes e que escolheu não passar?**

Sim, sem dúvida. Isso é um tema, que eu acho que há critérios que vão mudando com o tempo. E eu acho que à uma espécie de processo. Há imagens que ontem não eram aceitáveis, e que hoje já são, e ao contrário. Há países, por exemplo, que estão mais habituados a imagens mais fortes. E em Portugal, pelo contrário, não estão tão habituados, então pedem para mudar esse tipo de plano. Isso acontece, e não é uma coisa constante, é uma evolução.

**5. Hoje é uma data importante não só para os Estados Unidos, mas para todo o mundo, 11 de setembro. E todos os anos as imagens voltam-se a repetir-se, a passados 15 anos as mesmas imagens continuam a chocar, a impressionar. Acha que é importante estarmos sempre a recordar estes momentos?**

Sobretudo agora, que vemos que o terrorismo não está a recuar, muito pelo contrário está a crescer. E de alguma maneira, aqueles homens que atacaram as torres gémeas em Nova Iorque, neste momento têm descendentes.

O Estado Islâmico seria uma espécie de “Al-Qaeda 2.0” daquela altura. E que neste momento estão a tentar fazer atentados de outro tipo, mas que no fundo é exatamente a mesma coisa, é o mesmo princípio, o mesmo objetivo e a mesma ideologia, com ligeiras diferenças. Então, eu acho que é muito importante.

## **Anexo 2. Entrevista Cândida Pinto - SIC (12-09-2016)**

### **A. Carreira enquanto Repórter de Guerra**

#### **1. Sempre quis ser repórter de guerra ou foi algo que surgiu na sua carreira?**

Foi algo que surgiu na minha carreira.

#### **2. Qual foi o primeiro impacto no primeiro trabalho que fez nesta área?**

O primeiro impacto foi forte, claro, porque de certa forma é um teste às capacidades de trabalho, resistência, compreensão de uma situação violenta. Foi em Angola em 1992 quando recomeçou a guerra civil, na batalha de Luanda.

#### **3. O que é que lhe despertou o interesse neste campo e a fez continuar?**

Tinha acompanhado na altura as negociações de paz de *Bicesse* e as primeiras eleições em Angola. Conhecia os intervenientes e a situação. O reacender do conflito foi um recuo numa situação que se julgava pacificada. De certa forma dispunha de *know how* para interpretar os acontecimentos e seguir a sua evolução.

#### **4. Uma mulher repórter de guerra é raro?**

Não é assim tão raro, encontram-se bastantes mulheres nos palcos de conflito embora nunca sejam a maioria.

##### **4.1. Ser mulher neste meio é difícil, alguma vez foi tratada de forma diferente?**

Sim, já aconteceu, sobretudo nos países árabes onde alguns líderes religiosos têm dificuldade em responder a perguntas colocadas por mulheres. Mas um interprete masculino pode resolver a situação.

### **B. Vida em Cenário**

#### **1. Como se enfrenta um cenário de guerra?**

Enfrenta-se sempre com todos os cuidados e uma enorme atenção a tudo o que nos rodeia. Nada está adquirido porque as situações são muito voláteis e os cenários de guerra mudam bastante.

Tenho sempre receios/medo e isso faz parte da estrutura que nos mantêm mais alerta. Não ter medo pode ser muito irresponsável e perigoso. Há, no entanto, que saber lidar com o medo e não nos deixarmos paralisar por ele.

**1.2. Em termos psicológicos como se regressa destes cenários?**

Regressa-se diferente porque somos expostos a graus de stress e sofrimento muito elevados.

**2. É possível retirar coisas positivas de locais em guerra?**

Sim é possível. Encontra-se normalmente nestas situações seres humanos que nos dão grandes lições de vida. Gente que perde tudo e está disponível para recomeçar a vida, gente que perde tudo e está disponível para ajudar os outros.

**3. Como é que se consegue manter a imparcialidade ao relatar histórias e momentos vividos em cenários de guerra?**

Essa questão é muito delicada e não existe imparcialidade absoluta porque quando estamos mergulhados numa situação não dominamos todo o panorama e alcance dessa mesma situação. O que é fundamental é manter um elevado nível de honestidade e tentar aproximarmo-nos dos factos, da verdade dos factos, o mais possível.

**4. Quais são as maiores dificuldades quando chegam a um local de guerra?**

São muitas, desde o local seguro onde se possa pernoitar, a nossa própria segurança e do material que transportamos connosco (sobretudo equipamento de televisão); encontrar um interprete responsável (quando estamos em locais em que não se domina a língua como é o caso do Médio Oriente); tentar compreender o que nos rodeia e porque é que os acontecimentos estão a ter determinado caminho.

**5. Já sentiu que a estavam a tentar manipular para passar determinada mensagem?**

Sim, isso é inerente a muitas situações extremas. Há que estar alerta para esse tipo de manipulação.

**6. Já regressou a algum lugar onde esteve num cenário de guerra, sem ser em trabalho?**

Já, ao Líbano.

**7. Guerra na Líbia e Trípoli são palavras e momentos que nunca esquecerá? Como viveu aqueles momentos, em direto, em que tinha que se proteger, esconder o medo e informar os telespectadores do que estava a acontecer? Temeu não regressar?**

Sim, foi uma situação muito especial, rápida e inesperada. O meu objetivo era tentar entender e reportar o que se estava a passar, sendo que a situação estava a mudar de minuto a minuto. Nestas circunstâncias (estava em direto) o que se procura é avançar na narrativa para tentar perceber que tipo de perigo nos rodeia, que tipo de evolução poderá

ter. O facto de estarmos a trabalhar de certa forma protege-nos de um medo que pode ser paralisante. Nunca penso que não vou regressar.

#### **8. Tem mais histórias em cenários de guerra?**

Sim, tenho várias na fronteira Turquia/Síria, no Afeganistão, Iraque, Líbano, Kosovo, Geórgia, Angola, Guiné-Bissau entre outras.

#### **9. Qual foi a guerra mais difícil onde esteve?**

É difícil identificar um local mais perigoso do que outro porque os perigos mudam muito consoante os cenários em jogo, seja um conflito regional, uma invasão, uma guerra civil, uma guerra é sempre um cenário difícil.

#### **10. Qual é o local na sua perspetiva mais perigoso?**

Atualmente o local mais perigoso é a Síria dada a desordem e o grau de crueldade que se passa no país.

### **C. A importância da Imagem**

#### **1. Qual a importância da imagem neste momento no jornalismo?**

A imagem é muito importante porque mais do que nunca vivemos uma cultura visual. Mas dada a forma instantânea dos nossos tempos, o imediatismo da internet / redes sociais, o trabalho do jornalista é fundamental para tentar distinguir o verdadeiro do falso. É muito frequente surgirem imagens de grande impacto que não são verdadeiras, embora atribuídas a determinadas situações.

#### **2. Que género de imagens é que os espectadores mais procuram, o que é que capta mais audiência neste momento?**

Os espectadores procuram imagens de grande impacto, é inerente à curiosidade humana. Mas é preciso ter em conta a cultura de cada país. Há imagens que são demasiado violentas e que ao contrário de aproximarem, repugnam os espectadores.

#### **3. Que género de informação procura recolher, a que tipo de fontes recorre?**

Recorro a todas as fontes possíveis embora tente sempre perceber o contraditório para chegar a uma informação mais aproximada da verdade.

#### **4. Que tipo de imagens procuram recolher nestes locais?**

Depende das situações, mas procura-se recolher imagens que sejam ilustrativas da situação que se está a viver, que possam ajudar os espectadores a compreenderem a situação.

**5. Há imagens que não utilizadas por serem demasiado fortes? Como se faz a seleção do que passa em TV?**

Sim, há imagens que não fazem sentido utilizar porque não contem elementos que acrescentem à compreensão a história, podem ser apenas momentos de sensacionalismo mórbido. Mas é preciso ter em conta que um conflito não é um cenário pacífico, bonito ou cómodo. Por isso tem de ser muito bem doseado o que se mostra ou o que não se mostra.

**6. Já se deparou com imagens que não podia mesmo passar?**

Sim.

## **Anexo 3. Entrevista Humberto Trezzi - Jornalista Brasileiro (1-07-2016)**

### **1. Como funciona o mundo do jornalismo de guerra?**

Eu não sou jornalista de guerra. Sou jornalista. Estive em algumas guerras, inclusive escrevi um livro onde conto as histórias do que passei, *Em Terreno Minado*. Descreve viagens a pelo menos 12 países atingidos por guerras, revoluções, terremotos, tentativas de golpes políticos e também atingidos pelo crime organizado.

Um jornalista que cobre guerras é raro no Brasil. Os mais dedicados a isso são os ingleses, norte-americanos e russos. Vivem de guerra em guerra, migrando. Não param na redação, a vida deles é uma viagem constante. Alguns desenvolvem traumas devido ao impacto negativo do que cobrem.

### **2. Normalmente que tipo de imagens e informações procuram encontrar num campo de guerra/terrorismo?**

As de impacto. Podem ser delicadas - como pessoas a chorar no meio das ruínas - ou mesmo chocantes, como mutilações. Depende do veículo em que será publicada e do tipo de público a que se destina.

No meu caso, tento descrever a rotina do se viver no lugar onde a normalidade desapareceu. Onde o governo está instável ou ausente. Onde pessoas armadas tentam destruir outras pessoas armadas. Onde o cotidiano é um caos constante.

### **3. Quais são os maiores receios quando se vai para um “campo de batalha”?**

Eu tenho mais receio de ficar mutilado ou ser torturado. De morrer, nem tanto... Faz parte do risco. Ficar refém ou ser torturado é o meu pesadelo.

### **4. O que o impulsionou a fazer este tipo de jornalismo?**

Eu faço, normalmente, cobertura de crime. Um dia decidiram que eu tinha frieza e calma suficientes - diante de locais de risco - para atuar também em guerras. Foi assim que estive em Angola, Haiti, Timor Leste e na primavera Árabe (Egito, Tunísia e Líbia - essa, duas vezes).

Gosto de aventura. Sempre gostei de testar limites. E acho que o jornalismo também tem a missão de iluminar o que acontece nestes lugares atingidos pelo caos.

### **5. Do seu vasto curriculum, consegue contar algumas histórias interessantes sobre o tema?**

Na Líbia eu ia a acompanhar soldados que estavam a tentar na tentar “atacar” uma refinaria. Os militares leais ao governo reagiram e começaram a bombardear os soldados. Uma carrinha que estava à minha frente do meu carro caiu numa cratera de bomba, o nosso carro tentou travar mas batemos. Eu fiquei ferido, fiquei com o olho cheio de vidros. Saí do carro, o bombardeamento continuava, contei 9 bombas ao lado do veículo...Fui levado para uma ambulância. Enquanto estava a ir para o hospital, dois jatos atacaram a ambulância, com bombas. Erraram. Sobrevivi.

No Rio de Janeiro, tentei entrevistar um grupo de traficantes de droga. Fizeram-me refém. Fiquei algumas horas com eles, até se convencerem que eu era realmente jornalista e me libertarem.

Duas vezes atiraram contra mim no Rio. Erraram.

**6. As imagens tornaram-se uma peça fundamental no mundo do jornalismo, como explica este facto?**

Creio que a palavra escrita é cada vez mais um luxo a que poucas pessoas se dedicam (eu sou um deles, prefiro ler a ver). A maioria prefere imagens, os meus filhos, inclusive. E as empresas jornalísticas perceberam isso e apostaram cada vez mais em imagens. O jornal onde trabalho usa vídeos em todas as matérias importantes, além dos textos (no site ou impressos).

**7. Considera importantes as imagens hoje em dia, acha que as audiências procuram cada vez mais ver imagens para comprovar a verdade das notícias?**

Sim, mas não só para comprovar a verdade. Existem outras formas de perceber se algo é verdadeiro (som, documentos, entrevistas gravadas). A questão é que as pessoas têm preguiça de ler. Preferem ver.

**8. Que tipo de imagens conseguem mais espectadores?**

Acho que as espetaculares. As dramáticas. As comoventes.

## Anexo 4. Entrevista Maria João Cunha - Secção online RR (20-09-2016)

1. Que importância tem neste momento a imagem e o vídeo no site da Rádio Renascença?

A multimédia é desde cedo uma aposta da Renascença. Em 2006, apenas um ano depois do nascimento do Youtube, foi dos primeiros sites de rádio do mundo - pioneiro também em Portugal - a apostar no vídeo. Desde então, a Renascença tem marcado a dianteira nesta área de várias formas - e o caminho e o resultado respondem bem à questão da “importância”:

a) É o primeiro meio de comunicação em Portugal a produzir conteúdos vídeo específicos a pensar no publico mobile - noticiário vídeo V+ Informação.

26 Setembro 2011 - Produção vídeo da Renascença formalizada como marca própria, como *webtv* - Renascença V+. Lança o 1º noticiário vídeo de curta duração para consumo “*on the go*”, digital, mobile e redes sociais - o V+ Informação.

b) A Renascença é primeira rádio em Portugal a fazer diretos simultâneos e interativos rádios e vídeo (o mais recente na canonização da Madre Teresa de Calcutá)

13 Março 2013 - Emissão vídeo e rádio interativa, em direto, a partir do Vaticano, na eleição do Papa Francisco. A Renascença é o único meio português a transmitir imagem, em direto, da noticia da eleição. Pode ser revisto aqui: <http://rr.sapo.pt/papafrancisco/>

c) É a primeira rádio em Portugal a mostrar os bastidores de um relato (cerca 2007), algo que faz agora em jogos de grande dimensão.

d) Recentemente, apostamos, por exemplo, em diretos vídeo no Facebook - durante o Euro 2016, com os repórteres enviados a França.

e) Fomos também dos primeiros meios a produzir reportagens multimédia “imersivas” e multiplataforma.

f) E a apostar e criar “*motion graphics*” - design para imagem em movimento - específico para conteúdos vídeo.

Neste percurso a Renascença já foi distinguida por diversas vezes por esta aposta. Venceu 13 PRÉMIOS OBCIBER - 5 anos excelência (2015, 2013, 2012, 2011, 2010) + vários vídeo jornalismo; reportagem multimédia; infografia; ultima hora; 2 PRÉMIOS GAZETA MULTIMÉDIA - Catarina Santos - A Sul da Sorte; Na Bósnia, 20 anos são dois dias (2014, 2015); entre outros (como o Prémio Nacional Multimédia)

**2. Consideras importante uma notícia estar sempre acompanhada de conteúdo multimédia?**

Sim, é importante. Mas depende da notícia, depende da necessidade. É sempre o formato que se adapta ao conteúdo e não o contrário. Pensamos sempre na melhor forma de contar uma história e de a explicar. E essa “forma” pode ser uma infografia estática, ou dinâmica, ou um vídeo, ou um mapa ou simplesmente uma foto galeria ou uma só foto... No limite, pode não haver qualquer conteúdo dinâmico... Ou pode não haver sequer “notícia”, em texto, e ser só um vídeo. Certamente que se a história beneficiar disso, sim, procuramos ter multimédia.

**3. É possível perceber se as notícias que estão acompanhadas por conteúdo multimédia têm mais visualizações?**

Os nossos números indicam-nos que sim, tendencialmente, mas claro que há sempre outros “fatores” a interferir nas visualizações. Podemos, no entanto, dizer que as pessoas perdem tendencialmente mais tempo a ver notícias com elementos multimédia que ajudam a explicar, contextualizar, visualizar uma história - são visualizações qualitativamente, até, mais relevantes.

**4. Que género de notícias é mais importante lançar vídeos e imagens?**

Em notícias que são naturalmente mais visuais ou que incluem, pelo menos, uma ação - e que, por isso, se compreendem melhor quando vistas ou mostradas. Também em últimas horas.

Depois, em temas estratégicos que editorialmente consideramos muito importantes; para *soundbites* muito fortes ou momentos “*no comments*” que podem marcar a atualidade; para momentos exclusivos da rádio; e, claro, em reportagens/histórias que consideramos estratégicas e relevantes (as reportagens multimédia ou vídeo).

**5. Terrorismo e guerra são dois temas que requerem mais conteúdo multimédia?**

Não necessariamente. Mais uma vez, depende do tipo de história. Há histórias que não conseguimos contar visualmente (um relato longínquo, um sujeito que não quer ser identificado, uma opinião de um especialista) e que por isso são contadas apenas com texto. Mas também é verdade que são temas que se prestam a ser acompanhados de infografias (mapas, gráficos...), por necessitarem de explicação e contexto adicional. É um esforço que temos tentado fazer no turbilhão da produção diária: procurar oferecer essa “multimédia” adicional para esses temas.

## **Anexo 5. Entrevista José Pedro Frazão - Jornalista Rádio Renascença (26-09-2016)**

### **A. Experiência enquanto repórter em zonas de conflito**

**1. Alguma vez pensou, no início da carreira, partir para um local de conflito/terrorismo?**

Nunca.

**2. Qual foi o primeiro impacto no primeiro trabalho que fez nesta área?**

O primeiro trabalho nesta área foi uma reportagem no Kosovo, na Ex-Jugoslávia, um ano após o fim da operação militar da NATO. Foi a primeira de várias reportagens naquela região. Recordo a sensação de tensão entre sérvios e albaneses do Kosovo, as marcas de um ódio que nunca tinha sentido, a precariedade nas comunidades, o papel das instituições internacionais. Percebi que gostava de fazer aquele tipo de reportagens, de sair da redação e explorar as diversas possibilidades de reportagem. Curiosamente a última vez que lá estive foi no dia em que aquele território declarou a independência, nove anos depois da minha primeira reportagem no terreno.

**3. O que é que lhe despertou o interesse neste campo e o fez continuar?**

O interesse que descrevi foi aumentando. As possibilidades de fazer essas reportagens dependem da ordem que nos é dada pela Direção de Informação e depende de muitos fatores incluindo a predisposição pessoal e profissional para estes trabalhos. Não é algo que dependa apenas da nossa vontade.

### **B. Vida em Cenário**

**1. Como se enfrenta um cenário destes?**

Regra geral, faço muita pesquisa prévia, mesmo com muito pouco tempo disponível. Para mim é essencial perceber minimamente para onde vou e com a experiência dos anos e o conhecimento da atualidade, é muito mais fácil fazer essa preparação. Isso inclui naturalmente a preparação de um conjunto de "estojos" para trabalhar no terreno. Refiro-me a questões técnicas, cabos suplementares, pilhas, lanternas, canivete (quando era possível transportar com mais facilidade) ou um transístor. Mas também há cuidados prévios relacionados com a roupa e calçado a usar, para além de uma bolsa de higiene pessoal o mais portátil possível e que incluía analgésicos, vitaminas e comprimidos para complicações gástricas.

### **1.1. Não tem receios/medos? Em termos psicológicos como se regressa destes cenários?**

A parte psicológica tem esses dois momentos. Quando se vai, a avaliação de segurança (com recurso a documentação, mas sobretudo a contactos com fontes) é fundamental para um trabalho minimamente em segurança. Pessoalmente, mesmo em situações previsivelmente mais complicadas, prefiro trabalhar logo à partida com uma atitude de precaução. Estar informado e alertado para os perigos é essencial. Portanto se houver medo, esse medo é "saudável", pois permite-nos uma atitude de permanente avaliação de riscos.

Chegados ao terreno, fazemos essa avaliação com base na nossa observação. Depois, há sempre uma componente de risco. Gostávamos todos que fosse calculado, mas nem sempre é assim. Claro que é preciso ter alguma coragem, mas só nos mandam em reportagem se isso existir em nós. O repórter de rádio anda muitas vezes sozinho, ao contrário de uma dupla de televisão, por exemplo. Uma das formas de minimizar o risco é fazer parilha com algum outro repórter, uma vez que enfrentam juntos uma situação nova e podem até partilhar recursos. Essa é aliás uma das minhas maneiras preferidas de agir no terreno. Claro que já tomei algumas decisões mais arriscadas, mas geralmente não estive sozinho nessas decisões.

O regresso é por vezes complicado e depende muitas vezes da magnitude da experiência vivida em cada reportagem. O que vivemos dificilmente é entendido por familiares ou amigos que não estão no meio jornalístico. Daí que muitas vezes possamos vir mais calados, por exemplo - O contraste entre as nossas rotinas em Portugal e as rotinas entretanto estabelecidas no país estrangeiro onde trabalhámos por vezes dias e dias quase sem dormir é muito grande. Além da parte psicológica, que nunca me afetou particularmente, há no meu caso um processo de normalização fisiológica que demora alguns dias, onde é essencial descansar, dado que trabalho sempre nos limites do cansaço. Acho que depois acabamos por desenvolver uma vontade de voltar a este tipo de cenários, embora não consiga explicar o mecanismo psicológico em causa.

### **2. Como é que se consegue manter a imparcialidade ao relatar histórias e momentos vividos em locais como estes?**

O repórter é um ser humano, tem uma visão sempre subjetiva do que relata. Ele é um observador e o colega ao lado pode observar a mesma situação de uma forma muito diferente. O que sabemos é que a profissão exige um equilíbrio entre essa subjetividade e a honestidade /rigor. Num conflito existem pelo menos duas partes e geralmente até bem mais do que essas. O repórter deve relatar o que observa, procurar o máximo de informação para relatar com honestidade e equilíbrio e se possível pensar sempre que há

diversas interpretações e análises do mesmo acontecimento. Às vezes dá muito trabalho, mas é preciso tentar garantir essa diversidade de pontos de vista.

**3. Quais são as maiores dificuldades quando chegam a estes locais?**

As maiores dificuldades são na maioria logísticas. Onde dormir, como fazer deslocações, avaliar necessidade de intérprete, gerir o orçamento que temos e administrar os nossos kits de trabalho (carregamentos de baterias, pontos de rede de telemóvel ou internet, etc)

**4. Esteve como repórter no pós 11 de setembro pela TVI, como foi essa experiência? Achas que o mundo mudou com este acontecimento, o medo instalou-se?**

A TVI pediu-me para fazer diretos a partir de Islamabad, Paquistão num quadro em que não tinha ninguém no terreno. Foi interessante, fazer televisão em direto num topo de um hotel ao lado das grandes cadeias internacionais. Se o mundo mudou? Mudou um bom bocado e acelerou um conjunto de fenómenos que se vivem um pouco por todo o mundo desde então: o terrorismo, a utilização dos alvos civis, a violência extrema da atuação de alguns grupos terroristas, a insegurança nas sociedades ocidentais, a incompreensão do fenómeno religioso, a incapacidade de controlo interno de certos fenómenos religiosos, etc.

**5. Em 2005, atentados de Londres? Como foi a experiência num local atacado pelo terrorismo?**

Aterrei em Londres algumas horas depois dos atentados e foi uma experiência estranha. Obviamente que havia medo naquelas horas em Londres, mas sobretudo uma grande capacidade de autocontrolo dos londrinos. Foi para mim inicialmente surpreendente como a cidade de certa forma absorveu o choque. Depois, refletindo, percebi que culturalmente havia um histórico que o explicava.

**6. Esteve em três meios distintos e em todos eles fez trabalhos deste género? Quais são as principais diferenças? Em televisão há preocupação mais com a imagem? E na rádio com a descrição de cada momento?**

Em televisão, no que toca a cenários de conflito, fiz apenas diretos. Para o jornal Público, escrevi por exemplo uma reportagem em Leeds no bairro de onde saíram os bombistas desses atentados de Londres. A rádio ajuda a televisão, no sentido de que a capacidade de descrição é essencial para ambos os meios. Na imprensa, o cuidado na linguagem é muito maior e deu-me muito gozo. Na televisão, a imagem é decisiva mas saber contar resumidamente o que acontece ou meramente descrever as imagens carece de capacidade de sínteses que a rádio ajuda a trabalhar.

## 7. Consegue fazer um apanhado de locais e situações onde esteve e por que estação?

Sou jornalista da Rádio Renascença, editor de informação, função que exerço há mais de uma década. Apresento o programa Edição da Noite, único espaço alargado e diário de informação noturna na rádio nacional, onde se incluem os programas Falar Claro, Fora da Caixa, Conselho de Diretores, entre outros debates.

Iniciei-me em 1989 na Rádio Local de Torres Novas, onde comecei as minhas atividades jornalísticas.

Como repórter, fiz a cobertura de eventos em zonas de conflito, como a Bósnia, Sérvia, Kosovo, Paquistão, Irão e ainda nos atentados de Londres em 2005. E fiz colaborações especiais para a TVI, Público, BBC e Radio France Internacional.

Em 2002, recebi o prémio revelação de Rádio do Clube Português de Imprensa pelas reportagens durante a guerra do Afeganistão.

Tenho especialização também na área ambiental, e já fiz trabalhos sobre as principais questões relacionadas com este setor desde 1999. Acompanhei as Cimeiras da Terra de Joanesburgo e Rio+20.

Atualmente sou Presidente da Assembleia-geral da Associação de Repórteres de Ciência e Ambiente, da qual também fui sócio fundador.

Fui *International Visitor* dos Estados Unidos da América em 2003 e sou auditor do último Curso de Defesa Nacional.

Na área cultural fiz trabalhos nas Festas da Música do CCB e festivais rock de verão em 2004, e coordenei editorialmente a emissão da Rádio Renascença na primeira edição do festival *Rock in Rio-Lisboa*.

Como editor de informação notício sobre todos os assuntos da atualidade e já conduzi emissões especiais, das quais se destacam as da cobertura do Conclave após a morte do Papa João Paulo II e a visita de Bento XVI a Portugal.

Normalmente apresento as emissões especiais de informação em eleições autárquicas, legislativas e presidenciais na Rádio Renascença.

Apresentei o programa de entrevista “Diga lá Excelência” da RR e Jornal Público em colaboração com a RTP.

Participo ativamente na vertente multimédia do Grupo R/com. E venci o Prémio Melhor Reportagem Multimédia (distinção coletiva) - *ObCiber* em 2010, como repórter na reportagem: Berlim: 20 anos.

Em 2007, recebi o *American Club Award - Innovative Journalism in All Media*.

## **C. A importância da Imagem**

### **1. Qual a importância da imagem neste momento no jornalismo?**

A imagem é neste momento um fator crucial do jornalismo. Não creio que seja totalmente benéfico para o jornalismo, para a subsistência dos meios e para o pluralismo noticioso.

É crucial porque não é possível escapar ao domínio da imagem na sociedade atual. Para o bem e para o mal, direta e indiretamente, é ali que está hoje a nossa rotina, o nosso público. Não faria sentido ignorar esse domínio e criar jornalismo "contra a imagem".

Nesse sentido, importa tratá-la e ser exigente em relação ao seu conteúdo e impacto

Não é totalmente benéfico para o jornalismo porque este não pode ficar limitado ao que a imagem domina ou veicula.

Não é totalmente benéfico para a subsistência dos meios porque a rádio ou os jornais não podem viver só do que a imagem constrói. Estes meios devem também construir o seu meio num plano onde a palavra e o som emergem ao lado da imagem.

Não é totalmente benéfico para o pluralismo noticioso, porque o critério da imagem não pode ser aquele que domina sobre os outros na construção editorial de um projeto jornalístico. Dito de outra forma, o que passa por exemplo na televisão ou na internet não deve ser apenas repetido como caixa-de-ressonância pelos outros meios de comunicação social. Os atores que são sujeitos da imagem - comentadores, por exemplo - não devem ser considerados a única fonte de análise. Da mesma forma um evento importante para a comunidade ou para a civilização não deve ser discriminado por não conter imagem. A imagem é um meio, não um fim.

### **2. É jornalista de rádio, e neste meio existe o enorme poder da palavra, da voz. É possível falarmos de "uma imagem" formada através das vozes dos jornalistas?**

Sim, existe uma imagem que construímos no ouvinte. O poder de atração da rádio implica uma "imagem imaginária", pois o ser humano habitua-se a construir relações com base em rostos. Estabelecer uma ligação pela voz é algo de diferente e que inclui essa "imagem" construída de alguém só pela voz que tem. Nesse sentido, o poder da palavra aumenta substancialmente neste meio.